

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CURSO DE DOUTORADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM
ÁREA DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

**AQUISIÇÃO DO ARTIGO DEFINIDO EM PORTUGUÊS
COMO SEGUNDA LÍNGUA POR APRENDIZES COREANOS**

HAN CHUL KIM

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Letras da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul como requisito parcial para a
obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Margarete Schlatter

Porto Alegre

2005

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, que sempre acreditaram em mim com grande amor.

AGRADECIMENTOS

À professora Margarete Schlatter, minha orientadora, pela competência e por ter me acompanhado ao longo do caminho com toda a atenção, paciência e delicadeza;

À professora Marília dos Santos Lima, pelas bibliografias cedidas, sugestões e pelo estímulo com carinho;

À professora Ana Maria Stahl Zilles, pelas bibliografias cedidas, explicações e críticas com carinho;

Ao Sr. José Canisio Scher no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, pela ajuda e gentileza;

Ao CNPq, pela concessão da Bolsa de Doutorado durante 4 anos – “O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil”;

Aos professores da HUFS, Sung Doc Lee, I Hwan Jo, Young Su Choi, Seung Yong Lee, Pil Hwan Song, Eun Sook Lim, Edson Ferreira, pelo apoio e estímulo;

À família do professor da HUFS, Taek Dong Yoon, pela gentileza e ajuda essencial nos momentos difíceis;

Aos veteranos do departamento de português da HUFS, especialmente, Jae Min Jung, pelos conselhos e interesse;

Aos alunos coreanos, Ângela Lim, Flora Yang, Garcia Jung, André Han, Dudu Park, Violeta Ahn, Nicole Shin, Tite Yu, Alex Lee, Caco Moon, Gabriel Lee, Gilberto Jung, José Kim, Luis Shin, Gabi Kim, Lúcia Yim, Yasmin Jang, Emília Choi, Estela Kim, Yara Kim, Miri, Cristal Kwon, Joana Kwak, Rita Park, Luciana Jang, Mateus Kim, Emílio Park, Eliseu Ko, Afonso Jo, Sandra Choi, Saul Kang, Zico Choi e Inês Jung, por termos nos encontrado em Porto Alegre e termos passado bons momentos juntos;

À família do meu amigo e companheiro, Paulo Alex da Silva Souza, pela boa convivência e tantas ajudas;

Aos professores, colegas e ótimos amigos, Paulo Ferreira, Walkiria Sidi, Simone Kunrath, Marco Aurélio, André Rollo e Claudia Pereira, por me prestarem grande favor com todo o carinho;

Aos professores e amigos do Programa de Português para Estrangeiros da UFRGS, Letícia Bortolini, Letícia Santos, Cristina Gomes, Juliana Schoffen e Rodrigo Ramos, pelo interesse e pela participação de seminários;

Aos amigos da Academia Atlética, Jefferson Gonçalves, Susana Barcellos, Alexandre Messias, Veramarcia Fae, Maria Inês da Silva, Rogério Menegassi, Priscila Dick, Gabriella Strey, Rodrigo Selistre, Sandra Medvedovsky, Rosemeri Padilha, Bianca Cardoso, Eduardo Saraiva, Alexandre Fiore, Fernanda Souza, Patrícia Gheno, Gabriela Peterson, Daniel da Silva, Bruno Cordeiro, Rafael Soares, Guilherme Zardo, Juliano Barreto, Régis Vargas, Nelson Fagundes, Robson Amaral, Aline Rosa, Débora Pacheco, Luciana Pacheco, Clarissa Barlem, Laura Skavinski, Débora Skavinski, Sandra Alves, Renata Alves, Fernanda Volpini, Cristina Volpini, Roberta da Silva, Alex Machado, Zico e Sr. Moacir, pela atenção e vitalidade;

Aos demais amigos, Fabiano, Paola, Dirk, Ricardo, Fátima, Salete, Rafinha, Flávio, Claudia, Fabiane, Lúcia, Silvana, Cecília e Luciane, pela alegria do convívio;

Aos participantes desta pesquisa, Jung C. Jung, Sung H. Yu, Hyun S. Lee, Kyung T. Park, Soon C. Kim e Kun H. Jung, pelo interesse e pela disposição;

Aos meus amigos do SSREGS, pela confiança e atenção;

Finalmente, à minha família, pais, irmãos, cunhadas, sobrinhos pelo apoio, carinho, estímulo e pela confiança em todos os momentos.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURA E QUADROS	6
LISTA DE TABELAS	7
LISTA DE GRÁFICOS	10
RESUMO	11
ABSTRACT	12
1 INTRODUÇÃO	13
2 O USO DO ARTIGO DEFINIDO NO PORTUGUÊS DO BRASIL	18
2.1 A forma dos artigos.....	19
2.2 A função dos artigos.....	20
2.3 O emprego e a função do artigo definido	25
2.3.1 O uso do artigo definido em referência situacional	32
2.3.2 O uso do artigo definido em referência textual	42
2.3.3 O uso do artigo definido em referência genérica	44
2.4 A variação no uso do artigo definido	49
2.5 Outros aspectos relacionados ao uso do artigo definido	63
2.5.1 O uso na substantivação de outros elementos	63
2.5.2 A repetição do artigo definido	65
2.5.5 A omissão do artigo definido	67
3 AQUISIÇÃO DE ARTIGOS	70
3.1 A aquisição de artigos em L1	70
3.2 A aquisição de artigos em L2	77
3.3 O papel da língua materna: Transferência e Interlíngua	82
4 METODOLOGIA	91
4.1 Objetivos	91
4.2 Participantes	91
4.3 Geração de dados	94
4.4 Análise dos dados	99

5 RESULTADOS	101
5.1 O processo de aquisição do artigo definido	102
5.2 As características e estratégias do processo da aquisição	121
5.3 Outras características do processo da aquisição	132
5.4 O uso do artigo definido diante de possessivos	141
5.5 O uso do artigo definido diante de antropônimos	148
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	155
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	159
APÊNDICES	169
ANEXOS	170

LISTA DE FIGURA E QUADROS

Figura 1 Roda semântica para referência de sintagma nominal	78
Quadro 1 Formas dos artigos	19
Quadro 2 Formas do artigo definido de contração com preposições	19
Quadro 3 Formas do artigo indefinido de contração com preposições	20
Quadro 4 Hipótese de 4 estágios para a aquisição de artigos em inglês	72
Quadro 5 Comparação do uso de artigos entre o inglês, o português e o coreano nos 4 contextos resultantes da combinação de referente específico (especificidade: SR) e conhecimento pressuposto do interlocutor (pressuposição: HK)	82
Quadro 6 Hierarquia de dificuldade de Stockwell, Bowen e Martin (1965a, 1965b)	90
Quadro 7 Categorização das funções para a análise	100

LISTA DE TABELAS

Tabela 1-1	Uso dos artigos em cada função e tarefa (João / encontros 1-4)	104
Tabela 1-2	Uso dos artigos em cada função e tarefa (João / encontros 5-8)	104
Tabela 1-3	Uso dos artigos em cada função e tarefa (João / encontros 9-12)	104
Tabela 1-4	Uso do artigo definido como 1ª menção em cada categoria (João / encontros 1-4)	105
Tabela 1-5	Uso do artigo definido como 1ª menção em cada categoria (João / encontros 5-8)	105
Tabela 1-6	Uso do artigo definido como 1ª menção em cada categoria (João / encontros 9-12)	106
Tabela 2-1	Uso dos artigos em cada função e tarefa (José / encontros 1-4)	106
Tabela 2-2	Uso dos artigos em cada função e tarefa (José / encontros 5-6)	107
Tabela 2-3	Uso do artigo definido como 1ª menção em cada categoria (José / encontros 1-4)	107
Tabela 2-4	Uso do artigo definido como 1ª menção em cada categoria (José / encontros 5-6)	108
Tabela 3-1	Uso dos artigos em cada função e tarefa (Pedro / encontros 1-4)	109
Tabela 3-2	Uso dos artigos em cada função e tarefa (Pedro / encontros 5-8)	109
Tabela 3-3	Uso dos artigos em cada função e tarefa (Pedro / encontros 9-12)	110
Tabela 3-4	Uso do artigo definido como 1ª menção em cada categoria (Pedro / encontros 1-4)	111
Tabela 3-5	Uso do artigo definido como 1ª menção em cada categoria (Pedro / encontros 5-8)	111

Tabela 3-6	Uso do artigo definido como 1ª menção em cada categoria (Pedro / encontros 9-12)	111
Tabela 4-1	Uso dos artigos em cada função e tarefa (Paulo / encontros 1-4)	112
Tabela 4-2	Uso dos artigos em cada função e tarefa (Paulo / encontros 5-8)	112
Tabela 4-3	Uso dos artigos em cada função e tarefa (Paulo / encontros 9-12)	113
Tabela 4-4	Uso do artigo definido como 1ª menção em cada categoria (Paulo / encontros 1-4)	114
Tabela 4-5	Uso do artigo definido como 1ª menção em cada categoria (Paulo / encontros 5-8)	114
Tabela 4-6	Uso do artigo definido como 1ª menção em cada categoria (Paulo / encontros 9-12)	114
Tabela 5-1	Índice do uso do artigo definido na contração com preposições (João)	138
Tabela 5-2	Índice do uso do artigo definido na contração com preposições (José)	138
Tabela 5-3	Índice do uso do artigo definido na contração com preposições (Pedro)	139
Tabela 5-4	Índice do uso do artigo definido na contração com preposições (Paulo)	139
Tabela 6-1	Índice do uso do artigo definido diante de possessivos por brasileiros porto-alegrenses	141
Tabela 6-2	Índice do uso do artigo definido diante de possessivos por coreanos (Par 1)	143
Tabela 6-3	Índice do uso do artigo definido diante de possessivos por coreanos (Par 2)	145
Tabela 6-4	Índice do uso do artigo definido diante de possessivos por coreanos (Par 3)	146
Tabela 7-1	Índice do uso do artigo definido diante de antropônimos por brasileiros porto-alegrenses	149
Tabela 7-2	Índice do uso do artigo definido diante de antropônimos por coreanos (Par 1)	150

Tabela 7-3 Índice do uso do artigo definido diante de antropônimos por coreanos (Par 2)	151
Tabela 7-4 Índice do uso do artigo definido diante de antropônimos por coreanos (Par 3)	152

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Frequência de uso do artigo definido de acordo com a região diante de possessivos e de antropônimos	60
Gráfico 2	Mudança de uso dos artigos em 1ª menção (João)	116
Gráfico 3	Mudança de uso dos artigos em 2ª menção (João)	116
Gráfico 4	Mudança de uso dos artigos em 1ª menção (Paulo)	117
Gráfico 5	Mudança de uso dos artigos em 2ª menção (Paulo)	117
Gráfico 6	Comparação de uso do artigo definido em 1ª menção	118
Gráfico 7	Comparação de uso do artigo definido em 2ª menção	118
Gráfico 8	Comparação de ausência dos artigos em 1ª menção	119
Gráfico 9	Comparação de ausência dos artigos em 2ª menção	119

RESUMO

Os aprendizes de português como segunda língua ou língua estrangeira mostram dificuldades no processo de aquisição por vários motivos. Para coreanos, o sistema de artigos, entre outros fatores gramaticais, é um dos fatores que causam dificuldade porque não há artigos na língua coreana. O presente estudo tem como objetivos principais investigar o processo de aquisição do artigo definido em português como segunda língua por aprendizes coreanos e comparar a realização do artigo definido por brasileiros e por coreanos no caso de uso opcional. Para isso, discutimos o uso do artigo definido, observamos estudos anteriores sobre a aquisição de artigos e buscamos apoio teórico nos conceitos de transferência, interlíngua e variação. Os dados foram gerados longitudinalmente através de entrevistas com 6 falantes de coreano aprendendo português como segunda língua em Porto Alegre. Categorizamos as funções do artigo definido em: uso em primeira menção, uso em segunda menção e uso genérico. Em seguida, analisamos as características e as inadequações do processo de aquisição e comparamos o uso diante de possessivos e de antropônimos com dados de 2 brasileiros. Os resultados mostram um domínio do artigo zero (\emptyset) por aprendizes coreanos, o que pode estar refletindo uma transferência do sistema da língua materna ou a esquia devido à diferença entre o coreano e o português e à complexidade do próprio sistema. Os resultados também sugerem que os participantes ainda estavam na fase inicial de desenvolvimento do sistema de artigos, sendo que o uso mais produtivo do artigo definido ocorreu na contração com preposições. São discutidas algumas implicações do estudo para o ensino de português como segunda língua, especificamente, para alunos coreanos.

ABSTRACT

The learners of Portuguese as a second or foreign language face difficulties in the process of acquisition for various reasons. For Koreans, the article system, among other grammatical factors, is one of the factors that cause difficulty because there are no articles in the Korean language. This study has as its aims to investigate the process of acquisition of the definite article in Portuguese as a second language by speakers of Korean and compare the use of the definite article by Brazilians and by Koreans in the case of optional use. In order to do that, we have approached the use of the definite article based on grammatical and pragmatical justifications, we have also observed previous studies about the acquisition of articles and we have searched for theoretical support in the concepts of language transfer, interlanguage and language variation. The data were generated longitudinally by means of interviews with 6 speakers of Korean learning Portuguese as a second language in Porto Alegre. We have categorized the functions of the definite article as: use in first mention, use in second mention and generic use. Afterwards, we have analysed the features and the inadequacies of the process of acquisition and compared the uses before possessives and before people's names with data from 2 Brazilians. The results show dominance of the zero article by Korean-speaking learners, possibly reflecting a transfer from the native language system or avoidance due to the difference between the Korean and Portuguese languages and to the complexity of the article system. They may also suggest that the participants were still in an initial stage in the development of the article system, with the more productive use of the definite article occurring in the contraction with prepositions. Our study offers some considerations for the tuition of Portuguese as a second language, specifically, for Korean students.

1 INTRODUÇÃO

Vários fatores que ocorrem em relação à aquisição do português por falantes de outras línguas causam dificuldades aos aprendizes. Entre os fatores que causam grande dificuldade aos falantes de coreano na aquisição da língua portuguesa está a aquisição do sistema de artigos, que não existe na língua coreana.

O reconhecimento da complexidade de comparar línguas evidenciou-se em vários estudos, entre os quais o de Stockwell, Bowen e Martin (1965a, 1965b). Em vez de dicotomizarem os resultados da comparação de línguas em fácil e difícil e, portanto, dicotomizar as necessidades de aprendizagem em posição sim/não, os autores estabeleceram uma hierarquia de dificuldade e, por implicação, uma hierarquia de aprendizagem. Nessa hierarquia, a categoria mais difícil é a que há **diferenciação**. A língua X tem uma forma mas a língua Y tem duas. Segundo esse ponto de vista, o falante de inglês aprendendo italiano (ou português) descobriria que a tradução equivalente do verbo *to know* é difícil porque em italiano há duas possibilidades: *sapere*, no sentido de saber um fato, ter conhecimento de algo ou saber como fazer algo, e *conoscere*, no sentido de ter familiaridade. O segundo e o terceiro tipo de diferença entre línguas ocorrem quando há uma categoria presente numa língua X e ausente numa língua Y. Por exemplo, o falante de japonês (ou coreano) deverá adquirir a **categoria nova** do sistema de artigos no inglês (ou português). Um exemplo do terceiro tipo é o falante de inglês aprendendo japonês, onde a categoria de artigos é uma **categoria ausente**. A quarta diferença, **união**, ocorre em situações opostas à diferenciação, como o falante de italiano aprendendo o verbo *to know* em inglês. Por fim, **correspondência** ocorre quando há equivalência de uma forma na outra língua, como pluralidade em inglês e italiano.

Nossa pesquisa diz respeito ao segundo tipo dessa hierarquia de dificuldade. O sistema de artigos do português é uma categoria nova para o falante de coreano. Nosso objetivo é analisar como o falante de coreano adquire esse subsistema em português.

Quanto ao valor do estudo comparativo entre línguas, Odlin (1989: 4) comenta que o ensino pode ser mais efetivo através da consideração das diferenças entre línguas e entre culturas. Por exemplo, um professor de português consciente das diferenças e semelhanças dessa língua com o coreano e o inglês poderá compreender melhor os problemas dos aprendizes falantes de coreano e falantes de inglês e melhorar o ensino. Assim, um estudo das diferenças e/ou semelhanças lingüísticas e culturais poderá oferecer subsídios não só para os aprendizes mas também para professores de línguas. Um estudo nessa linha poderá servir como recurso para um entendimento de como a aquisição da língua-alvo ocorre e poderá servir de subsídio para professores no sentido de melhor compreender o processo de aquisição de seus alunos como também de preparar materiais didáticos mais adequados.

Para desenvolver a nossa discussão, distinguimos aqui segunda língua (L2) de língua estrangeira (LE). Segundo Gass & Selinker (2001: 4-5), *aquisição de L2* significa a aprendizagem de outra língua depois que a língua materna foi aprendida. Às vezes, esse termo se refere à aprendizagem de terceira ou quarta língua. O termo significa a aquisição de uma L2 tanto em contato com falantes da L2 como em sala de aula. Aqui, usaremos o termo L2 para referir à situação de aquisição do português por coreanos no Brasil. Por outro lado, *aprendizagem de LE* se refere à aprendizagem de uma língua não-nativa no ambiente da língua nativa. Por exemplo, falantes de coreano aprendendo português na Coreia. A aprendizagem de LE ocorre comumente dentro do contexto da sala de aula. Aqui usaremos o termo LE somente para nos referirmos à situação de aprendizagem da Coreia. O ponto importante é que aprendizagem em um ambiente de L2 ocorre com acesso considerável aos falantes da língua aprendida em diversas situações do cotidiano.

No contexto de ensino de português como L2, no qual foi desenvolvida esta

pesquisa, o foco principal é o uso da língua, a comunicação, e as explicações gramaticais são apresentadas para auxiliar o aluno na sistematização do que está usando e aprendendo. Ao contrário, no ensino de português como LE na Coreia, as atividades comunicativas focalizadas no significado são poucas e enfatiza-se mais a aprendizagem da gramática da língua.

No ensino de L2, a abordagem experimental advoga o uso natural da língua, enfatizando as atividades significativas e o conteúdo (Allen, 1983; Stern, 1992). A suposição básica dessa abordagem é que a aprendizagem de L2 ocorre da mesma forma que a aquisição da primeira língua (L1), ou seja, pela experiência com a comunicação de vida real e atividades significativas. Contudo, vários pesquisadores na área de aquisição de L2 afirmam que a mera exposição à língua não é suficiente para a aquisição de determinadas estruturas lingüísticas (DeKeyser, 1998; Harley, 1998; Lightbown, 1998; Spada & Lightbown, 1993). Esses pesquisadores advogam uma abordagem mais focalizada na forma, argumentando que as atividades que focalizam meramente o conteúdo são inadequadas para desenvolver um uso com correção, e que, para compensar essas inadequações, alguns tipos de atividades focalizadas na forma precisam ser incorporados aos contextos comunicativos de sala de aula. Segundo Larsen-Freeman (1995: 131), há alguns mitos sobre o ensino e a aprendizagem da gramática, entre os quais o de que “A gramática é adquirida naturalmente; isso não precisa ser ensinado.” É verdade que alguns aprendizes sem instrução de L2 adquirem, com sucesso, a gramática de L2. Todavia, essa questão merece a designação de mito porque não são todos os aprendizes que a adquirem com sucesso somente através da exposição. Para muitos, o ensino da gramática pode ser uma peça-chave para compreender e usar o sistema da L2 com mais segurança e adequação.

O contexto de aprendizagem do português como L2 por aprendizes coreanos no Brasil é bem mais rico do que o do português como LE, porque as oportunidades de exposição à língua portuguesa são inúmeras e muito mais freqüentes. No entanto, o ensino focalizado na forma pode auxiliar o processo de aquisição da L2 e, especificamente, do subsistema de artigos. Nesse sentido, esta tese visa a contribuir para o ensino, oferecendo aos professores de português como L2 mais subsídios para o foco

na forma e assim auxiliar a aprendizagem desse subsistema pelos alunos coreanos.

Segundo Callou, Leite & Moraes (1995: 114), o português do Brasil caracteriza-se pelo uso opcional diante de possessivos e diante de antropônimos. Conforme Callou (2000) e Callou, Leite & Moraes (1995), toda língua apresenta variação interna, variação essa que obedece a própria necessidade de intercomunicação. Numa área extensa como a do Brasil, a língua não poderia manter uma unidade absoluta e a diversidade que existe reflete, como se sabe, essa pluralidade sociocultural. No nosso caso, analisaremos o uso do artigo definido também em situação de variação.

Focalizando neste trabalho o processo de aquisição do artigo definido em português como L2 por falantes de coreano, desenvolvemos uma pesquisa longitudinal com seis participantes coreanos e comparamos os resultados com dados de variação regional. O presente estudo tem como objetivo, portanto, investigar o processo de aquisição do artigo definido em português como L2 por coreanos e comparar a realização do artigo definido diante de possessivos e de antropônimos nos dados de coreanos com dados de brasileiros. As perguntas que nos propomos a responder são as seguintes:

1. Como ocorre o processo de aquisição do artigo definido por coreanos?
 - 1a. Quais são as características do processo da aquisição?
 - 1b. Quais são as inadequações do processo da aquisição?
2. Como os coreanos usam o artigo definido diante de possessivos e de antropônimos?
 - 2a. Quais são as características do uso do artigo definido nesse contexto?
 - 2b. Como o uso de coreanos se compara com o uso de brasileiros nesse contexto?

Após esta Introdução, no Capítulo 2, discorremos sobre o uso do artigo definido, como apresentado nas gramáticas e em descrições lingüísticas da língua portuguesa. Através dessa descrição, sistematizamos os usos obrigatórios e opcionais do artigo definido e apresentamos as categorias para a análise dos dados desta pesquisa. No Capítulo 3, examinamos estudos sobre aquisição de artigos em L1 e L2 e discutimos o papel da língua materna no processo de aquisição de L2. No Capítulo 4, apresentamos a

metodologia e no Capítulo 5, apresentamos os resultados, analisando as características e as inadequações do processo de aquisição do artigo definido e o uso opcional diante de possessivos e de antropônimos. No último capítulo, apresentamos as considerações finais.

2 O USO DO ARTIGO DEFINIDO NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Neste capítulo, em primeiro lugar, apresentamos a forma e a função do artigo definido, comparando-o com o artigo indefinido, para formar o conceito do artigo definido. Discutimos também a noção de definitude na língua coreana. Em segundo lugar, examinamos o emprego do artigo definido em detalhe, sistematizando o seu uso. Por último, utilizamos os estudos de Callou (2000) e Callou, Leite & Moraes (1995) para discutir a questão da variação no uso do artigo definido e complementamos a discussão com trabalhos descritivos na área.

A consulta a gramáticas do português – como Cunha & Cintra (2001), Luft (1989), André (1988), Bechara (2003), Kury (1972) – com a finalidade de fazer um levantamento sobre os usos do artigo definido e do artigo indefinido revela que todas têm a mesma abordagem, ou seja, uma descrição de natureza predominantemente sintática. Após apresentarmos esses usos, consideraremos aspectos pragmáticos de uso em situação de comunicação com base em Kato (1974), que aborda o artigo definido sob o enfoque da semântica gerativa, utilizando a noção de foco e pressuposição para a informação nova e dada.

Entre as gramáticas citadas, a descrição das regras do emprego do artigo definido que faremos aqui está baseada principalmente em Cunha & Cintra (2001), uma das mais completas gramáticas do português. Como a maioria dos exemplos citados nessa gramática foi extraída de obras literárias, consultamos também a gramática de Neves (2000), que traz exemplos extraídos de vários textos contemporâneos: livros, revistas e jornais. Optamos por apresentar essas regras no intuito de oferecer uma contribuição aos professores de português como L2, sistematizando o que encontramos

sobre o tema.

2.1 A forma dos artigos

O Quadro 1 abaixo apresenta as formas simples dos artigos em português.

Quadro 1
Formas dos artigos

	Artigo definido		Artigo indefinido	
	singular	plural	singular	plural
masculino	o	os	um	uns
feminino	a	as	uma	umas

Quando o nome está em função de complemento ou de adjunto com as preposições *a*, *de*, *em* e *por*, o artigo definido que o acompanha combina-se com essas preposições, como apresentado no Quadro 2.

Quadro 2
Formas do artigo definido de contração com preposições

	Artigo definido			
Preposições	o	a	os	as
<i>a</i>	ao	à	aos	às
<i>de</i>	do	da	dos	das
<i>em</i>	no	na	nos	nas
<i>por</i>	pelo	pela	pelos	pelas

Por outro lado, o artigo indefinido pode contrair-se apenas com as preposições *de* e *em*, como no Quadro 3.

Quadro 3

Formas do artigo indefinido de contração com preposições

	Artigo indefinido			
Preposições	um	uma	uns	umas
<i>de</i>	dum	duma	duns	dumas
<i>em</i>	num	numa	nuns	numas

2.2 A função dos artigos

Com base em Cunha & Cintra (2001: 210-212), os artigos determinam o nome, indicando-lhe o gênero e o número. Comparando-se as seguintes frases,

ex.: a. Chegou **uma** menina linda, com **um** picolé na mão.

b. Chegou **a** menina linda, com **o** picolé na mão.

c. Chegou **esta** menina linda, com **este** picolé na mão.

verifica-se que a determinação dos nomes *menina* e *picolé* vai se tornando mais precisa à medida que se passa do artigo indefinido (um, uma) para o artigo definido (o, a) e, depois, para o demonstrativo (este, esta). No primeiro caso, indica-se apenas a espécie dos nomes que são apresentados ao ouvinte. No segundo, restringe-se a extensão do significado dos nomes, individualizando-os, definindo-os. No terceiro, limita-se ainda mais o sentido dos nomes, que aparecem situados no espaço e no tempo. Exemplificando: esta menina linda não é uma menina linda qualquer (indefinido), nem a menina linda, que o interlocutor conhece (definido), mas a que está no momento perto da pessoa que fala.

Em outras palavras, Cunha & Cintra (2001) definem a função dos artigos como

O artigo definido é, essencialmente, um sinal de notoriedade, de conhecimento prévio, por parte dos interlocutores, do ser ou do objeto mencionado. Ao contrário, o artigo indefinido é por excelência um sinal da falta de notoriedade, de desconhecimento individualizado, por parte de um dos interlocutores (o ouvinte), do ser ou do objeto em causa [...] O artigo indefinido serve principalmente para a apresentação de um ser ou objeto ainda não conhecido do ouvinte ou do leitor [...] Uma vez apresentados o ser e o objeto, não há mais razão para o emprego do artigo indefinido, e o escritor ou o locutor deverá usar daí por diante o artigo definido (CUNHA & CINTRA, 2001: 211-237).

Nota-se que o autor coloca o indefinido como específico de primeira menção e o definido como específico de segunda menção, o que é em geral a distribuição encontrada nas gramáticas.

Brown (1973: 342-343) mostra que o artigo indefinido é usado para executar as seguintes funções de discurso:

a) introduzir um nome para o ouvinte que é específico para o falante mas não para o ouvinte;

ex.: Hoje conheci uma colombiana.

b) mostrar que o nome não possui um referencial específico tanto para o falante quanto para o ouvinte;

ex.: Preciso comprar um cinto.

c) referir a um nome que é não-específico para o falante mas que presume-se que seja específico para o ouvinte.

ex.: Sabemos que você está escondendo um homem na sua vida.

Segundo Frawley (1992: 76-81), “especificidade” refere-se a “unicidade, individual, ou acessibilidade referencial de uma entidade em um mundo mentalmente projetado”. Tanto no modo filosófico como no modo lingüístico, a especificidade é uma propriedade independente que não é sempre inerente em uma entidade (como em nome próprio) mas é induzida a partir do contexto lingüístico e pragmático. A especificidade está relacionada com a definitude. E o definido “tende a ser *conhecido*, e se conhecido, tende a ser *referencialmente acessível*; se referencialmente acessível, tende a ser *específico*; se específico, tende a ser *definido*”.

Tendo como pressuposto uma relação entre formas e significados, Givón (1984: 387-406) propõe três marcações de nomes com relação à sua definitude e especificidade, a saber:

a) definidos, que são predominantemente específicos, e ocorrem com determinantes, numerais e quantificadores;

ex.: a. Eu vi que **o cachorro** saiu.

b. Eu vi **dois cachorros** saírem.

c. Ela comprou **100 gramas** de presunto.

Em todos os exemplos acima, os nomes são interpretados como específicos.

b) indefinidos, que podem ser específicos ou não-específicos;

ex.: a. Estou querendo contratar **um assessor**.

b. Ela pariu **um nenê**.

Indefinidos podem ser não-específicos ou específicos, como no exemplo a. (um assessor qualquer ou um dado assessor). No entanto, o exemplo b. deve ser interpretado como específico porque não nasceu um nenê qualquer mas nasceu um nenê específico.

c) genéricos, que podem ser também específicos ou não-específicos.

ex.: Eu compro **rosas** todos os dias.

Esse exemplo pode ser interpretado como não-específico (algumas rosas) ou como específico (aquelas rosas), nesse caso apenas pragmaticamente. Na Seção 2.3.3, discutimos o uso genérico mais detalhadamente.

Em relação ao uso anafórico do artigo definido, as diferenças que se notam entre o português e o coreano são as seguintes:

ex.: (C) ____ _ _ ____ _.

na-nun tchaek han guon-ul sata.

eu livro 1 vol. comprar (tempo passado)

(P) Eu comprei um livro. (1ª menção)

(C) ____ () ____ _____.

gurona (gu) tchaek-ul iroboryota

mas (esse) livro se perder (tempo passado)

(P) Mas o livro se perdeu. (2ª menção)

Como não há artigo definido no coreano, na 2ª menção, pode-se expressar definitude através de demonstrativo “ ” *gu* (esse) no lugar de artigo definido. No entanto, o demonstrativo também pode ser omitido.

Em outras palavras, a definitude e a especificidade podem ser marcadas por Ø em coreano. Marca-se com um quantificador ou um pronome indefinido (ex: um, algum) o que não é específico em uma primeira menção e depois, a partir da segunda menção, pode-se marcar com os demonstrativos (ex: esse, este) ou Ø. Para enfatizar ou

retomar a primeira menção de um nome, pode-se usar os demonstrativos na segunda menção, mas, em geral, não há necessidade de marcar o referente já mencionado, a menos que sejam usados os pronomes (ex: ele, ela). Já a partir da terceira menção, Ø é preferido. Exemplificando:

ex: a. (C) han sonyo-ga guir-ul gotgoita.

han sonyo-ga guir-ul gotgoita

1 menina rua estar andando (gerúndio)

(P) **Uma** menina está andando na rua. (1ª menção)

(C) () _____.

(gu) sonyo-nun aju yepuda

essa menina muito ser bonito (tempo presente) ou

Ø menina muito ser bonita (tempo presente).

(P) **A** menina é muito bonita. (2ª menção)

ex: b. (C) _____.

oton gãaji-ga nae yo-pe anjata.

algum cachorro meu em lado sentar (tempo passado)

(P) **Um** cachorro sentou no meu lado. (1ª menção)

(C) _____.

na-nun (i) gãaji-rul baraboata.

eu **este** cachorro olhar (tempo passado) ou

eu Ø cachorro olhar (tempo passado)

(P) Eu olhei **o** cachorro. (2ª menção)

Portanto, para as seguintes formas em português,

ex. 1a. O gato toma leite.

1b. Os gatos tomam leite.

1c. Um gato toma leite.

1d. Gato toma leite.

1e. Gatos tomam leite.

como não existe o sistema de artigos em coreano, só há três formas, sendo que *um* tem a função de quantificador:

ex.: 2a. (C) _____ .

han goyãi-ga uyu-rul masinda

1 gato leite tomar (tempo presente)

(P) Um gato toma leite.

2b. (C) _____ .

goyãi-ga uyu-rul masinda

gato leite tomar (tempo presente)

(P) Gato toma leite.

2c. (C) _____ .

goyãi-duri uyu-rul masinda

gatos leite tomar (tempo presente)

(P) Gatos tomam leite.

Segundo Kato (1974: 90-91), na língua portuguesa, como o artigo pode ocorrer livremente na posição de sujeito, tanto com nomes específicos como com nomes genéricos, as orações 1a. e 1b. são ambíguas, enquanto para 1d. e 1e. só há uma interpretação semântica. Na posição de objeto, entretanto, parece haver uma restrição bastante rígida com relação à ocorrência de artigo:

ex.: 3a. O gato toma o leite.

3b. *Gato toma o leite.

A oração 3a. só tem uma interpretação semântica, qual seja, específica, enquanto que, com a interpretação genérica, para sujeito, não podemos ter artigo no objeto.

Já se usamos o tempo passado, o sintagma nominal só pode ser interpretado como específico:

ex.: 4a. O gato toma leite.

4b. O gato tomou leite.

Em 4a., o sintagma nominal pode ter o traço específico ou genérico enquanto em 4b., pode apenas ser específico.

Outra função dos artigos, quer seja definido (o, a, os, as), quer seja indefinido (um, uma, uns, umas), é introduzir o nome indicando-lhe o gênero e o número. Assim

sendo:

a) Qualquer palavra ou expressão antecedita de artigo se torna nome. Por exemplo¹:

(1) O ato literário é o conjunto **do escrever e do ler**. (CC2001)

(2) Que motivo é este **do “não sei quê”**, pergunta o Leitor. (CC2001)

b) O artigo faz aparecer o gênero e o número do nome. Por exemplo:

(3) **o** cliente / **a** cliente (CC2001)

(4) **o** pires / **os** pires (CC2001)

Com isso, permite a distinção de nomes homônimos, tais como:

(5) **o** cabeça / **a** cabeça (CC2001)

(6) **o** caixa / **a** caixa (CC2001)

(7) **o** capital / **a** capital (CC2001)

2.3 O emprego e a função do artigo definido

De acordo com Neves (2000: 396), o artigo definido desempenha duas funções sintáticas, a da determinação e a da substantivação. No primeiro caso, o artigo definido é tido como determinante do nome. No segundo caso, o artigo definido, precedendo outros elementos que não o nome, ao mesmo tempo, define-os como nomes e tem a função de determinante.

Como já vimos, o artigo definido ocorre, em geral, em sintagmas em que estão contidas informações conhecidas tanto do falante como do ouvinte. O que determina sua presença, entretanto, é a intenção do falante e o modo como ele quer comunicar uma determinada experiência. O uso do artigo é, pois, extremamente dependente do conjunto de circunstâncias, lingüísticas ou não, que cercam a produção do enunciado.

Conforme Perini (1998: 56-57), o estudo da gramática tem a ver com a distinção entre situações anafóricas e situações não-anafóricas. A gramática estuda a

¹ Os exemplos a partir daqui foram retirados do capítulo 9 de Cunha & Cintra, 2001 (CC2001) e da parte de Neves, 2000 (N2000).

estrutura das formas lingüísticas e seu significado dentro dos limites máximos do período, não considerando a eventual inserção dos períodos dentro de contextos lingüísticos e extralingüísticos. O contexto é estudado por disciplinas especiais: a *análise do discurso*, que se ocupa da estrutura e interpretação de textos e a *pragmática*, que se ocupa da relação dos enunciados lingüísticos com as situações extralingüísticas em que se inserem.

Segundo Neves (2000: 391-393), de um modo geral, o artigo definido ocorre em sintagmas referenciais em que a definição é obtida no contexto extralingüístico, no próprio contexto lingüístico (que faz-se referência a elementos que se encontram no texto) e em sintagmas referenciais genéricos.

a) Referência situacional (exófora) no contexto extralingüístico

- referência direta: o falante se refere a um elemento presente na situação de enunciação.

Por exemplo:

(8) **O guarda** mete o dinheiro no bolso e vai saindo. (N2000)

(9) Pensa que não vi **o garoto** sair do seu quarto? (N2000)

- referência indireta: a referência depende exclusivamente do conhecimento compartilhado entre falante e ouvinte, e os interlocutores sabem a que entidade se faz referência, apesar de ela não estar presente na situação de fala. Por exemplo:

(10) O jantar de ontem **no restaurante** me trouxe recordações do nosso namoro, da época em que você escreveu Hortência. (N2000)

(11) Assim, um grande número de investigadores sofreu graves prejuízos, ao mesmo tempo em que a emissão da moeda agravou **a inflação** já existente. (N2000)

b) Referência textual (endófora) no contexto lingüístico

- Em uma porção anterior do texto - referência direta (anáfora): Por exemplo:

(12) Bom dia, dona Angelina. Vim cá lhe procurar pois preciso de sua ajuda, estou a fazer uma simpatia portuguesa, lá de minha aldeia, para curar o meu sobrinho Sílvio. **O menino** não anda bem. (N2000)

(13) Os três homens avançam com cautela. **O homem 1** traz alguns fuzis enrolados em sacos de aniagem. (N2000)

• Em uma porção anterior do texto - referência indireta (anáfora associativa): Por exemplo:

(14) Um concerto a quatro mãos só funciona quando **o roteirista** e diretor tocam a mesma melodia. (N2000)

(15) É sua lâmpada de Aladino a bicicleta e, ao sentar-se **no selim**, liberta o gênio acorrentado ao pedal. (N2000)

• Em uma porção posterior do texto (catáfora). Por exemplo:

(16) **O dinheiro** é todo meu, que ela roubou. (N2000)

(17) **As sementes** que ele planta hoje, não verá, usualmente, frutificar. (N2000)

c) **Referência genérica.** Por exemplo:

(18) “**O homem** nasce livre, e no entanto, por todas as partes está acorrentado”, dizia o pai da Revolução, Rousseau. (N2000)

(19) **A biblioteca** é um reflexo da capacidade e da personalidade do bibliotecário dela encarregado. (N2000)

Incluem-se entre as referências genéricas os usos atributivos do artigo definido:

(20) **O ganhador** receberá um troféu “Bronze” e deverá concorrer posteriormente com os classificados dos outros municípios. (N2000)

(o ganhador = “quem é / quem for o ganhador”)

(21) Certos cursinhos praticam um verdadeiro terrorismo: espalham que **o concorrente** está ensinando errado. (N2000)

(o concorrente = “quem é / quem for o concorrente”)

Brown (1973: 345-347) amplia as possibilidades de uso do artigo definido – que ele inicialmente coloca como possível só se a referência é bem específica tanto para falante como para ouvinte – para abranger uma série de “circunstâncias nas quais um falante, tendo em mente um referente específico, pode considerar que uma referência definida de sua parte recuperará o mesmo referente específico no ouvinte”. Essas circunstâncias poderiam ser reunidas em uso dêitico, referente óbvio, anáfora associativa e segunda menção, termos utilizados por outros pesquisadores com trabalhos

mais recentes. Brown chama-as de “regras psicológicas e sociais”.

Por outro lado, para Bennett-Kastor (1983), quase todas as ocorrências de artigo definido em primeira menção podem ser explicadas como uma competência pragmática. A autora sugere que devem ser acrescentados às listas de uso do artigo definido encontradas em gramáticas alguns itens constituídos por justificativas pragmáticas, quais sejam anáfora associativa e referente óbvio, isto é, referente de conhecimento comum com base cognitiva, social, psicológica.

De acordo com Neves (2000: 393-394), seja em uma referência situacional ou textual, podemos resumir as funções do artigo definido em determinar um nome comum particularizando um indivíduo dentre os demais indivíduos da espécie. Por exemplo:

(22) Não demorou e teve a má sorte de conhecer um guia de cego: **O garoto** metia-se nas multidões levando o seu homem. (N2000)

(23) Arranjaram-lhe uma cadeira perto da **mãe** de Raul. (N2000)

A partir daí se verifica que o sintagma com artigo definido singular necessariamente faz referência a um objeto único, quer o nome seja grafado com maiúscula (considerado como nome próprio) quer não:

(24) Conheço todo o percurso que **o sol** faz neste quintal. (N2000)

(25) A gente estava espiando **a lua**, ele agarrou na minha mão. (N2000)

(26) **A Terra** não é mais o centro do **Mundo**. **O Ocidente** não é mais o centro da **Terra**. (N2000)

(27) Sabe quanto ganha **o Presidente**? (N2000)

Se o objeto não é único, mas a referência é feita como se ele fosse único, também se usa o artigo definido:

(28) Fraturou **o pé** numa exibição de Bodas da Aurora. (N2000)

(29) **A perna** vai inchando e acabou-se. (N2000)

(30) Pede com **o dedo** nos lábios para ele fazer silêncio e se esconder. (N2000)

(31) Esquivou mas o murro ainda pegou **a orelha**. (N2000)

A partir daí se entende que o artigo possa transformar um nome classificador em um nome identificador. Por exemplo:

(32) Voz de Ø criança: Mãe!...Mãe!...Quero água...(N2000)

- (33) Voz da **criança**: Mãe!...Mãe!...Quero água...(N2000)
- (34) Choro de Ø criança...(N2000)
- (35) Choro da **criança**...(N2000)
- (36) O dinheiro já nos bastava para suportar os meses mais duros de Ø inverno.
(N2000)
- (37) O dinheiro já nos bastava para suportar os meses mais duros **do inverno**.
(N2000)

Comparando os pares acima, verifica-se que (32), (34), (36) são nomes classificadores enquanto (33), (35), (37) funcionam como nomes identificadores.

Segundo Neves (2000: 395), o fato de o artigo definido particularizar um indivíduo não significa que, mesmo usado com nome no singular, ele não possa ter um uso que se pode entender como genérico, desde que seja em referência a uma classe de pessoas, coisas, a uma instituição, como veremos mais adiante.

De acordo com Kato (1974: 33-43), a função do artigo é de concretizar um formativo lexical e o artigo Ø é um morfema de abstração. A diferença entre a função do artigo definido e a do artigo indefinido é que o definido explica que o nome engloba todo um campo de visão (= genérico) enquanto que o indefinido exprime um ponto específico. Por outro lado, o definido indica que o objeto ou sua qualidade é pressupostamente conhecido do interlocutor enquanto o indefinido indica que o objeto ou sua qualidade é pressupostamente desconhecido do interlocutor. O artigo definido se usa diante de nome para individualizar, especializar, ou generalizar os sentidos, distinguindo da abstração do nome desqualificado. E ainda, são apresentadas as seguintes definições: a) a função mais importante do artigo definido é indicar a coisa que é definida pelo conceito dentro de certo perfil ou limite imaginário – ex.: Ele está andando *na rua.*, Ronaldinho é o melhor jogador *do mundo.* (= referente óbvio); b) o artigo definido se usa em pessoa ou coisa que é única em gênero, ou seja, quando nos referimos a um conjunto que sabemos unitário por experiência extralingüística – ex.: *o sol, a lua* (= referente único); c) o artigo definido é posto diante de um nome para mostrar que a idéia expressada pelo nome foi já mencionada e para referir a declaração de novo – ex.: Encontrei *um professor* em Porto Alegre. *O professor* é muito famoso no

Brasil. (= anáfora); d) o artigo definido é colocado para definir a pessoa ou coisa descrita usualmente por genitivo, advérbio, sintagma preposicionado ou oração relativa – ex.: *o sapato do meu pai, a ponte lá, o cigarro em cima da mesa, a carteira que eu comprei ontem* (= catáfora etc.); e e) alguns nomes próprios exigem o artigo definido – ex.: *o Brasil, o Rio Grande do Sul, o Himalaia* (= topônimo).

Segundo Kato (1974: 135-143), a possibilidade de identificação de um particular pelo interlocutor, ou seja, a pressuposição do falante de que o ouvinte identificará o seu referente é uma das condições para o uso do artigo definido. Típicamente, há dois tipos de uso dos pronomes e do artigo definido: o uso dêitico (= referente compartilhado) e o uso anafórico (= 2ª menção). O termo *dêitico* designa como o ouvinte apreende a identidade do referente. Por isso o *dêitico* está sempre ligado a pronomes e demonstrativos. O que caracteriza uma descrição dêitica ou demonstrativa é uma identificação dentro de um contexto delimitado, quer dizer, em uma determinada cena. O outro uso, *anafórico*, aparece em uma ocorrência de dois sintagmas nominais (SNs) com o mesmo referente, e a 2ª menção tem a forma pronominalizada. A 2ª menção pode ser composta do componente léxico e do identificador. O componente léxico resulta de uma transformação que opera sobre a primeira menção – a substituição da SN por um pronome (ex.: *Lula* → *ele*), a substituição do SN pelo seu núcleo com artigo definido (ex.: *uma menina linda de olhos azuis e cabelos castanhos* → *a menina*) e a transformação baseada numa análise semântica do texto (ex.: *cerveja* → *essa bebida*).

Por outro lado, em uma situação real de conversação, não é possível explicar todas as relações existentes entre os particulares de que falamos, ou entre um particular e os participantes da conversa, ou as coisas presentes na cena da conversa. O conhecimento que temos do interlocutor e da situação leva em conta muitas coisas como óbvias (= referente óbvio). Então, vamos supor uma situação em que esteja um brasileiro A como falante e outro brasileiro B como ouvinte. O local e tempo seja o Brasil e o ano 2004. Se A falou a B “Quando o presidente viajou para a China...”, o presidente é evidentemente identificado como Lula. Mudando-se o local para a Coréia e

o tempo para o ano 1970, a identificação é totalmente diferente. Neste caso, são importantes os fatores espaciais e temporais para a identificação do referente. Percebe-se que o artigo definido, além do uso dêitico e anafórico, se usa por ser referente óbvio para os participantes da conversa.

Huebner (1983: 129-135) analisa a função semântica de SNs por meio das duas características: [+/- referente específico], [+/- conhecimento pressuposto do interlocutor]. As 4 combinações possíveis dessas características definem o que são chamados tipos semânticos (semantic types) por Huebner. Então, os 4 tipos de SN são os seguintes:

Tipo 1. [- Referente específico][+ Conhecimento pressuposto do interlocutor]

Tipo 2. [+ Referente específico][+ Conhecimento pressuposto do interlocutor]

Tipo 3. [+ Referente específico][- Conhecimento pressuposto do interlocutor]

Tipo 4. [- Referente específico][- Conhecimento pressuposto do interlocutor]

Entre os 4 tipos, nos Tipos 3 e 4 são usados artigo indefinido ou Ø em português. No Tipo 1, podem ser usados artigo definido, indefinido ou Ø como uso genérico. Exemplificando:

ex.: a. O tigre é (um) mamífero.

b. Os tigres são mamíferos.

c. Um tigre é (um) mamífero.

d. Ø Tigre é (um) mamífero.

e. Ø Tigres são mamíferos.

No Tipo 2, apenas o uso do artigo definido é adequado. Exemplificando:

a. Referente único ou referente único convencionalmente pressuposto

b. Referente fisicamente presente

c. Referente previamente mencionado no discurso

d. Referente específico compartilhado com o interlocutor

Voltaremos ao estudo de Huebner (1983) na Seção 3.2.

Na próxima seção, apresentaremos vários exemplos para cada um dos empregos levantados por Neves (2000) e Cunha & Cintra (2001), comentando também

as exceções à regra geral. Os exemplos podem servir de subsídio a professores de português como L2 e como LE, especialmente para os que precisam de parâmetros para explicar algumas regularidades desse subsistema a falantes de coreano ou de outras línguas que não possuem esse subsistema.

2.3.1 O uso do artigo definido em referência situacional

Como vimos anteriormente, neste caso, o falante se refere a um elemento presente na situação de enunciação ou a um referente compartilhado entre os interlocutores. Abaixo, listo os exemplos que podem ser categorizados como referência situacional.

- Uso como demonstrativo

O artigo definido provém do pronome demonstrativo latino *ille, illa, illud* (= aquele, aquela, aquilo). Esse valor demonstrativo foi-se perdendo pouco a pouco, mas subsiste ainda, embora enfraquecido, em alguns casos:

(38) Permaneceu **a** [= esta ou aquela] semana inteira em casa. (CC2001)

(39) Partimos **no** [= neste] momento para São Paulo. (CC2001)

(40) Levarei produtos **da** [= desta] região. (CC2001)

É também sensível o valor demonstrativo do artigo que faz evocar o nome como algo presente no espírito do locutor ou do ouvinte, situado, portanto, no tempo e no espaço. Colocando em outras palavras, o artigo definido usa-se junto de nome apresentado pelo falante como referente a algo ou alguém que o leitor ou o ouvinte sabe exatamente quem é, ou o que é:

(41) Olha Maria, é bom atizar **o fogo**, o quanto antes. (N2000)

(42) Eu quero saber o que foi que ele conseguiu com **o fazendeiro**. (N2000)

(43) Alguns dos industriais **da região** estão procurando atender ao esforço que vimos desenvolvendo. (N2000)

Pode-se observar que, nesses casos, o artigo definido corresponde a um demonstrativo nas gramáticas:

- (44) Olha Maria, é bom atizar **esse fogo**, o quanto antes. (N2000)
- (45) Eu quero saber o que foi que ele conseguiu com **aquele fazendeiro**. (N2000)
- (46) Alguns dos industriais **desta região** estão procurando atender ao esforço que vimos desenvolvendo. (N2000)

- Uso pelo possessivo

Equivalendo a um pronome possessivo, este emprego do artigo definido é freqüente antes de nomes que designam:

a) partes do corpo:

- (47) Passei **a mão** pelo **queixo**. (CC2001)
- (48) Eu podia ter quebrado **o braço**. (N2000)
- (49) Cala **a boca**. (N2000)

b) peças de uso pessoal:

- (50) Abel Matias, calado, veste **as calças** e **a camisa**. (CC2001)
- (51) Ao anoitecer vestiu **o impermeável**, enfiou **o chapéu** e saiu. (CC2001)
- (52) Puxou **a carteira** de cigarro **do bolso**, precisava refletir. (N2000)

c) faculdades do espírito ou sentimentos:

- (53) Chegou a tomar balanço para **as** habituais **meditações**. (CC2001)
- (54) Morrer ainda não. Só quando perder **a esperança**. (N2000)
- (55) Mastigando sem pressa, mirando-os, esqueceu **as angústias** e **os tormentos**. (N2000)

d) relações de parentesco:

- (56) Não, não era casado – morava com **os pais**, que sustentava com seu trabalho. (N2000)
- (57) Cozinhava para **os irmãos**, cuidava **das irmãs** menores. (N2000)
- (58) Evitou mesmo, aquela noite, acompanhar **a esposa** à vila Florentina. (N2000)

Não se emprega, porém, o artigo quando esses nomes formam com as preposições **de** ou **a** uma locução adverbial:

- (59) Pus-me **de joelhos**. (CC2001)

(60) Emagrece **a olhos vistos**. (CC2001)

(61) Tendo dificuldade para escrever, Antônio sempre guardou seus poemas **de memória** mas esqueceu a maioria das canções que compôs. (N2000)

- Uso com o superlativo relativo

O artigo definido é de emprego obrigatório com o superlativo relativo. Nesse caso, o artigo definido funciona como referente único por ordem especial ou posição dentro de um grupo. Precedendo um nome que esteja acompanhado de adjetivo em forma comparativa, o que resulta em um superlativo relativo:

(62) Elas são **a coisa mais bonita do mundo**. (N2000)

(63) A gula é **a mais bela das virtudes romanas**. (N2000)

(64) Era **o aluno mais estudioso da turma**. (CC2001)

Pode ocorrer a repetição do artigo quando a expressão do superlativo relativo está acompanhada de elemento que exprime idéia concessiva, pois neste caso se pode subentender o nome depois do segundo artigo:

(65) Essa façanha **os marinheiros ainda os mais audazes** não ousariam cometê-la. (CC2001)

(66) **O parto, ainda o mais fácil**, constitui sempre, para o feto, um traumatismo.
(N2000)

(67) Uma dificuldade que não pode ser esquecida é que **as mulheres, mesmo as mais liberadas e bem-sucedidas**, são, na sua maioria, românticas.
(N2000)

- Uso em expressões de tempo

a) Os nomes das quatro estações:

(68) Em setembro de 1973, no começo **da primavera**. (N2000)

(69) **O verão** carioca foi um dos mais quentes dos últimos anos e invadiu **o outono** sem maiores cerimônias. (N2000)

(70) As ruas de Praga são muito cinzentas **no inverno**. (N2000)

Como vimos, neste caso o artigo transforma um nome classificador em um nome identificador. Podemos dispensá-lo quando queremos apenas classificar o nome e neste caso, antecedido da preposição *de*, o nome funciona como complemento nominal ou adjunto adnominal:

(71) Num meio-dia de fim **de primavera** / Tive um sonho como uma fotografia. (CC2001)

(72) Hora sagrada dum entardecer / **De outono**, à beira-mar, cor de safira. (CC2001)

(73) Que noite **de inverno!** Que frio, que frio! / Gelou meu carvão: / Mas boto-o à lareira, tal qual pelo estio, / Faz sol **de verão!** (CC2001)

b) Os nomes de datas festivas:

(74) Convidado, contudo, a dizer alguma coisa sobre **o Ano Novo**. (N2000)

(75) Aproximou-se **o Natal**. (N2000)

(76) Qualquer coisa era um escândalo. Mas, **no Carnaval**, só dava eu. (N2000)

(77) **A Páscoa** está chegando e os ovos também. É verdade que os chocolates aumentam minhas espinhas? (N2000)

É, porém, de regra a omissão do artigo quando esses nomes funcionam como adjunto adnominal das palavras *dia*, *noite*, *semana*, *presente*, etc.:

(78) O primeiro **dia de Carnaval**. (CC2001)

(79) A **noite de Natal**. (CC2001)

(80) A **semana de Páscoa**. (CC2001)

(81) Um **presente de ano-bom**. (CC2001)

c) Os dias do mês, esteja ou não expresso o nome *dia*:

(82) Mesmo assim, pensando em esquecer, ele não consegue. À toda hora tem de contar aos amigos ou aos jornalistas como foi o seu seqüestro, feito pelos “Tupamaros”, **no dia 9 de setembro** e de quem ficou prisioneiro até **o dia 21 de novembro**. (N2000)

(83) A partir de então **o 1º de Maio** tornou-se um dia de luta de toda a classe operária. (N2000)

(84) Tanto Varnhagen como Tobias Monteiro (...) relatam **o 7 de Setembro** com o apoio de apenas dois depoimentos, o de Marcondes e Canto e

Mello. (N2000)

Não se usa, comumente, artigo nas datações:

(85) Em Ø **5 de maio** de 1789 abriu-se a sessão dos Estados-gerais. (N2000)

(86) Na véspera, sábado, Ø **treze de julho**, tendo estado em Sêbadas. (N2000)

(87) As propostas foram apresentadas a Ø **26 de janeiro** de 1971, tendo comparecido 5 dos 7 fabricantes pré-selecionados. (N2000)

d) Os nomes dos dias da semana:

(88) **A segunda-feira** é o único dia sagrado para não sair de casa, nem receber, estabelece Cristiane. (N2000)

(89) Os dois últimos saques ocorreram na **quinta-feira** e ontem. (N2000)

(90) **Aos domingos** saíam cedo para a missa. (CC2001)

Se o nome do dia da semana é empregado adverbialmente (como adjunto adverbial de tempo, sem preposição), não se usa artigo:

(91) Ø **Segunda-feira** procuro um médico e, desta vez, não fugirei. (N2000)

(92) Ø **Sexta-feira** decidi mudar minha estratégia e não matar mais ninguém de surpresa. (N2000)

(93) Pelo telefone, avisou os amigos que somente Ø **sábado** ou Ø **domingo** poderá viajar. (N2000)

e) As horas do dia, nas expressões adverbiais iniciadas por preposição:

(94) **Às duas horas** atingimos 2550 metros de altitude, e passamos a descer por uma encosta íngreme. (N2000)

(95) Quando a relojoaria abriu, aproximadamente **às oito horas**, comprou um relógio, marca Cooper, para presentear o seu pai. (N2000)

(96) **Ao meio-dia** já as águas do porto eram prata fundida. (CC2001)

O artigo não é usado nas indicações de horas do dia feitas com o verbo *ser*:

(97) Já é Ø **meio-dia**. (N2000)

(98) Pobre Marisa! São Ø **seis horas**. (N2000)

(99) Não a paca não vem, é Ø **uma hora**, são Ø **duas horas**, a paca está correndo, parece que virou o morro. (N2000)

- Uso com antropônimos

Os casos abaixo mencionados são usados com artigo definido, como uso obrigatório. Na Seção 2.4, trataremos do uso opcional diante de antropônimos.

a) sobrenomes designando um casal, uma família:

(100) Somente não tocava **nos Ribeiros**, porquanto o assunto devia constrangê-la. (N2000)

(101) **Os Andradas** jamais deixaram de ter um representante no Congresso Nacional. (N2000)

(102) Assim, era inadmissível que ela viesse a se interessar por qualquer “fato estranho” que estivesse ocorrendo na casa **dos Meneses**. (N2000)

A recomendação da gramática normativa é que os sobrenomes assim usados se pluralizem, mas isso nem sempre acontece, usando-se, muitas vezes, no plural, apenas o artigo definido.

(103) **Os Figueiredo** de hoje e de ontem diferem até fisicamente. (N2000)

(104) Tradicionalmente católicos, **os Kennedy** se divorciam e se recasam. (N2000)

(105) A última vez que se avistaram foi quando vinha de volta **dos Castra Peregrina**. (N2000)

b) nomes ou sobrenomes de artista (pintor, escultor) para designar suas obras:

(106) Logo fico sabendo ser o dono do quarto, e por conseguinte da cama e **do Picasso** na parede. (N2000)

(107) É por isso que **os Ticianos, os Manets, os Degas, os Cezanne, os Gauguin, os Matisse, os Van Gogh, os Picasso**, já não constituem para a cultura popular o espetáculo impossível, privativo dos que podem visitar aqueles luminosos centros de civilização e bom gosto. (N2000)

c) títulos, seguidos ou não do antropônimo:

(108) Escrevendo estas linhas, tenho em mente **o General Rondon** e sua obra nas fronteiras do Brasil. (N2000)

(109) Até 15 de junho, às segundas e quintas-feiras (...) serão proferidas palestras aos leigos católicos sobre **o Papa** e a importância de sua missão dentro da igreja. (N2000)

(110) Nós outros nada temos a chiar quando **o Ministro da Saúde** nos manda comer jornais e o da fazenda nos manda comprar à vista. (N2000)

d) uma classe de indivíduos, caracterizada por atributos semelhantes aos da pessoa designada pelo antropônimo:

- (111) Um país para dar certo depende mais **dos Dungas e dos Romários?** (N2000)
- (112) Temos de professar a fé nos teus Evangelhos, sem respeitos humanos, como **os Josés e os Nicodemos** depois da tua Morte. (N2000)
- (113) Em compensação, entendi a iconoclastia nacional, essa vocação generalizada para a tábula rasa, para vaiar o minuto de silêncio, malhar **os judas** e tascar. (N2000)

e) com nomes no plural referindo-se a indivíduos do mesmo nome:

- (114) Mas embora **os dois Ayatollahs** tivessem superado sua discórdia, permanecem as divisões profundas que dilaceram o país. (N2000)
- (115) **Os dois Renaults** largarão na primeira fila, seguidos pelo canadense Gilles Villeneuve, com Ferrari e por Nelson Piquet. (N2000)
- (116) **Os Pedros** que seríamos inseparáveis nos dias de terror, até o quinto ano: meu primo Pedro Jaquaribe Maldonado, com seu pincene de trancelim; o meu caro Pedro José de Castro, já míope, e que o destino faria novamente meu colega de profissão média e meu colega de Assistência Pública: Pedro da Silva Simões e eu, misérrimo, também Pedro, também da Silva, mas só que Nava. (N2000)

f) uma designação colocada como cognome, em aposição a um antropônimo:

- (117) Em qualquer parte que meus irmãos me encontrarem, digam apenas – **Isabel, a redentora** – porque estas palavras obrigar-me-ão a esquecer a família e tudo o que me é caro. (N2000)
- (118) As conquistas de **Alexandre, o grande**, da Macedônia, que viveu de 356 a 323 A.C., revolucionaram a estrutura geopolítica e o pensamento no mundo antigo. (N2000)
- (119) Achou estranho que os reis já mortos estivessem ali e não houvesse nenhum retrato de **Pedro, o Pacífico**. (N2000)

g) quando o antropônimo vem precedido de qualificativo:

- (120) Mas citou **o sábio Paulo Francis** que se lembrava do pensamento de lorde Acton. (N2000)

(121) Longe da marcação do maridinho, Tom Cruise, **a bela Nicole Kidman**, 28 anos, botou as pernocas de fora, num vestido que mais parecia homenagem às dançarinas de flamengo. (N2000)

(122) Decerto se assustara ao pensar na reação dela – afinal era namorada firme do seu amigo, **o bom Helmut**. (N2000)

- Uso diante de topônimos

1) O artigo definido emprega-se nos seguintes casos:

a) nomes dos continentes:

a América / a América Latina / a Ásia / a Europa / a África / a Oceania

b) nomes de regiões:

o Oriente / o Ocidente / a Amazônia / o Nordeste / o Sudeste / o Sul

c) nomes de montanhas, serras, vulcões, desertos:

o Himalaia / os Alpes / os Andes / o Aconcágua / o Saara / o Atacama

d) nomes de oceanos, mares, rios, lagos:

o Atlântico / o Pacífico / o Báltico / o Mediterrâneo / o Nilo / o Lemano

e) nomes de arquipélagos:

os Açores / as Canárias / as Maldivas / as Antilhas

f) nomes de grande parte das constelações:

o Cruzeiro do Sul / as Três-Marias / a Ursa Maior / a Via Láctea

Há, entretanto, nomes de constelações que se usam sem artigo definido:

Ø Áries / Ø Gêmeos / Ø Ofiúco / Ø Baleia / Ø Orion

g) nome de muitos países:

o Brasil / a Argentina / o Chile / o Paraguai / o Uruguai / o Peru /

a Coréia / o Japão / a China / os Estados Unidos / o Canadá / o México /

a Espanha / a França / a Inglaterra / a Itália / a Alemanha / a Rússia

Certos nomes de países não são usados com artigo:

Ø Portugal / Ø Angola / Ø Moçambique / Ø São Tomé e Príncipe /

Ø Cabo Verde / Ø Macau / Ø Timor / Ø Andorra / Ø Israel

Certos nomes de países são usados com artigo, mas podem ser usados sem artigo, principalmente quando regidos de preposição:

(123) Somos pela liberdade de Ø **Espanha**. (N2000)

(124) Não é de admirar que se tenha tornado o cirurgião de quatro reis de Ø **França**, Henrique , Francisco , Carlos , Henrique . (N2000)

(125) E tenho lãs de Ø **Inglaterra**. (N2000)

(126) A Suíça era azarão em seu grupo eliminatório, atrás de Ø **Itália**, Portugal e Escócia. (N2000)

(127) Ademais, beijando Alain Chartier, Margarida de Ø **Escócia** osculou a todos os poetas do mundo, simbolizando o preito da beleza à inteligência que a enaltece e que nela se inspira. (N2000)

No entanto, os casos acima provavelmente não serão relevantes para aprendizes de L2, já que caracterizam um caso bem específico de registro erudito.

h) nomes dos pontos cardeais e colaterais:

o leste / o oeste / o sul / o norte / o sudeste / o nordeste

Na indicação de direção e de origem, o artigo pode não ocorrer:

(128) Um bando de morcegos revooou para Ø **leste**, vindo da casa-grande. (N2000)

(129) A muralha andina e a imensidão do Pacífico parecem afastar hipotéticas ameaças provenientes de Ø **oeste**. (N2000)

(130) O caso, que revoltou a opinião pública de Ø **norte** a Ø **sul**, é emblemático. (N2000)

2) Não se usa em geral o artigo definido nos seguintes casos:

a) nomes de cidades e da maioria das ilhas:

Ø Porto Alegre / Ø São Paulo / Ø Belo Horizonte / Ø Manaus

Ø Lisboa / Ø Paris / Ø Seul / Ø Atenas / Ø Liverpool / Ø Lima

Alguns nomes de cidades que se formaram de nomes comuns conservam o artigo:

o Porto / o Rio de Janeiro / a Guarda / o Cairo / o Havre / a Haia

O nome “Recife” ocorre com e sem artigo:

o Recife ou **Ø Recife**

À semelhança dos nomes de países, usam-se com artigo alguns nomes de ilhas:

a Córsega / a Sardenha

b) nomes de planetas e estrelas:

Ø Mercúrio / Ø Vênus / Ø Marte / Ø Júpiter / Ø Saturno

Ø **Sírius** / Ø **Canópus** / Ø **Vega**

3) Não é uniforme o emprego do artigo definido com os nomes dos estados brasileiros.

a) A maioria leva artigo:

**o Acre / o Amazonas / a Bahia / o Ceará / o Espírito Santo / o Maranhão /
o Pará / a Paraíba / o Paraná / o Piauí / o Rio de Janeiro /
o Rio Grande do Norte / o Rio Grande do Sul**

b) Outros nomes de estados brasileiros empregam-se mais comumente sem o artigo definido:

Ø **Goiás** / Ø **Pernambuco** / Ø **Rondônia** / Ø **Sergipe**

c) Há, ainda, outros nomes de estados do Brasil que só se empregam sem artigo:

Ø **Roraima** / Ø **Santa Catarina** / Ø **São Paulo**

d) Ocorrem indiferentemente com e sem artigo os nomes dos seguintes estados:

**as Alagoas e Ø Alagoas / o Amapá e Ø Amapá / o Mato Grosso e
Ø Mato Grosso / o Mato Grosso do Sul e Ø Mato Grosso do Sul /
as Minas Gerais e Ø Minas Gerais / o Tocantins e Ø Tocantins**

- Uso diante de nomes de instituições, obras construídas e siglas

(131) **O pentágono** negou, entretanto, que existia um bloqueio noticioso.

(N2000)

(132) A oferta de automóveis na faixa de preços básicos, onde se inclui **o Gol**, está caminhando para a modernização. (N2000)

(133) O representante **do MEC** confirmou que todos os nove países membros reconhecem formalmente a China. (N2000)

- Uso depois da palavra *ambos*

Ambos é uma palavra que, em português, antecede o artigo pertencente ao mesmo sintagma. Se o nome determinado por *ambos* é claro, é de regra o emprego do artigo definido:

(134) Para **ambos os sexos**, a partir dos dezesseis anos e meio de idade os cursos já estão abertos. (N2000)

(135) Como os muros laterais do quintal eram muito baixos e havia vizinhos de **ambos os lados**, eles só podiam ir ao banheiro à noite. (N2000)

(136) Vasco apoiou os cotovelos nela e segurou o rosto com **ambas as mãos**.
(CC2001)

2.3.2 O uso do artigo definido em referência textual

Como vimos anteriormente, esta situação refere-se a referência direta (anáfora) ou indireta (anáfora associativa) de uma porção anterior do texto ou a uma porção posterior do texto (catáfora). Abaixo, listo os exemplos que podem ser categorizados como referência textual.

- Uso com a palavra *casa* particular

Quando a palavra *casa* está particulada por adjunto adnominal, ou seja, quando vem indicado o proprietário, é mais comum o emprego de artigo definido antes de *casa*:

(137) Nossa partida foi marcada para as oito da manhã do sábado diante da **casa de Lorenzo**, em via Piacenza. (N2000)

(138) Ouvei risos de Érica, fui até a rua, o som vinha da **casa do vizinho**.
(N2000)

(139) Foi um golpe esta carta; não obstante, apenas fechou a noite, corri **à casa de Virgília**. (CC2001)

Mas, emprega-se sem artigo em localizações adverbiais desacompanhada de determinação ou qualificação, se refere à “residência”, ao “lar” da pessoa de quem se trata:

(140) Tínhamos os nossos jarros, dentro de Ø **casa**. (N2000)

(141) Às quatro da madrugada entrou em Ø **casa**. (CC2001)

(142) Eu já não vinha cedo para Ø **casa**. (N2000)

- Uso com nomes de meses específicos

Os nomes próprios dos meses usam-se sem artigo mas quando especificados

(por um adjetivo, por um sintagma preposicionado, por uma oração relativa), os nomes de meses podem ocorrer com artigo definido:

(143) 1968 tinha tido **o maio da revolta dos estudantes** na França. (N2000)

(144) **O agosto que dá título à minissérie da Globo** é uma referência célebre na História brasileira. (N2000)

Nesse caso, o uso do artigo definido também pode ser interpretado como pronome que substitui “mês” como os seguintes: o (mês de) maio...; o (mês de) agosto....

- Uso com antropônimos qualificados

Usa-se com artigo definido quando o antropônimo vem acompanhado de restrição ou qualificação referente a algum aspecto, época ou circunstância da vida do indivíduo:

(145) Seu amor ao futebol começou no campeonato mundial de mil novecentos e trinta e oito, quando, ouvindo falar das famosas bicicletas de Leônidas da Silva, **o Pelé da época**, ficou tão entusiasmado que o futebol integrou-se na sua vida. (N2000)

(146) **O Breno que eu conhecia** era ajustado. (N2000)

- Uso com topônimos qualificados

Como os antropônimos, os topônimos passam a admitir o artigo desde que acompanhado de qualificação ou de determinação:

(147) Gosto da **Ouro Preto de Guignard**. (CC2001)

(148) Não poderíamos imitar o modelo paraguaio em um país mais desenvolvido, e nem tentar, na década dos 70 repetir os melhores momentos da Espanha de Franco ou **do Portugal de Salazar**. (N2000)

- Uso com possessivos pospostos

Se o possessivo está posposto ao nome, este vem normalmente precedido de artigo:

(149) Oh, metade adorada de mim / Lava **os** olhos **meus** /

Que a saudade é o pior castigo. (N2000)

(150) Os pais de Pedro não aceitariam **a** amizade **dele** com um negro. (N2000)

(151) Meu estômago nacionalista reclama feijão-preto, carne-seca, lombo, enfim **a** comida **nossa** vernácula, da terra. (N2000)

- Uso com a palavra *outro* determinada

Emprega-se o artigo definido quando a palavra *outro* tem sentido determinado e valor anafórico:

(152) Tirei do colégio os meus dois filhos: o mais velho era um demônio, **o outro** um anjo. (CC2001)

(153) Sempre intrigado por ser diferente de seus irmãos – ele era loiro, dos olhos claros, e **os outros** eram moreninhos, de cabelos crespos – acabou por descobrir que era filho do padre. (N2000)

(154) O que... o que foi que você disse? – perguntou um neto mais decidido, enquanto **os outros** recuavam, espantados. (N2001)

2.3.3 O uso do artigo definido em referência genérica

Segundo Greenbaum (1997: 93-95) e Quirk & Greenbaum (1990: 281-287), os quatro padrões abaixo expressam significado genérico na língua inglesa:

Padrão 1: artigo definido + nome singular;

ex.: **The Brazilian** is friendly.

Padrão 2: artigo indefinido + nome singular;

ex.: **A Brazilian** is friendly.

Padrão 3: artigo definido + nome plural;

ex.: **The Brazilians** are friendly.

Padrão 4: sem artigo + nome plural;

ex.: **Ø Brazilians** are friendly.

De acordo com Stern (1977), esses quatro padrões apresentam distribuições

diferentes dependendo da natureza do nome sobre o qual as declarações genéricas são feitas: se são humanos, animais, plantas, invenções ou simplesmente objetos inanimados:

a) O padrão 1 ocorre no uso formal da linguagem e pode ser usado para descrever genericamente classe de humanos, animais, partes do corpo, plantas e invenções. Não é apropriado para ser usado genericamente com objetos inanimados simples. Ele predomina na escrita informativa ou técnica sobre animais, plantas, instrumentos musicais ou invenções;

b) O padrão 2 é a maneira mais concreta e coloquial de expressar generalidades. É usado mais apropriadamente quando o contexto for específico. Pode ser usado para expressar generalidades informais em todos os contextos semânticos, mas não pode ser usado quando se quer expressar coletividade ou coesão;

c) O padrão 3 é o padrão mais limitado dos quatro citados. É geralmente usado apenas para expressar fatos genéricos sobre um grupo humano que é de natureza religiosa, política, nacional, social ou profissional;

d) O padrão 4 é levemente menos formal e ocorre mais na fala do que o padrão 1. Na verdade, pode ser usado em todos os casos em que o padrão 1 ocorre, e pode ser usado para fazer declarações genéricas sobre simples objetos inanimados. Ele é mais concreto e freqüente que o padrão 1. É importante porque pode ser usado em todos os contextos e porque varia de semiformal para formal.

Todos os casos acima tratam de nomes contáveis usados genericamente. Nomes incontáveis também podem ser usados genericamente, e quando isto ocorre, não há presença de artigo:

ex.: Ø **Water** is essential for life.

Embora a questão do uso de artigo definido ou indefinido ou de sua ausência com referentes genéricos apresente controvérsias e não seja uma questão resolvida, podemos aplicar os quatro padrões levantados por Greenbaum (1997) e Quirk & Greenbaum (1990) para a língua portuguesa, devendo-se, no entanto, fazer um estudo sobre sua distribuição para verificar os contextos em que ocorrem:

Padrão 1: artigo definido + nome singular;

ex.: a. **O brasileiro** é cordial.

b. **O telefone** é uma das invenções mais importantes do século .

Padrão 2: artigo indefinido + nome singular;

ex.: a. A melhor forma de passar o tempo é **um livro**.

b. Como se cuida de **um cachorrinho**?

Padrão 3: artigo definido + nome plural;

ex.: a. **Os brasileiros** são cordiais.

b. **Os petistas** são a maioria em Porto Alegre.

Padrão 4: sem artigo + nome plural;

ex.: a. **Ø Brasileiros** são cordiais.

b. **Ø Livros** são a melhor forma de passar o tempo.

Já com nomes incontáveis, podemos ter a presença do artigo definido ou ausência de artigo:

ex.: a. **Ø Água** é essencial para a vida.

b. **A água** é essencial para a vida.

c. **Ø Arroz** é a base da comida coreana.

d. **O arroz** é a base da comida coreana.

Segundo Lyons (1980: 160), a referência genérica torna-se evidente considerando conjuntos de frases como os seguintes:

ex.: a. O leão é um animal pacífico.

b. Os leões são animais pacíficos.

c. Um leão é um animal pacífico.

d. Leão é um animal pacífico.

e. Leões são animais pacíficos.

Como já vimos, cada uma destas frases pode ser usada para afirmar uma proposição genérica. Em outras palavras, uma asserção que diz alguma coisa, não sobre este ou aquele grupo de leões ou sobre qualquer leão individual, mas acerca da classe dos leões.

A partir daqui, apresentamos exemplos de uso genérico conforme apresentado em Neves (2000) e Cunha & Cintra (2001).

a) Pode-se usar o artigo definido como genérico, desde que seja em referência a:

- toda uma classe de pessoas ou coisas

(155) Hoje em dia, **o trem** pára dois minutos na estação e vai embora de novo.
(N2000)

(156) **O homem** passa a tomar consciência de si num universo indefinidamente ampliado. (N2000)

- todo um sistema ou um serviço

(157) **O telefone**, criado há 70 anos por um escocês, tem hoje cores e usos os mais variados e permissivos. (N2000)

(158) O progresso está na cidade. As máquinas, os prédios, os carros, as fábricas, as lojas, os cinemas, **a televisão**, é tudo lá. (N2000)

- uma instituição da sociedade

(159) **O teatro** começou na Grécia como um ato religioso. (N2000)

(160) É com base nesses princípios que **a universidade** pode crescer e realizar sua função social de investigação e socialização do conhecimento.
(N2000)

- uma categoria abstrata, caso em que o núcleo do sintagma nominal tanto pode ser um nome abstrato como um adjetivo substantivado.

(161) Não dá para distinguir **a verdade** entre o que acontecia e o que a imaginação recriava. (N2000)

(162) Solidariedade deve ser oferecida, acima de tudo, àqueles que defendem **o direito e o justo**. (N2000)

Mas, o artigo definido pode não ocorrer em determinadas construções, especialmente quando o sintagma não ocupa a posição de sujeito, com qualquer dos quatros grupos acima:

- toda uma classe de pessoas ou coisas

(163) “Observação brilhante e objetiva. Típica reação de **Ø homem**”, retrucou Anna com ironia. (N2000)

- todo um sistema ou um serviço

(164) Foi difícil achar **Ø telefone**. Preferi esperá-lo aqui mesmo. (N2000)

- uma instituição da sociedade

(165) (Saturnino) Sofria uma espécie de desmaio sempre que alguém lhe falava

em Ø **escola**. (N2000)

- uma categoria abstrata (tanto nome abstrato como adjetivo substantivado)

(166) O povo está nas ruas reclamando a punição dos criminosos, exigindo
Ø **justiça**. (N2000)

b) Em outras palavras, usa-se às vezes o artigo definido junto a um nome no singular para exprimir a totalidade específica de um gênero, de uma categoria, de um grupo, de uma substância:

(167) **O guarani** fez-se aliado **do espanhol**. (CC2001)

(168) **O banheiro** é o lugar ideal para se ler livros de provérbios. (N2000)

(169) **O relógio** é um objeto torturante: parece algemado ao tempo. (CC2001)

Este emprego é freqüente nos provérbios:

(170) **O homem** não é propriedade **do homem**. (CC2001)

(171) **O averento** não tem e **o pródigo** não terá. (CC2001)

c) Nestes casos pode-se dispensar o artigo, principalmente quando o nome é abstrato, ou quando faz parte de provérbios, frases sentenciosas e comparações breves:

(172) **Pobreza** não é **vileza**. (CC2001)

(173) **Cão** que ladra não morde. (CC2001)

(174) **Homem** não é **bicho**. (CC2001)

(175) Preto como **azeviche**. (CC2001)

d) Na expressão muito corrente **dona de casa**, fica bem evidente que a palavra *casa*, referindo-se à casa da própria pessoa ou da família, é tomada em sentido genérico, contrastando com **dona da casa**, em que há referência a uma casa particular que pode ser ou não a residência própria ou da família:

(176) Ser boa **dona de casa** significava entrar na cozinha, mexer em coisas desagradáveis, preparar, calcular, acertar, ouvir reclamações, suportar olhares de desaprovação. (N2000)

(177) Outra mulher reclamava que passou numa casa e pediu uma esmola.
A dona da casa mandou esperar. (N2000)

e) Em sentido genérico, o artigo não ocorre diante da palavra *outro*:

(178) Na estrada, os homens apartaram-se, uns grupos para a Covilhã,
Ø **outros** para a Aldeia do Carvalho, como nos demais dias. (CC2001)

(179) Era melhor que, enquanto alguns explorassem a villa, Ø **outros**

fossem visitar o livreiro ou encadernador em Cisterna d’Asti. (N2000)

- (180) Quando fosse preso, diziam uns, Climério faria declarações que certamente causariam ainda maior agitação; se deixarem Climério vivo, Ø **outros** responderam. (N2000)

2.4 A variação no uso do artigo definido

Callou (2000: 6) alega que o pressuposto básico do estudo da variação no uso da língua é o de que a heterogeneidade lingüística é regulada por regras variáveis em determinadas condições e contextos, lingüísticos e extralingüísticos. Segundo Cunha & Cintra (2001: 3), a sociolingüística veio mostrar que essas inter-relações são muito complexas e podem assumir diferentes formas. Na maioria das vezes, comprova-se uma covariação do fenômeno social e lingüístico. Em alguns casos, no entanto, faz mais sentido admitir uma relação direcional: a influência da sociedade na língua, ou da língua na sociedade. Nessa perspectiva a língua é vista como instrumento de comunicação social e diversificado em todos os seus aspectos, meio de expressão de indivíduos que vivem em sociedades também diversificadas social, cultural e geograficamente. Nesse sentido, uma língua histórica não é um sistema lingüístico unitário, mas um conjunto de sistemas lingüísticos, ou seja, um diassistema, no qual se inter-relacionam diversos sistemas e subsistemas.

De acordo com Travaglia (1998: 42-51), a variação dialetal pode ser caracterizada em seis dimensões: a regional, a social, a de idade, a de sexo, a de geração e a de função. O autor define essas dimensões da seguinte forma:

a) variação regional, geográfica ou territorial: a variação que acontece entre pessoas de diferentes regiões em que se fala a mesma língua. Essa variação normalmente acontece pelas influências que cada região sofreu durante sua formação, porque os falantes de uma dada região constituem uma comunidade lingüística geograficamente limitada em função de estarem polarizados em termos políticos, econômicos e culturais, e desenvolverem um comportamento lingüístico comum que os identifica e distingue (ex.: os falares gaúchos: “guri”= menino / “Bá tchê”= Ôrra meu / “bergamota”= tangerina /

“negrinho”= brigadeiro / “pandorga”= pipa, papagaio / “trilegal”= muito legal);

b) variação social: a variação que ocorre de acordo com a classe social a que pertencem os usuários da língua. Quer dizer, essa variação considera-se como variedade dialetal de determinadas classes sociais bem definidas como grupos (ex.: linguagem dos professores, médicos, mecânicos, favelados etc.);

c) variação de idade: a variação decorrente da diferença no modo de usar a língua de pessoa de idades diferentes, normalmente em faixas etárias diversas (ex.: crianças, jovens, adultos, velhos);

d) variação de sexo: a variação de acordo com o sexo de quem fala (ex.: homens e mulheres);

e) variação de geração ou variação histórica: a variação que representa estágios no desenvolvimento da língua (ex.: Vossa Mercê > Você);

f) variação de função: a variação decorrente da função que o falante desempenha (ex.: o chamado plural majestático, em que governantes ou altas autoridades expressam seus desejos ou intenções com o pronome “nós”, sinalizando sua posição de representantes do povo).

Nosso estudo focaliza apenas a variação regional. Segundo Travaglia (1998: 43), as diferenças entre a língua usada em uma região e outra normalmente são diferenças na parte fonética (pronúncia, entonação, timbre, etc.) e na parte lexical (palavras diferentes para dizer a mesma coisa, as mesmas palavras com sentidos diferentes em uma e outra região, uso mais freqüente de um ou outro morfema flexional ou derivacional, etc.). Por outro lado, as diferenças sintáticas não são grandes. Evidentemente não existem limites claros entre os diferentes dialetos regionais, mas estabelecem-se limites de acordo com determinadas conveniências. O que podemos dizer é que encontram-se certas áreas de maior concentração de um determinado conjunto de características ao compará-las com outras áreas.

Cunha & Cintra (2001: 4-5) alegam que a partir da concepção da língua como diassistema, tornou-se possível o esclarecimento de numerosos casos de polimorfismo, de pluralidade de normas e de toda a inter-relação dos fatores geográficos, históricos, psicológico e sociais que atuam em uma língua. Condicionada de forma consistente

dentro de cada grupo social e parte integrante da competência lingüística dos seus membros, a variação é, pois, inerente ao sistema da língua e ocorre em todos os níveis: fonético, fonológico, morfológico, sintático, etc.

De acordo com Callou (2000: 7), ainda que não se leve em conta a variação como sendo inerente a qualquer sistema lingüístico, não se poderia imaginar que a língua mantivesse uma unidade absoluta. A diversidade que existe em qualquer ponto está relacionada com uma pluralidade cultural. Uma área extensa como a do Brasil não poderia apresentar um quadro lingüístico homogêneo, pois a língua está sujeita a influências intra-e-extralingüísticas.

[...] uma região como a do Rio Grande do Sul só foi realmente povoada no século por processo diferente da do resto do país e a colonização no Brasil central, na Bahia, no Rio de Janeiro e em vários outros pontos do atual território nacional foi feita apenas por homens, resultando em mestiçagem maior, enquanto, no sul, a colonização foi feita na base de casais, com miscigenação relativamente insignificante [...] Toda história externa do português do Brasil constitui um processo de mestiçagem e interpenetração de culturas, a dos europeus e a dos habitantes da terra e, mais tarde, a dos negros. Com a coexistência das três culturas, o português tem consciência de multiplicidade [...] Apesar de se admitir a existência de variedade lingüísticas para o português do Brasil, essa diversidade foi prioritariamente observada em relação à distribuição espacial. Surgiram assim tentativas de traçar áreas regionais [...] O que há de comum em todas elas é que partem sempre do diacrônico e extralingüístico (CALLOU, 2000: 9-11).

Segundo Callou, Leite & Moraes (1995: 106-107), com o desenvolvimento da lingüística e a sua obrigatoriedade nos currículos dos Cursos de Letras, começou a surgir uma nova mentalidade no que diz respeito à forma de estudar e ensinar a língua. Aprimoram-se os processos de coleta e análise de dados e, recentemente, numerosos trabalhos vêm sendo desenvolvidos com ênfase na língua falada, a partir de um novo ponto de vista, principalmente em trabalhos de pesquisa, dissertações e teses de mestrado e doutorado, no âmbito da Universidade. De acordo com Callou (2000: 11) e Callou, Leite & Moraes (1995: 107-108), dentro da concepção de uma nova sociolingüística surgiu, em 1970, o Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta (Projeto NURC), com o objetivo de estudar as normas lingüísticas de cinco capitais, ou seja, Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, visando ao estudo da fala culta média, habitual, através das diferenças culturais de cada região.

Essas cidades proporcionam uma amostra relativa a uma população urbana concentrada em quatro cidades fundadas no século e uma – Porto Alegre – no século distribuídas por extensão territorial mais densamente povoada, correspondendo às regiões geográficas do Sul (Porto Alegre), Sudeste (São Paulo e Rio de Janeiro) e Nordeste (Salvador e Recife). É com base nesse corpus do Projeto NURC que se explicará a variação no uso do artigo definido no português do Brasil.

Silva (1982, 1996) realizou os estudos sobre a regularidade na variação de possessivos no português do Rio de Janeiro e sobre a realização facultativa do artigo definido diante de possessivos e de antropônimos. Resumindo os resultados dos dois estudos, há algumas características no uso do artigo definido:

- a) O uso do artigo definido está ligado à questão da especificidade. Por exemplo, “meu livro” é não-especificado mas “o meu livro de português” é especificado. Quando o falante indica apenas um dentro de um conjunto de elementos possuídos, há maior especificidade por isso o uso do artigo definido é maior. Assim, o fator que foi chamado como especificado fomentou o artigo definido;
- b) O artigo definido ocorre menos diante de possessivos no plural. Isso também tem relação com a questão de especificidade, já que no plural são focalizados todos os elementos do conjunto, não precisando de outra especificação, enquanto no singular focaliza-se apenas um dos elementos;
- c) As pessoas do diálogo, presentes com certo grau de proximidade (primeira pessoa: meu, nosso & segunda pessoa: teu, seu) fomentam o artigo definido em relação à terceira pessoa (seu), mais distante. Na comparação entre as formas, a forma *seu* inibe o artigo definido em contraste com os demais;
- d) Os possessivos precedidos das preposições foram categoricamente usados com artigo definido, tais como “do meu filho”, “pela minha casa”. Parece que os falantes não percebem mais dois morfemas (de + o, por + o) nesse ambiente;
- e) Quando o possuído já é claramente específico como nos casos de parentesco, o artigo definido torna-se redundante. Ou seja, os parentes fazem com que o artigo definido seja redundante por serem hiperdefinidos (ex.: *meu pai*, *meu irmão* em oposição ao *meu professor*);
- f) Os nomes próprios que se referem a entidades familiares, tratadas conseqüentemente

por nome de batismo (ex.: o Leonel), apelido (ex.: o Brizolinha), ou nome de família (ex.: o Brizola) têm mais artigo definido do que os menos familiares, tratadas até com títulos (ex.: Dr. Brizola).

Segundo Callou, Leite & Moraes (1995: 114), o português do Brasil apresenta um aspecto característico diverso da maioria das línguas românicas no emprego de artigo diante de possessivos e diante de antropônimos. Esse uso facultativo é mencionado na gramática tradicional, como veremos abaixo.

- Uso diante de possessivos

Segundo Neves (1993: 152-153), há três possibilidades de forma de expressão da possessividade: a) de + nome; b) de + pronome pessoal; e c) pronome adjetivo possessivo. Nosso estudo tratará apenas de pronome adjetivo possessivo.

Em inglês, os elementos de artigos (ex. the, a), possessivos (ex. my, your), e demonstrativos (ex. this, that) não co-ocorrem, mas, em português, é possível a co-ocorrência tanto de artigos (ex. o, um) como de demonstrativos (ex. este, esse), com possessivos (ex. meu, nosso).

No emprego do artigo definido antes de possessivos, quando está expreso o nome, o possessivo pode usar-se com artigo ou sem artigo:

(181) **Meu amor** é só teu. (CC2001)

(182) **O meu amor** é só teu. (CC2001)

Segundo Haspelmath (1999: 230-231), em muitas línguas, o sintagma nominal definido marca-se pelo artigo definido. Mas o artigo definido pode não ocorrer diante de uma expressão possessiva, ou seja, há línguas em que o “artigo-possessivo” é opcional, como ocorre no português do Brasil.

ex.: o amigo / (o) meu amigo

Numa análise de posição de determinante dessa forma, o possessivo *meu* é um

determinante em *meu amigo*, mas um adjetivo em *o meu amigo*. A omissão do artigo definido em sintagma nominal possessivo definido pode ser atribuída à uma economia. O sintagma nominal possessivo tem muita chance de ser interpretado como definido por razões semânticas e pragmáticas.

Segundo Cunha & Cintra (2001: 215), a presença do artigo antes de pronome adjetivo possessivo ocorre com menos frequência no português do Brasil do que no de Portugal, onde, com exceção dos casos adiante mencionados, ela é praticamente obrigatória.

Em geral, não se emprega o artigo definido quando o possessivo pertence a certas expressões feitas, como *em minha opinião*, *em meu poder*, *a seu bel-prazer*, *por minha vontade*, *por meu mal*, etc.:

(183) A doença chamada sagrada não é, **em minha opinião**, mais divina ou mais sagrada que qualquer outra doença. (N2000)

(184) Esses são os documentos que tenho **em meu poder**. (N2000)

(185) Estou afastado, mas não é **por minha vontade**. (N2000)

Entretanto, essas expressões também podem ocorrer com artigo:

(186) **Na minha opinião**, este aqui é o tecido da moeda. (N2000)

(187) O molequinho judiado, osso e pele, não saia do Sobradinho: - Fica **no meu poder** no sanativo e na engorda da velha Francisquinha. (N2000)

(188) Agora, não vou fazer mais as coisas **pela minha vontade**. Vou ter que ter mais calma. (N2000)

Por outro lado, o artigo definido é sistematicamente omitido quando o possessivo:

a) é parte integrante de uma fórmula de tratamento ou de expressões como *Nosso Pai* (referente ao Santíssimo), *Nosso Senhor*, *Nossa Senhora*:

(189) Queremos Deus, que é **Ø Nosso Pai**. (N2000)

(190) Todos os santos foram provados. **Ø Nosso Senhor** foi pregado na cruz! (N2000)

(191) Ajoelhou-se diante da imagem de **Ø Nossa Senhora** num nicho lateral da

igreja e rezou. (N2000)

b) faz parte de um vocativo:

(192) Perdão, Ø **meu amo**. Não me bata. Não me bata que não sou burro.
(N2000)

(193) Está bem, Ø **meu senhor**, obedeço! (N2000)

(194) Amanhã, Ø **meu amigo**, deixa isso para amanhã. Boa noite, viu?
(N2000)

c) vem precedido de um demonstrativo:

(195) Deus Nosso Senhor está me dando saúde para que eu possa pagar os pecados do meu povo, com **estes meus** olhos abertos e **estes meus** ouvidos na escuta. (N2000)

(196) Célebres na cidade eram **esses nossos** almoços, aos domingos, com cerca de trinta pessoas em derredor da mesa. (N2000)

(197) Seu personagem principal foi **aquele meu** discípulo e colega de cantoria, Lino Pedra-Verde. (N2000)

- Uso diante de antropônimos

Segundo Cunha & Cintra (2001: 225), o uso do artigo definido diante de antropônimos é relacionado com um tom de afetividade ou de familiaridade. Comparando essas duas frases:

(198) **Geraldo** saiu agora. (CC2001)

(199) **O Geraldo** saiu agora. (CC2001)

Segundo os autores, na frase (198), a pessoa mencionada vem envolta de certa distinção, está mais distante. Por outro lado, na frase (199), apontamos a pessoa como conhecida dos presentes, como um elemento familiar, caseiro. O uso do artigo definido antes de antropônimos é ligado a costume regional, familiar ou pessoal.

Em geral, o artigo definido emprega-se nos seguintes casos:

a) antropônimos de pessoas conhecidas ou famosas (especialmente no registro coloquial):

- (200) **A Neusa Sueli** sabe como eu sou. (N2000)
- (201) Se a Folha não enxergar isso rapidinho, vou começar a assinar o “Estadão”. Pelo menos eles têm **o Paulo Francis**. (N2000)
- (202) Nosso povo é direcionado, faz o que **o Roberto Marinho** manda. (N2000)

Por outro lado, também é comum que o artigo definido não seja usado nessa situação.

- (203) Achei **Ø Elvira** meio esquisita. (N2000)
- (204) **Ø Chico Buarque** não vota hoje, nem **Ø Tom Jobim**, **Ø Baden Powell** também não. Nem **Ø Roberto Carlos**, nem **Ø Maria Bethania**, nem **Ø Elis Regina**, nem **Ø Elizeth Cardoso**. (N2000)

Especialmente não se usa artigo se o registro é elevado, e se se trata de nome de pessoa famosa, mas não popular:

- (205) **Ø Antero de Quental** foi budista, asseverando **Ø Penha** que **Ø Junqueiro** também o teria sido (...) **Ø Darwin** e **Ø Tolstói** (...) também o foram, inconscientemente. (N2000)
- (206) **Ø Dante** é um homem da Idade Média e **Ø Petrarca** é um homem do Renascimento. (N2000)
- (207) A esse piloto se refere **Ø Camões** nos “Lusíadas”. (N2000)

b) alcunhas:

- (208) E tu não soubeste? Tu não sabes que **o Tico** quis ir aos tapas com o Padre Clemente André. (N2000)
- (209) **O Tião** tá apaixonado. (N2000)
- (210) Olha **a Zefa**. (N2000)

Ocorrem também alcunhas sem artigos:

- (211) Pela cor de suas barbas se impunha a personalidade de Frederico Barba-Roxa e de **Ø Barba Azul**, dois grandes conquistadores. (N2000)

- Uso depois da palavra *todo*

Todo é uma palavra que, em português, pode anteceder o artigo pertencente ao mesmo sintagma. Embora ainda não haja estudos variacionistas sobre a questão, a presença ou a ausência do artigo depois da palavra *todo* depende de nome admitir ou

rejeitar aquela determinação:

(212) **Todo o Brasil** pensa assim. (CC2001)

(213) **Todo Ø Portugal** pensa assim. (CC2001)

a) No singular, *todo* vem acompanhado de artigo, quando indica a totalidade das partes:

(214) **Toda a praia** é um único grito de ansiedade. (CC2001)

(215) Estela assistiu **à lição toda**, com a paciência da curiosidade. (CC2001)

(216) Gritei de novo. Apagaram **toda a casa**. (N2000)

Ocorre, entretanto, sem artigo nessa mesma acepção:

(217) Sinto gás por **toda Ø casa**. (N2000)

(218) Já era conhecido em **todo Ø país** como o padre dos humildes. (N2000)

(219) O achado foi comentado por **toda Ø cidade**. (N2000)

b) Quando *todo* tem o significado de “qualquer”, a gramática normativa não recomenda o uso do artigo, no caso do singular:

(220) **Todo Ø homem** percebe apenas pequena parte daquilo que é capaz de ver ou de ouvir. (N2000)

(221) Como **toda Ø criança** saudável, possui grande sensibilidade e criatividade, qualidades estas que são, aliás, peculiares a todas as crianças. (N2000)

(222) Se **todo Ø animal** inspira sempre ternura, que houve, então, com o homem? (N2000)

Entretanto, também ocorre artigo nesse tipo de construção:

(223) E **todo o homem** dentro da morte se torna um cão. (N2000)

(224) **Toda a criança** que não for nutrida pelo seio materno deve tomar caldo de laranja, tomates e outros alimentos anti-escorbúticos. (N2000)

(225) Acho que **toda a mulher** deve lutar pela sua igualdade, desde que não interfira com o serviço da casa. (N2000)

c) No plural, anteposto ou posposto ao nome, *todos* vem acompanhado de artigo, a menos que haja um determinativo que o exclua:

(226) **Todas as moças** solteiras te invejarão a sorte. (N2000)

(227) Iam-se-me **as esperanças todas**; terminava a carreira política. (CC2001)

(228) **Todos estes costumes** vão desaparecer. (CC2001)

Entretanto, contrariamente ao que recomenda a gramática normativa tradicional, a

construção também ocorre sem artigo:

(229) Como **todas** Ø **pessoas** submetidas a tal espécie de tratamento, Joan tem momentos de euforia alternados com momentos de depressão. (N2000)

(230) Mas **todas** Ø **mulheres** poderão se matar. (N2000)

d) Mesmo sem o nome o artigo se mantém, se houver o numeral:

(231) **Todos os dois** não passam de medíocres. (N2000)

(232) O chegante vinha com mais dois – **todos os três** de carabina, capa e alforge de viagem, tropa nova e bem ferrada. (N2000)

(233) **Todos os seis** moram no referido bairro. (N2000)

No entanto a construção também ocorre sem artigo:

(234) **Todos** Ø **cinco** têm a mesma expressão de atordoamento. (N2000)

(235) **Todos** Ø **dois**, mesmo sendo primos do senhor, como são, o senhor vai deixar eu dizer que eles são uns safados. (N2000)

e) O artigo definido ocorre em diversos sintagmas de valor adverbial com *todo*:

(236) Após algumas semanas constatei, desesperado, que continuava pensando nela **a todo o instante**. (N2000)

(237) Muitas famílias não poderiam viajar por causa da reposição das aulas e os pais vinham **a toda a hora** aqui querendo saber se era possível liberar o filho. (N2000)

(238) Acho que você cometeu uma asneira muito grande, José – opinou, num tom paternal. – **Em todo o caso**, o que passou, passou. (N2000)

(239) O dito de Rousseau, “O homem nasce livre, mas **em toda a parte** está acorrentado”, não era, no hospício, uma metáfora, mas sim uma cruel realidade. (N2000)

(240) Logo de cara, o enorme lustre de cristal do hall fez da nossa entrada um espetáculo; um efeito esplêndido: refletiu pingos de luz por toda a parte. (N2000)

Entretanto, os sintagmas de valor adverbial com *todo* também ocorrem sem artigo:

(241) Após algumas semanas constatei, desesperado, que continuava pensando nela **a todo** Ø **instante**. (N2000)

(242) Nessa noite não dormia direito, acordava **a toda** Ø **hora**, no medo de não despertar o tempo e de perder o trem. (N2000)

(243) O senhor me desculpe, seu Luiz, mas, **em todo Ø caso**, tenho de lhe falar isto. (N2000)

(244) A guerra deles é tudo e todos. Está **em toda Ø parte** e também aqui e estamos todos lutando nela. (N2000)

(245) Havia espelhos **por toda Ø parte**; era uma mulher narcisista. (N2000)

Conforme Perini (1998: 108-111), em relação à posição de *todo(s)*, o elemento *todo(s)* que tem a função de predeterminante pode ocorrer em diversas posições. Podemos pensar nos seguintes casos:

a. logo antes do SN

ex.: *Todos* os gaúchos gostam de churrasco.

b. logo depois do SN

ex.: Os gaúchos *todos* gostam de churrasco.

c. logo após o Auxiliar

ex.: Os gaúchos estão *todos* gostando de churrasco.

d. logo após o Núcleo do predicado

ex.: Os gaúchos estão gostando *todos* de churrasco.

O predeterminante *todos* tem uma liberdade de movimentação bastante grande dentro da oração. O *todos* pode aparecer separado do SN, como o caso c. e d., mesmo que a correspondência e a relação semântica se mantenham. Mas, as restrições sintáticas ao posicionamento são decididas por condições semânticas.

ex.: * Sandra está *todos* comendo os salgadinhos.

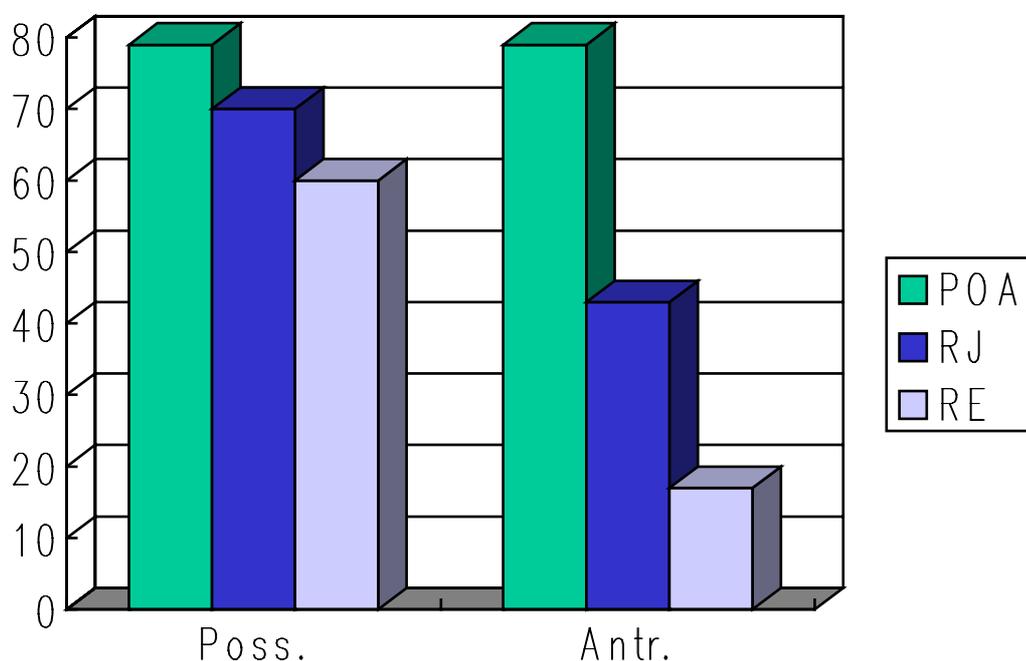
A frase é mal formada por razões semânticas, já que não se pode relacionar *todos* com *Sandra*. Quanto a possibilidade de omitir o artigo definido, no entanto, isso só pode ocorrer em a., quando *todos* antecede o SN.

Segundo a pesquisa de Callou, Leite & Moraes (1995: 114-115), a frequência de uso do artigo definido diante de possessivos e de antropônimos obedece a uma distribuição regional do Brasil, aumentando à proporção que se vai do nordeste para o sul do Brasil, embora cada cidade apresente um comportamento interno diferenciado. Em outras palavras, as isoglossas relativas ao uso do artigo diante de possessivos e diante de antropônimos consideram a sua maior frequência. A isoglossa dos possessivos

opõe Porto Alegre (79%) a Recife (60%), o Rio de Janeiro (70%) se encontrando numa posição intermediária. Além disso, a isoglossa dos antropônimos opõe Porto Alegre (79%) a Recife (17%) e o Rio de Janeiro (43%) ocupando uma posição intermediária (ver Gráfico 1).

Gráfico 1

Frequência de uso do artigo definido de acordo com a região
diante de possessivos e de antropônimos



Há uma analogia entre antropônimos e possessivos. Nos dois casos, o norte emprega bem menos artigos que o sul. Callou, Leite & Moraes (1995: 115) alegam que uma explicação plausível para essa oposição entre norte e sul poderia apoiar-se na diferença de ritmo dos dialetos. O uso do artigo poderia ser suficiente para determinar a região de origem do falante. Essa hipótese talvez também pudesse explicar a diferença entre o português europeu e o brasileiro, além das diferenças internas no Brasil. Segundo os autores, “os dialetos que apresentam um ritmo mais rápido, com pés métricos de menor extensão, apresentariam uma tendência a empregar o artigo, estando seu uso relacionado ao ritmo – rápido ou lento – da língua ou dialeto”.

Falando sobre as variações lingüísticas e suas implicações para o ensino de língua materna, Assis (1988: 65) afirma que a ausência de determinante se dá freqüentemente com sujeito genérico ou sujeito não-específico quando o sujeito contiver um nome comum. No entanto, dados do dialeto rural revelam que a ausência de determinante antes de sujeito específico ou genérico é uma marca lingüística natural na comunidade. Por exemplo²:

(246) Ø **Marido** foi embora, foi vivo e eu tô aí pelejano, né! (A1988)

(247) Ø **Mãe**, Ø **bichano** dormiu debaixo da minha cama. (A1988)

(248) Ø **Fia** tá la na lavora. Demora não. (A1988)

Da mesma forma, segundo Nascimento (1979), o perfeito do indicativo está entre os tempos verbais classificados como não-genérico e só pode ocorrer com um sujeito que vem antecedido obrigatoriamente de um artigo definido (determinante) – quando o sintagma nominal contiver um nome comum. Caso contrário, a sentença é considerada agramatical no português. Por exemplo:

(249) a. ***Gato** comeu carne. (A1998)

b. **O gato** comeu carne. (A1998)

(250) a. ***Anta** comeu insetos. (A1998)

b. **A anta** comeu insetos. (A1998)

(251) a. ***Canguru** pulou. (A1998)

b. **O canguru** pulou. (A1998)

No entanto, Assis (1988: 66) mostra que as sentenças de (246) a (248) e (249a.), (250a.) e (251a.) ocorrem no dialeto rural e, sob o ponto de vista da Teoria da Variação, deixam de ser consideradas como não-gramaticais e ganham o status de variantes sociolingüísticas, o que muda o ponto de vista de análise. Assim, as duas variantes lingüísticas coexistem no português e co-ocorrem no dialeto rural. Ou seja,

(252) a. **Gato** comeu carne. (A1998)

b. **O gato** comeu carne. (A1998)

² Os exemplos retirados de Assis, 1988 estão indicados como (A1988).

A estrutura pela ausência do artigo definido como (249a.), contudo, é avaliada pela escola e pela comunidade urbana como variante estigmatizada marcadora de fala de pessoas incultas, que deve ser corrigida. Se pensarmos em uma situação de ensino de português como L2, provavelmente essa ausência de artigo seria associada a um processo de aprendizagem ainda incompleto, apresentando inadequações.

Segundo Callou (2000: 12), “a metodologia mais eficiente de se chegar a uma teoria concreta da mudança é observar o seu processamento, no momento sincrônico, através da análise de variantes lingüísticas, em função de parâmetros sociais e lingüísticos”. Sob essa base, Callou (2000) realizou uma pesquisa, considerando a variação no português do Brasil, sobre o uso do artigo definido diante de antropônimos. No resultado relacionado à região, confirma-se que, em relação aos textos de autor brasileiro, a frequência de uso do artigo definido é regionalmente condicionada, apresentando distribuição semelhante à da língua falada. A frequência de uso do artigo definido diante de antropônimos, tanto na língua escrita como na língua falada, aumenta à proporção que vamos do nordeste (Recife/PE e Salvador/BA) ao sul do país (Rio de Janeiro/RJ, São Paulo/SP e Porto Alegre/RS). Como a pesquisa anterior, a frequência de uso do artigo definido obedece a uma distribuição por região.

Considerando a diferença de uso do artigo definido de acordo com a região do falante, os falantes de Porto Alegre têm uma tendência de usar mais artigo definido comparados com falantes de outras regiões, o que, em tese, poderia contribuir para sua aquisição pelos falantes de coreano já que estão em um contexto que privilegia a presença do artigo definido também em situações opcionais.

2.5 Outros aspectos relacionados ao uso do artigo definido

Apresentamos aqui, para complementar a nossa discussão, o uso do artigo definido na substantivação de outros elementos, a repetição e a omissão do artigo definido.

2.5.1 O uso na substantivação de outros elementos

O artigo definido pode preceder palavras de outras classes ou, mesmo, sintagmas e enunciados. Assim, ele é usado:

a) Antes de adjetivos

• quando se refere a tudo ou a todos que possam ser descritos por aquele adjetivo; formam-se, desse modo, tanto nomes concretos como abstratos:

(252) Eu sou pelo **direito**. (N2000)

(253) Quem ama **o feio** tem algum outro objetivo. (N2000)

(254) Esses sacanas vivem de botar na alma **do pobre**. (N2000)

• quando se refere a algo particular que é escrito por aquele adjetivo:

(255) Você vai ver como a Xerox 1090 pode transformar **o impossível** em bastante provável. (N2000)

(256) Um destacado membro do governo disse que as autoridades não aceitam **o anexo**. (N2000)

(257) Você sabe que eu falo muito mal **o inglês**. (N2000)

b) Antes de numerais

(258) Abaixo do número três nada poderia existir além de conceitos abstratos, como é o caso da unidade expressa pelo **um** e do princípio da dualidade expresso pelo **dois**. **O três** passaria a ser o número da realidade. (N2000)

(259) Como cidadão filho de Bagé, não foi outra a minha formação, nem foram diferentes os motivos que me conduziram, juntamente com os camaradas **do 12** de Cavalaria, para a Revolução de 1930. (N2000)

(260) Deixou **o décimo segundo** de Cavalaria e mudou-se para o Rio de Janeiro, onde fez os cursos de aperfeiçoamento e Estado-Maior. (N2000)

c) Antes de verbos no infinitivo:

(261) Quando se interrompia **o cantar**, os cachorros zangados latiam. (N2000)

(262) Sexo é uma função do corpo, como **o comer** e **o respirar**. (N2000)

(263) A idade é outro fator que altera as suas percepções, assim como **o dormir** ou **o estar acordado**. (N2000)

d) Antes de pronomes pessoais:

(264) Assim, **o eu** mais profundo vem à tona, você aprende a aceitar suas

limitações e a responsabilizar-se por sua vida. (N2000)

(265) É assim, no ponto culminante do ritual de um amoroso sacrifício, derrubávamos as fronteiras entre a morte e a vida, **o eu** e **o tu**, o dar e o receber. (N2000)

(266) Estando em frente ao primeiro signo, Libre se refere ao relacionamento com **o “tu”**. (N2000)

e) Antes de advérbios, preposições e conjunções, ou sintagmas por eles formados:

(267) Nos casos em que examinaremos agora, também, **o se** não é índice de período hipotético, embora lembre uma hipótese. (N2000)

(268) E daí eu esperar notáveis coisas, para **o depois**. (N2000)

(269) Nando não tinha nenhum interesse em discutir o jantar e **o depois do jantar**. (N2000)

f) Antes de datas indicadas pelo número do dia e pelo mês, e marcadas por alguma particularidade:

(270) Mas veio **o Sete de Setembro** e nossa grande formatura, dessa vez não no campo mas na cidade. (N2000)

(271) Deste precioso documento que historia com singeleza e verdade os acontecimentos que prepararam **o quinze de novembro de um mil oitocentos e oitenta e nove**, podem-se tirar as seguintes lições. (N2000)

g) Antes de orações ou enunciados:

(272) Lembro **o nós-somos-da-Pátria-guardas** e um dobrado que chamávamos irreverentemente de três com goma. (N2000)

(273) **O “sinto muito”** vem como pronúncia do coração, e é um coração instável, o dela. (N2000)

(274) Na amurada de granito ficou um tempo parecendo **o “eu era mudo e só”** do Guerra Junqueiro. (N2000)

2.5.2 A repetição do artigo definido

a) Quando empregado antes do primeiro nome de uma série, o artigo deve anteceder os nomes seguintes, ainda que sejam todos do mesmo gênero e do mesmo número:

(275) Cantava para **os anjos**, para **os presos**, para **os vivos** e para **os mortos**.

(CC2001)

(276) **Os homens, as cidades, os códigos, até os prazeres intervalares da vida social** lhe causam pavor. (N2000)

(277) Na modéstia de sua condição, parecia satisfeito só em sentar na sala abastada, não se cansando de admirar **os móveis, as cortinas, os quadros, as peças da casa**. (N2000)

b) Geralmente não se repete o artigo definido quando os nomes que vêm em seqüência, coordenados por *e*, se referem ao mesmo indivíduo:

(278) Nereu Corrêa foi, desde então, **o companheiro e Ø amigo**. (N2000)

(279) **A cantora e Ø compositora** aceitou com o maior prazer fazer uma participação especial na novela Perigosas Peruas. (N2000)

(280) Outro recurso para “envenenar” o equipamento é o teleconversor, o que levou **o professor e Ø fotógrafo** Cláudio Sitrangulo, 34, a escolhê-lo para produzir seus trabalhos fotográficos. (N2000)

c) Quando os nomes podem representar-se como um todo estreitamente unido, também não se repete o artigo definido:

(281) Todas **as pessoas, Ø animais, Ø plantas e Ø coisas** da Terra têm um direito e um avesso, uma fachada e um fundo de quintal, uma aparência e uma essência, um sim e um não. (N2000)

(282) Chegando a hora, Carlão repetia os comentários, enquanto os demais, enfileirados com **os pratos, Ø colheres e Ø pães** à mão, se empurravam na fila como fiéis em procissão, brigando pelo pouco espaço. (N2000)

(283) A constituição estabeleceu o voto universal masculino para os maiores de 21 anos (não votavam **as mulheres, Ø mendigos, Ø analfabetos, Ø membros de ordens religiosas e Ø soldados**). (N2000)

d) Não se repete o artigo definido quando, entre dois nomes unidos por *ou*, há uma relação de sinonímia ou quase-sinonímia.

(284) **A anamnese, ou Ø história clínica**, era completada com o exame do paciente. (N2000)

(285) **O pismo, ou Ø susto**, é uma situação em que o indivíduo acredita ter perdido a alma como um castigo de espíritos guardiães da natureza. (N2000)

(286) Descrever-lhe **a evolução ou Ø gênese** era traçar a genealogia das várias concepções e levar em conta a possibilidade de saltos evolutivos, por obra de algum gênio. (N2000)

e) Repete-se o artigo antes de dois adjetivos unidos por uma das conjunções *e* e *ou* quando eles são antônimos:

(287) Conhecia **o novo e o velho** Testamento. (CC2001)

(288) Há trinta anos tenho esta loja. Conheço **o bom e o mau** cristal, e conheço todos os detalhes do seu funcionamento. (N2000)

(289) Muito escura mas difícil de se dizer se nela predominava a ascendência índia, **a negra ou a branca**. (N2000)

f) Não se repete, porém, o artigo se os dois adjetivos coordenados entre si (com ou sem conjunções) se aplicam a um nome com o qual formam um conceito único:

(290) Herdamos a responsabilidade de continuar no tempo e no espaço **a grande, Ø nobilíssima, Ø extraordinária** obra dos que nos antecederam no Brasil. (N2000)

(291) Pulmão: sei o que é. Órgão destinado à hematose (graças à que **escuro, Ø grosso, Ø ominoso** sangue venoso transforma-se **no rútilo, Ø fluido, Ø alegre** sangue arterial), o pulmão tem cor rósea na criança, mas acinzentada no adulto. (N2000)

(292) Haviam há vários sóis abandonado a terra natal para enfrentar tudo, inclusive **o novo e Ø singular** estado das coisas. (N2000)

g) Quando um mesmo nome vem qualificado por uma série de superlativos relativos, repete-se o artigo definido:

(293) Este foi o fim do nosso amigo, um homem que eu penso ter sido **o mais sábio, o mais justo, o melhor** homem que conheci. (N2000)

(294) Sendo **o maior, o mais profundo e o mais discreto** lugar da Terra, o mar tem sido durante séculos o receptáculo mais seguro para tudo que não se deseja. (N2000)

(295) Para você sou **o mais manso, o mais generoso, o mais apaixonado** dos namorados! (N2000)

Entretanto, há ocorrência sem a repetição do artigo:

(296) Respectivo esse holandês, eu até que acho mesmo que é **o mais sujo, Ø**

trapaceiro, Ø fedido, Ø cainho e Ø sumítico sujeito que veio lá das Europas. (N2000)

(297) Constituíram uma república que ficou conhecida pelo nome de Quilombo ou Palmares e, por ser de todos **o mais forte Ø, valento Ø e ágil**, Zumbi foi escolhido como chefe dessa república. (N2000)

(298) Timothy assinara uma declaração dizendo que o menino tivera como pai **o mais compassivo, Ø honesto e Ø corajoso** ser humano que o mundo contém. (N2000)

2.5.3 A omissão do artigo definido (artigo zero)

Há situações comuns de ausência do artigo definido:

a) Quando o gênero e o número do nome já estão claramente determinados por outras classes de palavras (pronomes demonstrativos, numerais, etc.):

(299) Na revolução de 17 muito sofrera **este padre**. (CC2001)

(300) Antes, ainda no automóvel, Ramiro achara **duas novas pérolas**. (CC2001)

b) Quando queremos indicar a noção expressa pelo nome de um modo geral, isto é, na plena extensão do seu significado. Comparem-se, por exemplo, estas três frases:

(301) Foi acusado **do crime** [acusação precisa]. (CC2001)

(302) Foi acusado **de um crime** [acusação vaga]. (CC2001)

(303) Foi acusado **de crime** [acusação mais vaga ainda]. (CC2001)

c) As enumerações obtêm maior efeito de acúmulo quando não se emprega o artigo definido. Ao efeito de acúmulo pode agregar-se a sugestão de rapidez na enunciação:

(304) Ao bater na sineta, oito horas em ponto, já estávamos – **Ø compêndios arrumados, Ø cadernos, Ø árvores, Ø bancos, Ø pombais**. (N2000)

(305) Nunca saímos do Giovanni sem uma rosa. Se Luciana ia para casa, despetalava toda, e colocava dentro da agenda onde havia de tudo: **Ø endereços, Ø idéias, Ø bilhetes meus, Ø pedaços de ingresso de cinema ou teatro, Ø retratos, Ø notícias de jornal, Ø cheques, Ø folhas de árvores, Ø fitas, Ø folhetos de rua, Ø bulas de remédio**. (N2000)

(306) Milhões de pessoas, em milhares de cidades, acordam diariamente a bordo de um gigantesco carrossel: Ø **filas**, Ø **ônibus**, Ø **semáforos**, Ø **buzinas**, Ø **engarrafamentos**, Ø **pressa**, Ø **relógio**, Ø **trabalho**, Ø **elevador**, compra, vende, Ø **fome**, Ø **almoço**, Ø **sanduíche**, Ø **jornal**, Ø **conversa**, Ø **cafezinho**, Ø **olhares**, Ø **cobiça**, Ø **criança**, Ø **escola**, pára, anda, Ø **faróis**, Ø **novela**, Ø **família**, Ø **contas**, Ø **amor**, Ø **sonho**; e no dia seguinte... tudo de novo. (N2000)

d) Nos vocativos:

(307) Ø **Querido!** Será que tu estás com vontade de morrer? (N2000)

(308) Ø **Pai!** Você prega cada susto na gente! (N2000)

(309) Tchau, Ø **amor!** Procura dormir. (N2000)

e) Nos apostos que indicam simples apreciação:

(310) Tardes da minha terra, Ø **doce encanto**,

Tardes duma pureza de açucenas. (CC2001)

f) Antes de palavras que designam matéria de estudo, empregadas com os verbos *aprender*, *estudar*, *cursar*, *ensinar* e seus sinônimos:

(311) **Aprender** Ø **inglês**. (CC2001)

(312) **Estudar** Ø **latim**. (CC2001)

(313) **Cursar** Ø **direito**. (CC2001)

(314) **Ensinar** Ø **geometria**. (CC2001)

g) Antes das palavras *tempo*, *ocasião*, *motivo*, *permissão*, *força*, *valor*, *ânimo* (para alguma coisa), complementos dos verbos *ter*, *dar*, *pedir* e seus sinônimos:

(315) Não **houve** Ø **tempo** para descanso. (CC2001)

(316) Não **dei** Ø **motivo** à crítica. (CC2001)

(317) **Pedimos** Ø **permissão** para sair. (CC2001)

(318) Não **tive** Ø **ânimo** para viajar. (CC2001)

Apresentamos acima vários aspectos relacionados ao uso do artigo definido para servir de subsídio a professor de português como L2/LE. Como pudemos verificar, o artigo definido em português é um sistema que devido a sua complexidade e pelo fato de não existir em coreano poderá causar muita dificuldade para os falantes de coreano ao aprender a língua portuguesa. Neste trabalho analisaremos o processo de aquisição

do artigo definido por 6 falantes de coreano em usos de primeira menção, segunda menção e genérico. Focalizaremos também o uso opcional diante de possessivos e de antropônimos. O capítulo a seguir apresenta alguns resultados de pesquisas sobre aquisição de artigos.

3 AQUISIÇÃO DE ARTIGOS

Neste capítulo, em primeiro lugar, tratamos da aquisição de artigos em L1. Observamos a relação entre especificidade e pressuposição apresentada por Bickerton (1981, 1984), e os resultados de uma pesquisa feita com brasileiros por Schlatter & Lamprecht (1988). A seguir, tratamos de pesquisas sobre a aquisição de artigos em L2. Por último, tratamos do papel da L1 na aquisição de L2. Para verificar a influência da L1, buscamos apoio teórico principalmente em estudos sobre transferência e interlíngua. Como o sistema de artigos não existe na língua coreana, as inadequações quanto ao uso do artigo definido pelo aprendiz coreano no processo de aquisição da língua portuguesa podem estar relacionados com uma interferência do coreano.

3.1 A aquisição de artigos em L1

Os estudos sobre a aquisição de artigos têm focalizados principalmente o inglês e o francês. O estudo de Bickerton (1981, 1984), por exemplo, que levanta a Hipótese do Bioprograma da Linguagem (Language Bioprogram Hypothesis: LBH), ou seja, da predisposição inata das crianças em aprender uma língua, apresenta como um dos componentes da LBH a diferença entre específico e não-específico (Specific/Non-Specific: SNS). Segundo Bickerton (1981), essa diferença é marcada em toda língua crioula pelo uso dos artigos, de onde pode-se concluir que as crianças devem ser biologicamente programadas para o uso dos artigos ao adquirir uma língua. Quer dizer, as crianças são universalmente sensíveis à distinção de SNS, o que caracterizaria a universalidade de SNS.

Em seus estudos sobre a aquisição da língua materna, Brown (1973: 345-347) apresenta os ambientes de uso do artigo definido. Nas oito situações apresentadas por ele, o nome é específico e pressupostamente conhecido do interlocutor: a) referente único para todos (ex.: *o sol, a lua, o céu*); b) referente único em uma dada situação (ex.: *a mesa, o teto* em qualquer sala); c) referente único para um dado grupo social (ex.: *o chefe* para um grupo de trabalho, *o carro* para uma família); d) referente único por apontar ou por qualquer outro sinal (ex.: *o livro, a cadeira* quando a fala é acompanhada por apontá-los); e) referente único por características que chamam atenção (ex.: *a explosão* quando a bomba explodiu); f) referente específico por acarretamento (ex.: *o motor* quando o falante fala sobre o carro); g) referente específico por definição (ex.: *a casa que fui ontem, a parada em frente à casa*); e h) referente específico por declaração anterior (ex.: *Eu encontrei uma moça. A moça ...*)

Como foi dito acima por Brown (1973), Bickerton (1981) explica que a presença dos artigos depende tanto da especificidade ($\pm S$) do referente quanto da pressuposição ($\pm P$) pelo falante que o ouvinte vai conhecer o referente específico que o falante tem em mente. Em geral, o artigo definido se usa quando o referente é tanto específico quanto pressuposto ($+S +P$). A criança adquirindo crioulo relaciona o artigo definido com referente $+S +P$, o artigo indefinido com referentes $+S -P$ e \emptyset com todos os referentes $-S$ sem relação com $\pm P$.

No entanto, para a nomeação (a função nominativa dos artigos) não cabe a classificação baseada em especificidade e pressuposição. Mesmo quando um referente é obviamente $+S +P$ (ex. quando há apenas uma mesa na sala, podemos dizer “That’s *a table*” ou “Look at *the table!*”), Brown (1973) classificou a nomeação na categoria $+S -P$, mas Maratos (1976) afirma que o referente nominativo pode ser também $+S +P$. Segundo Bickerton (1981, 1984), nos crioulos, o uso do artigo indefinido ou \emptyset para nomeação não é muito claro. Na verdade, a questão do uso dos artigos na nomeação precisa ser estudada mais detalhadamente. Segundo Schlatter & Lamprecht (1988), o uso nominativo ocorre com o artigo indefinido em inglês, e com o artigo definido em português, conforme as gramáticas. Mas, na realidade, a oposição não é tão óbvia.

Portanto, para a nomeação parece haver uma variação entre o uso do artigo definido, do artigo indefinido e \emptyset .

Através de uma comparação do sistema de artigos de inglês e crioulo, a partir da hipótese da universalidade de SNS, Bickerton (1981, 1984) apresenta uma hipótese de 4 estágios (Four-stage Hypothesis) para a aquisição de artigos em inglês, conforme o Quadro 4 abaixo.

Quadro 4

Hipótese de 4 estágios para a aquisição de artigos em inglês

	pressuposição	especificidade	
		+	-
Estágio 1	+	*a, the	* \emptyset
	-	a, *the	* \emptyset
Estágio 2	+	the	a
	-	*the	a
Estágio 3	+	*a, the	a
	-	a, *the	a
Estágio 4	+	the	\emptyset , a, the
	-	a	a

Fonte: Cziko, 1986, p. 881.

Nota: * indica os erros previstos no uso de artigos.

No Estágio 1, a criança usará o artigo definido e indefinido com referentes +S, e \emptyset com referentes -S. O uso dos artigos com referentes +S mostra que a criança ainda não adquiriu o uso do artigo definido para marcar +S +P e do artigo indefinido para marcar +S -P. E ainda, \emptyset se usará com referentes -S, com referentes genéricos, e na nomeação.

No Estágio 2, a criança trocará \emptyset pelo artigo indefinido em referentes -S e

manterá o artigo definido apenas com referentes +S. Assim o erro deste estágio será o uso do artigo definido com referentes +S –P. Se a criança usava \emptyset para a nomeação, o artigo indefinido substituirá \emptyset neste estágio.

No Estágio 3, a criança começará a aprender que o artigo indefinido é também usado para referentes +S, mas ainda não sabe que isso é o caso apenas dos referentes –P. No entanto, este estágio pode durar pouco tempo ou nem acontecer se a criança aprende que só o artigo definido é usado em referentes +S +P. Assim a criança pode passar diretamente do estágio 2 para o uso correto no estágio 4.

No Estágio 4, a criança poderá basear a escolha dos artigos tanto na especificidade quanto na pressuposição do referente, e assim adquire o sistema de uso dos artigos.

A hipótese de Bickerton de 4 estágios para a aquisição de artigos em inglês, baseada em SNS fornece uma estrutura útil para o estudo da aquisição da linguagem pela criança. No entanto, a maioria dos estudos sobre aquisição de artigos não investigou diretamente SNS, mas focalizou a intuição da criança em relação à pressuposição. Aqui mostramos alguns resultados de pesquisas com crianças relacionadas à hipótese de 4 estágios.

Em um estudo feito com 3 crianças americanas de 13 a 44 meses, por Brown (1973), houve forte evidência da hipótese de SNS, pois o uso do artigo definido não ocorreu com referentes –S e, ainda, o artigo definido foi usado com alta acurácia com referentes +S +P. Em um estudo realizado com 4 grupos de crianças francesas de 4, 4;5, 5 e 5;5 anos, por Bressen (1974), observa-se o uso incorreto do artigo definido com referentes +S –P, como previsto pelos Estágios 2 e 3, e o aumento do uso incorreto do artigo indefinido com referentes +S +P, como previsto no Estágio 3. Além disso, o uso incorreto do artigo indefinido com referentes +S +P também se repetiu em um estudo feito com crianças de 3 a 11 anos falando francês, por Karmiloff-Smith (1979). Por outro lado, Karmiloff-Smith (1979) descobriu que as crianças de 3, 4 e 5 anos usaram \emptyset para a nomeação, enquanto as crianças de 6 a 11 anos praticamente nunca usaram \emptyset .

Além disso, Garton (1983) mostra que \emptyset foi usado pelas crianças de 3 anos no que seria percebido como tarefa de nomeação e que as crianças freqüentemente usaram \emptyset em referentes +S.

Segundo Warden (1976), na narrativa, o uso correto dos artigos seria o uso do artigo indefinido na primeira menção (+S -P, ou seja, no caso de informação não-compartilhada), e o uso do artigo definido na segunda menção (+S +P, ou seja, no caso de informação compartilhada). Mas, em estudo com crianças de 3, 5, 7 e 9 anos e um grupo de adultos de 20 anos falando inglês, muitas vezes as crianças usaram o artigo definido inadequadamente na primeira menção do referente enquanto os adultos usaram exclusivamente o artigo indefinido na primeira menção e o artigo definido na segunda menção. A freqüência da inadequação diminuiu com a idade, de 54% pelas crianças de 3 anos para 18% pelas crianças de 9 anos. Este é o erro previsto no Estágio 2, e também é consistente com os Estágios 1 e 3.

O erro no uso do artigo definido com referentes +S -P foi interpretado como comportamento egocêntrico por Brown, Maratsos, e Warden. Essa interpretação, no entanto, pode ser enganosa, já que não podemos afirmar que a escolha das crianças entre o artigo definido e indefinido no sintagma nominal específico está vinculada a uma conscientização delas quanto à função da pressuposição. Em outras palavras, o egocentrismo pode significar que o uso excessivo do artigo definido é causada pela incapacidade das crianças de levar em conta o ponto de vista do ouvinte, ou seja, as crianças podem usar o artigo definido com referentes +S e o artigo indefinido com referentes -S por mais tempo, sem se darem conta de que o conhecimento pressuposto pelo ouvinte tem relação com a escolha dos artigos.

Por outro lado, as pesquisas trazem resultados diferentes em relação à idade em que a criança adquire o uso adequado dos artigos. Brown (1973) considera que as crianças em torno de 3 anos controlam a distinção SNS, porém elas provavelmente não serão capazes de adotar o ponto de vista do ouvinte (egocentrismo). O domínio das funções do artigo só se daria a 4 ou 5 anos. Segundo Maratsos (1976), as crianças de 3 e 4 anos já usam adequadamente os artigos, mesmo com dificuldades ocasionais no uso

tanto do artigo indefinido com referentes –S quanto do artigo definido com referentes +S, e revelam dominar o sistema em torno de 5 anos. Já Warden (1976) apresenta outro resultado: até 5 anos, o predomínio do artigo definido na primeira menção revela uso egocêntrico, de 5 a 9 anos o uso de artigos é inconsistente, e apenas a 9 anos a criança domina o sistema.

Emslie & Stevenson (1981) levantam outros aspectos como resultados de um estudo feito com 30 crianças de 2 a 4 anos falando inglês. As crianças em torno de 3 a 4 anos mostraram o uso correto do artigo indefinido na primeira menção e do artigo definido na segunda menção, e ainda, o uso competente de anáfora associativa pelo menos desde 4 anos. Em Bennett-Kastor (1983), encontra-se antes de 4 anos um uso adequado do artigo indefinido na primeira menção, mas esse uso diminui entre 4 e 5 anos, sendo que as ocorrências do artigo definido aumentam na primeira menção. Isso se explica não como manifestação de egocentrismo mas como competência pragmática das crianças quanto ao uso de referente óbvio e anáfora associativa, dentre outros. Para Bennet-Kastor, quase todas as ocorrências do artigo definido na primeira menção podem ser explicadas dessa forma. Isso mostra que o uso dos artigos também tem relação com uma competência pragmática.

Em relação à aquisição dos artigos em português, Schlatter & Lamprecht (1988) pesquisaram 12 crianças brasileiras de 2;8 a 5;0 anos e 10 adultos brasileiros de 19 a 34 anos. No estudo com as crianças, os dados foram obtidos através de 1) nomeação/descrição; e 2) pequeno relato. Na situação de 1), espera-se que a nomeação seja feita com o artigo definido sempre que o referente for compartilhado. Na situação de 2), espera-se que a primeira menção dos referentes seja feita com o artigo indefinido, a não ser em situações pragmaticamente justificáveis (referente óbvio, anáfora associativa, etc.) ou já definidas na língua portuguesa (dias da semana, datas festivas etc.). Os resultados podem ser resumidos da seguinte forma:

a) No uso nominativo, o artigo indefinido e Ø predominaram, o que contradiz o que é previsto nas gramáticas que apresentam o artigo definido como o elemento principal na nomeação. Em outras palavras, as crianças mostraram baixo uso do artigo definido apesar de o entrevistador compartilhar a informação visual das figuras.

- b) No relato, houve uma preferência pelo artigo definido na segunda menção.
- c) Na situação das ocorrências do artigo definido na primeira menção com referente não-compartilhado, os referentes, mesmo que mencionados pela primeira vez, na maioria das vezes são recuperáveis por razões cognitivas, sociais, contextuais. O aumento do uso do artigo definido justificado por referente óbvio pode ser interpretado como aumento de competência pragmática.
- d) No uso genérico, as crianças preferiram a ausência de artigo.

No estudo com os adultos, os dados foram gerados através das 4 tarefas: 1) relato; 2) descrição de uma seqüência de gravuras na presença do pesquisador; 3) descrição de uma gravura para outra pessoa esboçá-la; e 4) descrição dentro do relato. Na situação de 1), como não há informações compartilhadas, espera-se que a primeira menção dos referentes seja feita pelo artigo indefinido, a não ser em casos pragmaticamente justificáveis ou previstos na gramática. Na situação de 2), como toda informação é compartilhada, espera-se que a primeira menção dos referentes (a nomeação dos objetos ou personagens) seja feita com o artigo definido. As expectativas nas situações de 3) e 4) são iguais a 1). Os resultados podem ser resumidos da seguinte forma:

- a) No relato, ao contrário da previsão, o uso do artigo indefinido (28%) foi bem menos freqüente do que o do artigo definido (72%). Esse resultado pode ser explicado pelo fato de os referentes mencionados pela primeira vez poderem ser recuperados pelo contexto lingüístico ou extralingüístico, causando o uso mais freqüente do artigo definido.
- b) Na descrição de informação compartilhada, ao contrário da previsão, o uso do artigo definido (35%) foi menos freqüente do que o do artigo indefinido (59%). O fato de o entrevistador estar compartilhando a informação das gravuras no momento da descrição não parece ser um fator determinante para diminuir o uso do artigo indefinido na nomeação. Por outro lado, o uso de \emptyset quase não ocorreu.
- c) Na descrição de informação não-compartilhada, como previsto, a tendência é usar o artigo indefinido (58%). \emptyset (19%) também aumentou. Parece que quando se nomeiam referentes de modo geral, não é necessário determiná-los. A ausência de artigos parece caracterizar o uso genérico, principalmente na enumeração de vários objetos.
- d) Em todas as tarefas, a segunda menção foi feita com o uso do artigo definido (100%).

Com base nesses resultados, podemos concluir que:

- a) No uso nominativo, o artigo mais empregado não é o definido mas o indefinido e Ø. Parece ser difícil separar, na nomeação, o artigo indefinido e o quantificador (numeral). O fato de a informação ser compartilhada não parece ter influenciado essa escolha pelas crianças ou pelos adultos.
- b) Na primeira menção da descrição de informação não-compartilhada, ocorreu o uso mais frequente do artigo definido. Isso significa que o uso do artigo definido revela motivos pragmáticos e, portanto, competência pragmática.
- c) Na segunda menção, o uso do artigo definido foi dominante.
- d) No uso genérico, a maioria dos usos foi Ø.

O estudo de Schlatter & Lamprecht (1988) sobre a aquisição de artigos por crianças e adultos brasileiros será retomado mais adiante na discussão dos nossos resultados.

3.2 Aquisição de artigos em L2

Entre os estudos sobre a aquisição de artigos em L2 e a relação desse processo com a L1, está o trabalho de Larsen-Freeman (1975), que verificou que os falantes de japonês, cuja língua não possui o sistema de artigos, apresentaram mais inadequações no uso de artigos em inglês do que os falantes de outras línguas. Considerando que no coreano também não existe o sistema de artigos, poderíamos prever que a mesma dificuldade ocorrerá no seu processo de aquisição da língua portuguesa.

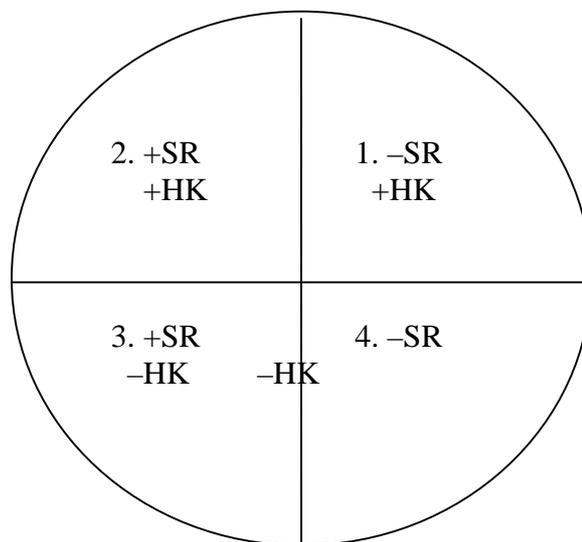
Ao comparar a aquisição do artigo definido em inglês por uma criança chinesa e outra espanhola, Zobl (1982) constatou que a trajetórias de aquisição não é idêntica para falantes de todas as línguas. Para a criança chinesa, a primeira evidência de marcação da função de determinante é *this*. Quando o interlocutor falante de inglês usa *this* em sua produção, essa forma tende a ser mantida na fala da criança chinesa; quando o falante de inglês usa o artigo definido *the*, a criança chinesa omite-o ou troca-o por *this*. Por outro lado, a criança espanhola mostrou um uso frequente de ambos, sendo que

não trocou *the* por *this* como fez a criança chinesa. Ou seja, a criança chinesa apresenta uma alta produção de *this* com função de artigo definido, antes de produzir o artigo definido; já na produção da criança espanhola, o artigo definido e o demonstrativo co-ocorrem.

Huebner (1983) realizou uma análise longitudinal da aquisição dos artigos em inglês como L2. O participante Ge é do Laos e nunca havia tido instrução formal em inglês. Os dados foram coletados, em média, a cada três semanas por um ano através de fala espontânea. O autor baseia-se nas duas categorias propostas por Bickerton (1981, 1984) para o uso dos artigos: (1) Referente específico (Specific Referent: SR) e (2) Conhecimento pressuposto do interlocutor (Assumed Hearer's Knowledge: HK). Como vimos anteriormente ($\pm S$ e $\pm P$, em Bickerton, 1981, 1984), a referência do sintagma nominal pode ser categorizada em 4 tipos (ver Figura 1).

Figura 1

Roda semântica para referência de sintagma nominal



1. [-Referente específico], [+Conhecimento pressuposto do interlocutor]:
Genéricos.

2. [+Referente específico], [+Conhecimento pressuposto do interlocutor]:
- a. Referente único ou referente único convencionalmente pressuposto;
ex.: *The Pope*
 - b. Referente fisicamente presente;
ex.: Ask *the guy* over there.
 - c. Referente previamente mencionado no discurso;
ex.: He married a woman from Brazil. *The woman* is...
 - d. Referente específico compartilhado com interlocutor.
ex.: He went over to *the book store*.
3. [+Referente específico], [-Conhecimento pressuposto do interlocutor]:
- a. Primeira menção de sintagma nominal [+SR] no discurso e conhecimento não pressuposto do interlocutor;
ex.: Dad gave me *a car*.
 - b. Primeira menção de sintagma nominal [+SR] seguindo existencial have e conhecimento não pressuposto do interlocutor.
ex.: Our house has *a garage*.
4. [-Referente específico], [-Conhecimento pressuposto do interlocutor]:
- a. Sintagma nominal copulativo de forma SN-*be*-SN;
ex.: He is *a nice man*.
 - b. Sintagma nominal no modo de negação;
ex.: I don't see *a pencil*.
 - c. Sintagma nominal no modo de interrogativo e modo irreal.
ex. Do you see *a pencil*?
ex. If I had a million dollars, I'd buy *a big yacht*.

Fonte: Huebner, 1983, p. 131-134.

No estudo de Huebner (1983) sobre a aquisição do artigo definido, o participante Ge produziu a forma *da* (no lugar do artigo definido *the*) ao longo das 17 gravações, passando por uma mudança sistemática. Ele iniciou neutralizando o sistema anterior por marcar todo sintagma nominal com a forma *da*, mostrando alta frequência de uso de *da* em todos os usos ([-SR,+HK], [+SR,+HK], [+SR,-HK] e [-SR,-HK]) no

início de gravações. Depois, Ge eliminou, gradualmente e sistematicamente, a forma *da*, começando com um ambiente que não compartilha ambas as características [+SR,+HK]. O autor concluiu que, se o sistema da L1 fosse mais semelhante ao do inglês, provavelmente os aprendizes não neutralizariam a noção.

Ao analisar a aquisição do sistema de artigos em inglês por falantes de tcheco, uma língua que não possui artigos definido e indefinido, Dušková (1983) mostra que a dificuldade na aquisição do sistema é causada pela ausência de um sistema comparável na língua nativa. No entanto, apenas esse fator não explica todos os problemas que os falantes de tcheco encontram. A complexidade do próprio sistema de artigos de inglês dificulta o processo de aquisição pelos falantes de tcheco. Ao passo que a ausência de artigos pode ser explicada como influência da língua nativa, o artigo definido também foi usado inadequadamente no lugar do artigo indefinido ou Ø. Portanto, ao passo que a principal fonte básica do problema pode ser a ausência da categoria na língua nativa, a língua-alvo também contribui porque as funções que os aprendizes devem classificar são muitas e de difícil generalização.

Schmidt & Frota (1986) acompanharam, durante 5 meses, o processo de aquisição do português como L2 por um falante de inglês, um dos próprios autores do trabalho. Conforme depoimento do autor em seu diário de pesquisa, os artigos eram o principal problema na sua aquisição do português. Ao longo das 4 gravações (semana 7, 10, 18 e 22), o índice de acurácia dos artigos aumentou apenas de 62%, na primeira gravação, para 63%, na quarta gravação. O índice de acurácia do artigo definido foi 66%, na primeira, e 67%, na quarta gravação. A omissão (96%) foi o erro dominante nesses casos. A dificuldade específica com o uso dos artigos em contração com preposições parece ter sido resolvida com o tempo. As conclusões da pesquisa podem ser resumidas da seguinte forma: a) Nos casos em que no português não se usam os artigos e no inglês se usam, o participante usou artigos; b) O participante omitiu o artigo indefinido mais frequentemente do que o artigo definido. Como o participante tinha um excelente domínio de árabe, língua que não possui artigo indefinido, os pesquisadores concluíram que o seu português foi influenciado pela transferência do árabe. Os erros do participante foram explicados como a transferência da L1, inglês e da outra L2, árabe.

Em um estudo sobre a produção escrita de inglês por universitários coreanos, Park et al. (2000) mostram que o uso dos artigos em inglês é, para os aprendizes coreanos, a categoria que revelou mais inadequações. Os universitários coreanos continuam omitindo os artigos necessários em inglês após 6 anos de estudo no colégio. Para coreanos que aprendem inglês, o sistema de artigos é um dos aspectos mais difíceis por causa da complexidade sintática e semântica envolvida. Quanto às inadequações que ocorrem na aquisição dos artigos em inglês pelos coreanos, as autoras apresentam as seguintes possíveis razões: a) Interferência da L1: Como não se usa na língua coreana, os aprendizes coreanos não usam os artigos no inglês. b) Estágio de desenvolvimento: Os erros são desenvolvimentais e revelam um conhecimento imaturo do inglês. Por isso, ainda que sejam corrigidos no momento em que produzem a inadequação, os aprendizes continuam cometendo os mesmos erros, a não ser que passem para um novo estágio de desenvolvimento. Por outro lado, os resultados também revelam o uso dos artigos pelos coreanos em contexto onde não seriam adequados. Isso sugere que os falantes de coreano aprendendo inglês como língua-alvo são sensíveis ao uso dos artigos, podendo mostrar uma superprodução ao colocar artigos em todos os nomes, por exemplo.

Voltando ao processo de aquisição de artigos discutido neste trabalho, se aplicarmos as 4 combinações entre especificidade e pressuposição ao português e ao coreano teríamos uma descrição do uso de artigos conforme apresentado no Quadro 5 abaixo.

Quadro 5

Comparação do uso de artigos entre o inglês, o português e o coreano nos 4 contextos resultantes da combinação de referente específico (especificidade: SR) e

conhecimento pressuposto do interlocutor (pressuposição: HK)

	Inglês	Português	Coreano
-SR +HK	the, a, Ø	o(a), um(uma), Ø	Ø
+SR +HK	the	o(a)	Ø, pronome demonstrativo
+SR -HK	a, Ø	um(uma), Ø	Ø, pronome indefinido, quantificador
-SR -HK	a, Ø	um(uma), Ø	Ø, pronome indefinido, quantificador

Como podemos ver acima, na língua coreana, Ø é usado em todos os contextos. O primeiro contexto [-SR +HK], uso genérico, não é marcado com artigo. No segundo [+SR +HK], Ø é usado com referente único, referente óbvio etc. ou, para enfatizar a primeira menção de um nome, podemos usar o pronome demonstrativo na segunda menção, mas Ø é mais usado a partir da terceira menção. No terceiro [+SR -HK], também usamos Ø. Apenas no caso de nomeação, marca-se com pronome indefinido ou quantificador. No último contexto [-S -P], Ø é preferido embora possamos usar pronome indefinido ou quantificador. Portanto, pelo sistema de marcação da língua coreana e pelos resultados das pesquisas descritas acima, que apontam para uma influência da L1 no uso de artigos na L2, espera-se que os aprendizes coreanos usem Ø na maioria dos contextos em português/L2 .

3.3 O papel da língua materna: Transferência e Interlíngua

O papel exercido pela L1 na aquisição de L2 tem sido polêmico na literatura. Até o final da década de 60, dentro da perspectiva behaviorista, havia duas tendências predominantes com respeito à transferência (em sentido amplo, que engloba a transferência positiva e negativa): a) a existência das diferenças lingüísticas entre as duas línguas faz com que a aquisição de L2 seja diferente da de L1; b) as dificuldades com a aquisição da L2 podem ser determinadas através de análises contrastivas. Com base nisso, Lado (1957) destacou a importância do desenvolvimento de material didático específico para os diferentes grupos de aprendizes. Assim, as análises contrastivas passaram a prever os erros oriundos das diferenças lingüísticas entre a

língua materna do aprendiz e a língua-alvo.

De acordo com Lado (1957), na situação da aprendizagem de L2, os aprendizes dependem extensivamente da língua nativa deles. Os aprendizes tendem a transferir as formas e os sentidos da língua e cultura nativa para língua e cultura estrangeira. E ainda, Fries (1957) alega que a aprendizagem de L2 constitui uma tarefa bem diferente da aprendizagem de L1. Os problemas básicos não aparecem através de uma dificuldade essencial nas características da L2 mas aparecem através de conjunto especial criado por hábitos da L1. As pesquisas fundamentais das décadas de 50 e 60 consideravam o processo de aquisição da língua como a aquisição de hábitos e a aprendizagem de L2 como o desenvolvimento de novos hábitos e a superação dos hábitos estabelecidos na infância. Neste contexto, emergiu a análise contrastiva para comparar as línguas a fim de determinar possíveis erros com o propósito de isolar o material que precisa ser aprendido, ou que não precisa ser aprendido na L2. O objetivo final era prever áreas de maior ou menor dificuldades para os aprendizes.

Segundo Gass & Selinker (1994, 2001), os materiais pedagógicos resultantes da análise contrastiva estavam baseados nas seguintes suposições: a) o uso de uma língua é um hábito e a aprendizagem de língua significa adquirir novos hábitos; b) a causa principal de erros na produção e/ou recepção de segunda língua é a língua nativa; c) os erros podem ser explicados pelas diferenças entre L1 e L2; d) quanto mais ou maiores as diferenças entre L1 e L2, mais ou maiores os erros; e) aprender uma L2 é aprender as diferenças entre a L1 e a L2, e as semelhanças não precisam ser reforçadas; e f) dificuldades e facilidades na aprendizagem são determinadas por diferenças e semelhanças entre L1 e L2.

Há duas versões de hipótese da análise contrastiva: a versão forte e a versão fraca. A versão forte tem como objetivo a previsão de erros em virtude de estudos comparativos e determinação de diferenças entre L1 e L2. Por outro lado, a versão fraca tenta explicar os erros com base nas diferenças de L1 e L2. A análise de erros surge da versão fraca da análise contrastiva. Corder (1967) afirma que os erros podem ser importantes por três razões: a) eles podem dar informações ao professor sobre quanto o

aprendiz aprendeu; b) eles são evidências para o pesquisador sobre como a língua é aprendida; e c) é através dos erros que o aprendiz descobre as regras da língua-alvo.

Na década de 70, os resultados de várias pesquisas empíricas sobre as dificuldades na aquisição de L2 foram questionados quanto à validade preditiva das análises contrastivas, com base no argumento de que essas dificuldades nem sempre surgem das diferenças lingüísticas entre as línguas. Havia várias evidências de que as dificuldades na aquisição provêm das semelhanças também, o que a análise contrastiva desconsiderava. Além disso, segundo Odlin (1989: 18), a análise contrastiva foi criticada a partir da constatação da ocorrência de erros não relacionados com a transferência da língua materna, ou seja, os erros que poderiam derivar da transferência de treinamento (formas e/ou práticas adquiridas através do ensino) e supergeneralizações, onde há aplicações inadequadas das regras apreendidas pelo aprendiz. As pesquisas sobre erros contribuíram para explicitar as ocorrências de transferência e também os erros independentes da transferência da língua materna na L2. Esse fato teve ampla repercussão na pesquisa por chamar a atenção para o processo de aquisição em si.

Para Odlin (1989: 27), transferência é a influência resultante das semelhanças e diferenças entre a língua-alvo e qualquer outra língua que tenha sido previamente (e talvez imperfeitamente) adquirida, e interferência significa transferência negativa. Também para McLaughlin (1987), Ellis (1985, 1994), e Gass & Selinker (1994, 2001), a transferência pode ser positiva e negativa, esta última sendo denominada de interferência. Podemos dizer que a L2 é analisada a partir da língua materna do aprendiz. Quando houver semelhanças entre os dois sistemas lingüísticos, a aprendizagem será facilitada devido a uma transferência positiva. No entanto, ver o estudo de Bonnet Villalba (2002). Quando houver diferenças, a aprendizagem será dificultada pois ocorrerá uma transferência negativa da língua materna do falante para a L2. Segundo Ribeiral (1989), nos estágios iniciais de aprendizagem de L2 aparecem mais casos de transferência devido à necessidade que o aprendiz tem de se comunicar com um conhecimento lingüisticamente limitado. Assim, o papel exercido pela língua materna é variado, ou seja, a transferência pode se dar positiva ou negativamente de

várias formas na aquisição de L2.

No entanto, certos casos de transferência previstos nem sempre ocorriam, ou quando ocorriam, não ficava claro se se deviam à influência da língua materna ou eram amostras de simplificação ou generalização de regras. Odlin (1989: 24) afirma que, com o desenvolvimento das pesquisas sobre a transferência, foi possível analisar como a transferência interage com outros fatores no processo de aquisição

Enfocando a transferência como parte do desenvolvimento na aprendizagem de uma L2, Wode (1986: 34) propõe que “a noção de interferência deve ser enfocada como desenvolvimento” e assume que a sua ocorrência é sistemática com um caráter dinâmico na linguagem do aprendiz de LE, já que faz parte do processo de aprendizagem. O autor apresenta duas características do fenômeno: a) a transferência é determinada pelas propriedades formais dos mecanismos lingüísticos das línguas envolvidas; e b) existe variação no uso da transferência, de acordo com o tipo de tarefas e com o grau de conhecimento lingüístico que o aprendiz possui das línguas implicadas.

Segundo Schlatter (1987: 50), a transferência lingüística é o uso do conhecimento da língua nativa (ou outra língua) na aquisição de uma L2. Dependendo do autor, a definição inclui fatores, tais como o conhecimento já adquirido da L2, limitações causadas por princípios universais de aquisição da linguagem, a organização tipológica das línguas, a frequência do uso de determinadas estruturas nas línguas em questão, as estratégias de produção e de compreensão usadas na língua nativa e estratégias de esquiva. Revendo o conceito de transferência, Selinker (1992: 209) alega que a transferência abrange um conjunto de comportamentos, processos e restrições que têm a ver com o uso do conhecimento lingüístico prévio, seja da L1 ou de outras línguas estrangeiras, cuja interseção com o insumo da L2 e com as propriedades universais selecionadas pelo aprendiz constitui a interlíngua.

A nova concepção de transferência lingüística baseada nas particularidades de cada língua nativa forneceria uma base teórica para analisar tanto os diferentes mecanismos usados para processar a L2 quanto as diferenças observadas na produção.

Algumas línguas podem ser consideradas mais semelhantes/diferentes entre si do que outras, então pode variar também a distância lingüística entre a L1 e a L2 do aprendiz. Ringbom (1987: 134) afirma que a importância da L1 na aprendizagem de L2 é absolutamente fundamental. A semelhança entre L1 e L2 funciona como um cabide onde o aprendiz pode pendurar nova informação através do uso de conhecimento já existente, e por isso facilita a aprendizagem.

Quais as implicações em declarar que o grau de semelhança/diferença nas propriedades lingüísticas pode ser relacionado com o uso de determinados mecanismos de processamento? No caso dos aprendizes coreanos aprendendo português, que possuem uma consciência da grande distância entre o português e o coreano, podemos supor que a distância lingüística exige um maior esforço de processamento do português para os aprendizes coreanos do que, por exemplo, de falantes de inglês ou de espanhol.

O que podemos afirmar é que a influência da língua materna na aprendizagem de L2 não pode ser ignorada. E a interferência da L1 passa a ser considerada sob um outro ângulo. A sua influência não é totalmente previsível e nem predominante. A interferência é um processo que ocorre na aquisição de L2 e que pode ser evidenciado a partir da análise da interlíngua dos aprendizes.

O termo interlíngua foi criado por Selinker (1972) para se referir às gramáticas provisórias construídas pelos aprendizes no processo desenvolvimental de L2. As cinco estratégias básicas, centrais para a teoria de Selinker, eram a) transferência de regras da L1 para a L2; b) transferência de treinamento, quer dizer, certos traços presentes na interlíngua do aprendiz podem resultar do próprio processo de ensino; c) super-generalização das regras da língua-alvo; d) estratégias de aprendizagem; e e) estratégias de comunicação em L2. Assim, a interlíngua é a gramática do aprendiz, que se desenvolve por meio dessas estratégias cognitivas.

Enquanto Selinker enfatizava o aspecto cognitivo do processo, Adjemian (1976) volta sua atenção para a sistematicidade da interlíngua, que deve ser analisada linguisticamente, isto é, a partir das gramáticas do aprendiz, do seu sistema de regras.

Desta forma, enquanto Selinker vê a interlíngua como um sistema estruturalmente equidistante tanto da L1 quanto da L2, resultante de estratégias de aprendizagem, Adjemian examina o caráter dinâmico da interlíngua, a sua permeabilidade, ou seja, o fato de estar sempre em mudança. Na L1 existe uma relativa estabilidade mas na interlíngua não. Em decorrência, as estruturas da interlíngua são mais passíveis de interferência da L1.

A tentativa do aprendiz de manter uma sistematização na interlíngua é demonstrada em um estudo de Adjemian (1983) sobre a transferência de propriedades lexicais. Segundo o autor, a aprendizagem dos conjuntos de traços que refletem as diversas propriedades fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas de um item lexical envolve o acesso do aprendiz à informação lexical da L1 e uma tendência a formular regras lexicais. Se o aprendiz identifica alguma informação lexical na L2 com uma regra que ele já conhece na sua L1, ele pode transferir essa regra ou traço lexical para o léxico de sua interlíngua, tornando-a, assim, mais sistemática.

Tarone (1979) alega que a interlíngua pode ser analisada como um conjunto de estilos que dependem do contexto de uso real. Os enunciados do aprendiz variam sistematicamente de acordo com o contexto e com a tarefa usada para a sua elicitación. Em relação ao uso de artigos, podemos supor que os aprendizes usam artigos mais corretamente em testes gramaticais quando há mais atenção à forma, e menos corretamente em situações de conversa informal, quando o foco está no conteúdo. No entanto, segundo Tarone (1985), a atenção à forma por si só não pode explicar o uso gramatical correto ou incorreto. Numa pesquisa realizada com aprendizes árabes e japoneses, a acurácia gramatical de artigos em três tarefas mostrou que houve maior correção na tarefa de narrativa do que na entrevista e no teste gramatical. Examinando a forma e a função dos artigos na produção de aprendizes de L2 nas duas tarefas orais (entrevista e narrativa), Tarone & Parrish (1988) alegam que a diferença da acurácia nas duas tarefas não é estatisticamente relevante. A variação na interlíngua relacionada à tarefa na interlíngua deve ser devido não apenas à atenção à forma mas a um conjunto de fatores.

De acordo com Littlewood (1981), há três fatores que podem influenciar a variabilidade na interlíngua: a) a função comunicativa de uma forma lingüística; b) o ambiente lingüístico em que ocorre; e c) os fatores sociais/situacionais (que incluem a formalidade da situação e a habilidade do falante para ajustar a própria fala). Huebner (1983) resume as 4 suposições teóricas sobre a interlíngua da seguinte forma: a) as interlínguas, como outras línguas, são sistemáticas e podem ser descritas; b) as interlínguas, como outras línguas, estão constantemente mudando; c) todas áreas de uma língua e de interlínguas, são sensíveis a mudanças; e d) contanto que as interlínguas do falante possam mudar, há limitação nas mudanças possíveis.

O termo interlíngua vem sendo usado em diferentes contextos e com vários significados. Conforme Bialystok & Smith (1985: 101), a interlíngua baseia-se na distinção entre conhecimento lingüístico e controle desse conhecimento em tempo real, portanto deve ser entendida como um modelo processual. “A interlíngua não é um estado mental mas a manifestação de um conjunto coordenado de sistemas”. Pode-se entender interlíngua, portanto, como um produto lingüístico e um sistema. A análise da produção oral e escrita dos aprendizes de L2 pode revelar as características da interlíngua e como elas se distinguem da norma. Por outro lado, a análise de interlíngua como um sistema levaria em conta os aspectos característicos de desenvolvimento cumulativo na aquisição ou de sistemas dinâmicos em mudança. Podemos dizer que os aprendizes possuem um conjunto de regras ou de gramáticas intermediárias.

Embora este trabalho não trate da fossilização, essa é outro conceito importante relacionado à interlíngua. A fossilização geralmente se refere à interrupção de aprendizagem ou a uma forma que está estabelecida na interlíngua do aprendiz de uma L2 como um desvio da norma da língua-alvo e que continua a aparecer no desempenho apesar de mais exposição à língua-alvo. Por causa da dificuldade em determinar quando a aprendizagem pára, freqüentemente a fossilização é definida como estabilização de formas lingüísticas. Selinker (1992) sugere que a estabilização de algumas formas lingüísticas pode ser minimizada no processo de ensino e aprendizagem se for dada ênfase à comunicação ou se, no início da aprendizagem, o foco no discurso for mais controlado.

Ainda outros dois fenômenos relacionados à influência de outras línguas na aprendizagem da L2 são a esquiva e o ritmo de aprendizagem. Ao reconceituar transferência lingüística, Kellerman & Smith (1986) sugerem o termo influência interlingüística (*cross-linguistic influence*), que é suficientemente amplo para incluir a transferência, no sentido tradicional, e também a esquiva e os diferentes ritmos de aprendizagem. A origem da esquiva pode ser a complexidade das estruturas da L2 ou a diferença entre a L1 e a L2. Em um estudo com falantes de hebreu sobre a aquisição de verbos frasais do inglês, estrutura ausente na L1 dos aprendizes, Dagut & Laufer (1985) observaram que houve uma preferência em usar uma palavra equivalente aos verbos frasais e, quando os usavam, se limitavam aos verbos frasais semanticamente mais transparentes. Os autores concluem que foi a complexidade da estrutura da língua-alvo que causam a esquiva mais do que as diferenças entre a língua nativa e a língua-alvo.

Quanto à influência da L2 no ritmo de aprendizagem, Ard & Homburg (1983, 1992) compararam falantes de espanhol com falantes de árabe na aquisição do vocabulário de inglês. Os falantes de espanhol foram melhor do que os falantes de árabe, pois existem muitos cognatos entre o espanhol e o inglês. Portanto os falantes de espanhol podem gastar mais seu tempo de aprendizagem em outros aspectos de língua. E também através de dados observados sobre a cópula por três crianças (francesa, árabe, espanhola), Zobl (1982) alegou que a criança árabe levou mais tempo para entender a cópula devido à ausência da categoria na língua nativa.

Assim, como o sistema de artigos em português é uma categoria nova para os falantes de coreano, eles podem levar mais tempo para aprender o sistema do que outros falantes cuja língua possui artigos. Além disso, a diferença entre o português e o coreano no sistema de artigos pode provocar a esquiva no uso de artigos pelos falantes de coreano. Neste trabalho usamos o termo esquiva para nos referir à omissão do artigo definido, seja ela feita de forma consciente ou não.

Como já foi dito no Capítulo 1, Stockwell, Bowen e Martin (1965a, 1965b) estabeleceram uma hierarquia de dificuldades e, por implicação, uma hierarquia de

aprendizagem apresentada no quadro abaixo, que exemplificamos aqui com aspectos do português e do coreano.

Quadro 6

Hierarquia de dificuldade de Stockwell, Bowen e Martin (1965a, 1965b)

Categoria	Exemplo
Diferenciação	Coreano L1, Português L2: verbo <i>to know</i> 1 forma ([arda]) vs 2 formas (<i>saber e conhecer</i>)
Categoria nova	Coreano L1, Português L2: sistema de artigos ausência (\emptyset) vs presença (<i>o, a, os, as, um, uma, uns, umas</i>)
Categoria ausente	Português L1, Coreano L2: sistema de artigos presença (<i>o,a, os, as, um, uma, uns, umas</i>) vs ausência(\emptyset)
União	Português L1, Coreano L2 : verbo <i>to know</i> 2 formas (<i>saber e conhecer</i>) vs 1 forma ([arda])
Correspondência	Coreano L1, Português L2 : pluralidade equivalência de uma forma (“ [dur]” vs “s”)

O sistema de artigos do português é equivalente a uma categoria nova para os falantes de coreano. Como foi colocado antes, não existe o sistema de artigos na língua coreana. Por esta razão e também por ser um sistema complexo, de difícil generalização, como vimos no Capítulo 2, a aquisição do artigo definido em português pelos falantes de coreano pode ser difícil. Na análise dos dados, verificamos como ocorre a aquisição desse subsistema pelos falantes de coreano e discutimos a possibilidade de explicar seu desempenho por transferência do coreano.

4 METODOLOGIA

4.1 Objetivos

A presente pesquisa tem como objetivo investigar o processo de aquisição do artigo definido em português como L2 por coreanos e comparar a realização do artigo definido diante de possessivos e de antropônimos nos dados de coreanos com dados de brasileiros.

Como vimos no Capítulo 1, as perguntas norteadoras são as seguintes:

1. Como ocorre o processo de aquisição do artigo definido por coreanos?
 - 1a. Quais são as características do processo da aquisição?
 - 1b. Quais são as inadequações do processo da aquisição?
2. Como os coreanos usam o artigo definido diante de possessivos e de antropônimos?
 - 2a. Quais são as características do uso do artigo definido nesse contexto?
 - 2b. Como o uso de coreanos se compara com o uso de brasileiros nesse contexto?

4.2 Participantes

Participaram da pesquisa 6 falantes de coreano aprendizes de português como L2, todos do sexo masculino. Os participantes foram agrupados em 3 pares de acordo com seu nível de desempenho na língua portuguesa, definido pela classificação do curso de português no qual estavam estudando.

Par 1 (Márcio e Marcos)

Os participantes agrupados como Par 1, que aqui chamarei de Márcio e Marcos, chegaram ao Brasil em março de 2000, sem conhecimento prévio ou estudo formal de português até então. Márcio tinha 34 anos de idade e Marcos tinha 36 anos. Eles trabalhavam num banco na Coréia antes de vir ao Brasil e estavam motivados para aprender português a fim de trabalhar no Brasil. Logo que chegaram em Porto Alegre, começaram a assistir ao curso Intensivo do PPE (Programa de Português para Estrangeiros) na UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), no qual permaneceram do final de março até o início de julho, tendo 18 horas de aula por semana (total: 270 horas).

Conheci-os no dia em que chegaram ao Brasil e a partir de então nos víamos diariamente. Eles falavam um pouco de inglês, o que os auxiliou no início com as aulas. Moraram juntos e falavam em coreano entre si e com outros coreanos. Além das aulas, o principal contato deles com português era através da televisão e em atividades do cotidiano como usar o português em restaurantes, lojas e na rua.

Par 2 (João e José)

João e José, universitários coreanos, ambos com 24 anos de idade, chegaram em Porto Alegre em julho de 2001 da Coréia para aprender português no Brasil. Nesse semestre, de meados de agosto até o início de dezembro, cursaram Básico (6 horas por semana, total 90 horas) e Conversação (4 horas por semana, total 60 horas) no PPE da UFRGS, sendo que o José somente estudou até o final de outubro porque voltou para a Coréia. Eles já tinham estudado português, por 2 anos, em uma universidade na Coréia.

Já nos conhecíamos na Coréia e quando eles chegaram ao Brasil, via-os regularmente. Eles também sabiam falar um pouco de inglês. Moraram juntos e falavam coreano entre si e com outros coreanos. Além das aulas, tinham contato com português assistindo à televisão, ouvindo música, jogando futebol com brasileiros e através de atividades do cotidiano como falar português em restaurantes, lojas e na rua.

Par 3 (Paulo e Pedro)

Outros dois universitários coreanos, Paulo e Pedro chegaram em Porto Alegre em março de 2001, tinham cursado Básico (6 horas por semana, total 90 horas) e Conversação (4 horas por semana, total 60 horas) do PPE na UFRGS no semestre anterior à pesquisa e, de meados de agosto até o início de dezembro, estavam cursando Intermediário (6 horas por semana, total 90 horas) e Cultura Brasileira (4 horas por semana, total 60 horas). Paulo tinha 26 anos de idade e Pedro tinha 21 anos. Ambos já tinham estudado português na mesma universidade na Coreia em que João e José estudaram. Paulo tinha estudado português por 3 anos e Pedro por 2 anos.

Já nos conhecíamos na Coreia e, como com os demais, encontrava-os regularmente no Brasil. Eles também sabiam falar um pouco de inglês. Paulo dividia um apartamento com um amigo brasileiro (29 anos) e a mãe dele (62 anos) e Pedro morava com uma senhora brasileira (40 anos) e o filho dela (13 anos). Eles também falavam coreano entre coreanos. Além das aulas, tinham contato com português assistindo à televisão, ouvindo música, lendo revistas, jogando futebol e conversando com amigos brasileiros, além das atividades do cotidiano acima mencionadas.

Brasileiros (Carlos e Celso)

Para a comparação dos dados dos coreanos com o português como L1, serão utilizados os dados de 2 participantes porto-alegrenses do projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana no Sul do Brasil). Um participante, que aqui será chamado de Carlos, tinha 38 anos de idade, casado e morava no bairro Higienópolis em Porto Alegre. Suas atividades sociais e de lazer eram velejar e viajar. Os assuntos de maior interesse de Carlos eram sua juventude, lazer e política. O seu pai era de Curitiba e a sua mãe de São Luís Gonzaga, mas ele sempre morou em Porto Alegre. Parece possuir um alto nível de vida, o que se deduz pela conversa sobre sua casa e por algumas de suas atividades de lazer.

O outro participante, que será chamado de Celso, tinha 55 anos de idade, casado e morava no bairro Menino Deus em Porto Alegre. Os assuntos de maior interesse dele eram sua antiga profissão e a Porto Alegre de seu tempo de juventude. O informante foi ator de rádio-teatro. Durante a entrevista, falou bastante sobre o rádio e revistas da época e sobre a Porto Alegre de seu tempo de jovem.

4.3 Geração de dados

Par 1

Ao longo de quatro meses os participantes tiveram encontros regulares comigo e um brasileiro. Em cada encontro, entrevistava-os sobre assuntos do cotidiano. Os dados foram gerados uma vez a cada 25 dias através de gravações de áudio. As entrevistas começaram no dia 20 de abril de 2000 e duraram até 04 de julho de 2000, tendo sido feitas na casa dos participantes ou em uma sala de aula da universidade. No total, são 4 gravações de cada participante, numa média de 10 minutos cada. As primeiras duas entrevistas foram realizadas entre os participantes e eu. A terceira e a quarta entrevistas foram realizadas por um colega, falante nativo de português. Todas as gravações foram transcritas por mim e confirmadas por um professor do PPE, falante nativo de português.

Todas as entrevistas versaram sobre tópicos gerais:

a) Atividades:

O que você fez ontem?

O que você vai fazer amanhã?

Poderia falar sobre as suas atividades nesses últimos dias?

O que você fez nestas três últimas semanas desde a nossa última entrevista?

O que você fazia quando era pequeno?

O que você fazia quando tinha 20 anos?

Poderia falar sobre os seus planos para o futuro?

Se você tivesse um milhão de dólares, o que você faria?

Se você fosse o presidente da Coreia, o que você faria?

b) Opinião:

O que você acha do Brasil?

O que você acha das aulas de português no Brasil?

O que você acha dos brasileiros?

O que você acha de Porto Alegre?

c) Comparação:

Compare o seu fim-de-semana no Brasil com o que você normalmente faz na Coreia no fim-de-semana.

d) Informações pessoais:

Fale sobre você.

Você pode falar um pouco da sua família? Esposa, filhos, pais e irmãos.

Descreva sua família.

Nessas entrevistas, os participantes repondiam brevemente as perguntas. Esse procedimento teve como objetivo oportunizar o uso de artigos em situações onde a primeira menção de um referente seja feita principalmente pelo artigo indefinido, a não ser que a informação seja compartilhada ou a situação seja pragmaticamente justificável (referente óbvio, anáfora associativa, etc.) para o uso do artigo definido e a segunda menção seja feita pelo artigo definido.

Par 2 e Par 3

Ao longo de seis meses os participantes tiveram encontros regulares comigo. Em cada encontro, entrevistava-os sobre assuntos do cotidiano, solicitava que me contassem histórias a partir de gravuras e que descrevessem uma figura. Esperava-se com esses três procedimentos criar contextos diferentes para o uso do artigo definido. Comecei os encontros com 4 participantes coreanos no dia 13 de agosto de 2001. Os encontros foram realizados de 15 em 15 dias durante 6 meses, numa média de 20 minutos cada, sendo que José somente participou dos encontros durante 3 meses. Todos

os encontros foram gravados em áudio e as gravações foram transcritas por mim e confirmadas por um professor do PPE. Os encontros caracterizavam-se em três momentos: entrevista, narrativa e descrição.

< Entrevista >

As perguntas que nortearam a entrevista versaram sobre cinco tópicos:

a) Relato:

O que você vai fazer amanhã?

O que você vai fazer neste fim-de-semana?

O que você fez ontem?

O que você fez nestas duas últimas semanas desde a nossa última entrevista?;

b) Opinião:

O que você acha do Brasil?

O que você acha dos brasileiros?

O que você acha de Porto Alegre?

O que você acha das comidas brasileiras?

O que você acha da cultura brasileira?

O que você acha da natureza brasileira?

O que você acha das brasileiras?

O que você acha da Copa do mundo de 2002?

O que você acha da relação entre o Brasil e a Coréia?;

c) Comparação:

Compare o seu fim-de-semana no Brasil com o que você normalmente faz na Coréia no fim-de-semana.

Compare as aulas de português no Brasil com as na Coréia.

Compare o futebol do Brasil com o futebol da Coréia.

Compare a religião no Brasil com a religião na Coréia.

Compare os programas da TV no Brasil com os da Coréia.

Compare o Natal no Brasil com o na Coréia.

Compare as festas no Brasil com as na Coréia.

Compare as férias no Brasil com as na Coréia.;

d) Descrição:

Você pode falar um pouco da sua família?

Descreva sua família.

Descreva a característica da sua família.

Descreva seus pais.

Descreva seus irmãos.

Descreva seus primos.

Descreva seus colegas do curso.

Você pode falar sobre as profissões da sua família?

Você pode falar sobre seus futuros filhos?

Descreva seus avós.

Descreva o que você tem na sua vida.;

e) Apresentação:

Escolha um amigo seu e descreva.

Escolha um colega seu e descreva.

Escolha um professor seu e descreva.

Nessas entrevistas, os participantes repondiam brevemente as perguntas. Esse procedimento teve como objetivo oportunizar o uso de artigos em situações onde a primeira menção de um referente seja feita principalmente pelo artigo indefinido, a não ser que a informação seja compartilhada ou a situação seja pragmaticamente justificável (referente óbvio, anáfora associativa, etc.) para o uso do artigo definido e a segunda menção seja feita pelo artigo definido.

< Narrativa com base em gravuras >

Solicitei que todos participantes narrassem histórias a partir de figuras. Os participantes tinham que contá-las para mim, que também tinha acesso visual às gravuras no momento em que a tarefa estava sendo respondida. As gravuras são histórias curtas, na média, com 4 quadros.

Foram usadas as mesmas 12 histórias até o sexto encontro:

A menina e a flor, O menino e o balão, A menina e o dragão, Catarina e Josefina, Esconde-esconde, No parque, O teatro, Cabo de guerra, A chuva, O chute, A pedra no caminho, e O cão e a gata (ver A menina e a flor e A menina e o dragão nos Anexos).

Durante três meses de encontro, os participantes não mostraram mudança no uso do artigo definido. A partir do sétimo encontro, usamos as três histórias (A menina e a flor, No parque, O cão e a gata) que foram contadas em todos os encontros e mais três histórias diferentes para cada encontro:

Encontro 7 A mangueira, A briga, A troca;

Encontro 8 O susto, As almofadas, A rasteira;

Encontro 9 A pedra no caminho, A trombada, Cabra-cega;

Encontro 10 No sítio, No zoológico, Vamos passear;

Encontro 11 Festa de aniversário, Com papai e mamãe, O banheiro;

Encontro 12 Ai, Que fome!, Oba! Olha quem chegou!, Brincadeiras.

Como nessa narrativa todas informações são compartilhadas, teve-se como objetivo oportunizar o uso de artigos em situações onde a nomeação dos personagens e objetos das gravuras seja feita com o artigo definido ou indefinido, desconsiderando a situação compartilhada na primeira menção (ver Schlatter & Lamprecht, 1988), e a segunda menção seja feita pelo artigo definido.

< Descrição de uma figura >

Quanto à descrição, foram usadas as mesmas 3 figuras até o sexto encontro, mas a partir do sétimo encontro, foi usada uma mesma figura e outra diferente em cada encontro. Em todas figuras, aparecem, pelo menos, duas pessoas que estão fazendo alguma coisa (ver exemplo nos Anexos).

Como nessa descrição todas informações são compartilhadas, teve-se como objetivo oportunizar o uso de artigos em situações onde a nomeação dos personagens e objetos das figuras seja feita com o artigo definido ou indefinido, desconsiderando a situação compartilhada na primeira menção (ver Schlatter & Lamprecht, 1988), e a segunda menção seja feita pelo artigo definido.

Por outro lado, a expectativa de uso do artigo definido por coreanos é diferente. Espera-se que eles possam usar \emptyset na maioria dos contextos devido ao sistema de marcação da língua coreana.

Dados dos brasileiros

Os dados foram coletados em 1990 por entrevistadores do projeto VARSUL através de gravações de áudio. Para a comparação com o uso do artigo definido diante de possessivos e de antropônimos por coreanos, os dados foram utilizados com a aprovação da coordenadora do VARSUL.

4.4 Análise dos dados

Para proceder à análise dos dados, seguimos as seguintes etapas:

- a) Transcrição dos dados;
- b) Tabulação dos dados por tarefas;
- c) Levantamento do uso e não uso do artigo definido;
- d) Categorização e cálculo da porcentagem de uso e ausência do artigo definido nas seguintes funções (ver Quadro 7);

Quadro 7

Categorização das funções para a análise

Categoria 1	Uso em primeira menção (referente compartilhado, referente óbvio, referente único, etc.)
-------------	---

Categoria 2	Uso em segunda menção
Categoria 3	Uso genérico

- e) Estabelecimento de etapas de aquisição;
- f) Comparação dos dados dos coreanos com os dos brasileiros diante de possessivos e de antropônimos.

5 RESULTADOS

Neste capítulo, analisamos o uso e a aquisição do artigo definido. Apresentamos o índice do uso dos artigos de cada participante em cada função (1ªmenção, 2ªmenção e genérico) e em cada tarefa (entrevista, narrativa e descrição). A seguir, aprofundamos a análise sobre o uso do artigo definido como 1ªmenção em cada categoria. Através disso, apresentamos as fases da aquisição ao longo do tempo e observamos as inadequações e características de uso do artigo definido pelos participantes. Por último, apresentamos a comparação do uso do artigo definido, por coreanos e por brasileiros porto-alegrenses, no caso opcional (uso diante de possessivos e de antropônimos), mostrando algumas características no uso de cada grupo.

Antes de entrar na análise dos dados, esclarecemos alguns critérios adotados. Como a nossa pesquisa focaliza o artigo definido, tratamos dos ambientes de uso do artigo definido. Portanto, nas tabelas a seguir, as ocorrências de uso do artigo indefinido e Ø não são analisadas. No caso de 2ªmenção, o uso do artigo indefinido e Ø será considerado inadequado. No caso de 1ªmenção, analisamos a marcação (artigo definido e indefinido) como adequado e Ø como inadequado. Nesse contexto, o uso do artigo indefinido se justifica pela 1ªmenção e o uso do artigo definido se justifica pela situação de coleta de dados, na qual o entrevistador também tinha acesso às figuras e, neste caso, poderia ser considerado referente compartilhado.

Não incluímos na análise os casos em que a palavra termina com as vogais o/u/a imediatamente antes do uso do artigo definido o/a pela impossibilidade de decidir se o participante estava usando ou não o artigo definido, conforme mostram os exemplos a seguir.

ex.: (...) pai da menina voltou *para (a)* casa. (Paulo, 1, N)³
 (...) está correndo *para (a)* gata da Vanessa. (Paulo, 3, N)
 Menino encontrou *(o)* vendedor de balão. (Pedro, 3, N)
 (...) e cortando *(o)* cabelo. (João, 4, N)
 Nós estamos olhando *(o)* vaso quebrado. (Paulo, 4, N)
 Agora eu conheço *(o)* Brasil um pouco (...) (João, 5, E)
 Eu e minha amiga ..⁴ lutamos contra *(a)* moça. (José, 6, N)
 Ronaldo pega *(a)* bicicleta. (Paulo, 7, N)
 Ele está pegando *(o)* regador. (João, 9, N)
 Um menino abriu *(o)* portão. (Paulo, 9, N)
 (...) empurrou *(o)* menino. (Pedro, 9, N)
 Sílvio está dirigindo *(o)* carro (...) (João, 10, N)
 (...) a seleção brasileira vai *para (a)* Coréia e (...) (Paulo, 10, N)
 (...) mãe está penteando *(o)* cabelo.. dela. (João, 11, N)
 Camiseta está mostrando *(o)* coração e (...) (Paulo, 12, D)

Como o uso do artigo definido diante de “casa” e depois de “todo(s)/toda(s)” caracteriza-se por um caso especial, tratamos desses casos separadamente na Seção 5.3.

Finalmente, como os dados gerados pelo Par 1 foram insuficientes para discutir o processo de aquisição do artigo definido, nos limitamos a apresentar as tabelas com os dados nos Apêndices.

5.1 O processo de aquisição do artigo definido

Discutiremos, em primeiro lugar, os dados dos aprendizes através da frequência do uso dos artigos pelos participantes, em cada função e tarefa. Como não

³ (, ,) : participante, encontro, tarefa (E: entrevista, N, narrativa, D: descrição)

⁴ .. : pausa de menos de três segundos, ... : pausa de três e mais de três segundos

houve mudanças no uso dos artigos que justificassem a análise dos dados de cada encontro, agrupamos os dados em 3 momentos, a cada dois meses (encontros 1-4, encontros 5-8 e encontros 9-12).

A seguir, para observar em detalhe a ocorrência do artigo definido nas várias situações de 1ª menção, apresentamos o uso do artigo definido em cada categoria. Definimos as categorias, de acordo com Kato (1974), Neves (2000) e Cunha & Cintra (2001), levando em conta aspectos gramaticais e pragmáticos e mostramos o número de ocorrências encontradas / o número de ocorrências esperadas e a porcentagem (entre parênteses) para verificar os usos (in)adequados. A produção do artigo definido pelos participantes foi agrupada nas seguintes 10 categorias:

- a) uso como referente compartilhado (ref. comp.);
- b) uso como referente óbvio (ref. óbvio);
- c) uso como referente único (ref. único);
- d) uso pelo possessivo (pelo poss.);
- e) uso antes de topônimos (antes topô.);
- f) uso antes de nomes de instituições, obras construídas e siglas (antes insti.);
- g) uso em expressões de tempo (exp. tempo);
- h) uso em anáfora associativa (anáfo. assoc.);
- i) uso em catáfora (catáfora);
- j) uso em pessoa ou coisa descrita por genitivo e sintagma nominal preposicionado: “de + nome posposto” (SN prep.).

Em todas as tabelas apresentadas, embora a tarefa não tenha causado grande diferença no uso do artigo definido, manteremos as ocorrências por tarefa para ilustrar melhor os resultados.

As Tabelas 1-1, 1-2 e 1-3 apresentam a trajetória do uso dos artigos em cada função e tarefa por João.

Tabela 1-1

Uso dos artigos em cada função e tarefa (João / encontros 1-4)

	1ª menção			2ª menção			Genérico			Total do def. (%)
	def.	ind.	Ø	def.	ind.	Ø	def.	ind.	Ø	
Entrevista (%)	25 (39)	2 (3)	38 (58)	4 (29)	0	10 (71)	1 (12)	0	7 (88)	30/87 (34)
Narrativa (%)	28 (24)	36 (31)	53 (45)	18 (19)	9 (9)	68 (72)	0	0	0	46/212 (22)
Descrição (%)	13 (59)	1 (5)	8 (36)	3 (27)	0	8 (73)	0	0	0	16/33 (48)
Total (%)	66 (32)	39 (19)	99 (49)	25 (21)	9 (7)	86 (72)	1 (12)	0	7 (88)	92/332 (28)

Tabela 1-2

Uso dos artigos em cada função e tarefa (João / encontros 5-8)

	1ª menção			2ª menção			Genérico			Total do def. (%)
	def.	ind.	Ø	def.	ind.	Ø	def.	ind.	Ø	
Entrevista (%)	12 (21)	0	45 (79)	4 (20)	0	16 (80)	0	0	9 (100)	16/86 (19)
Narrativa (%)	13 (23)	11 (20)	32 (57)	11 (22)	1 (2)	38 (76)	0	0	0	24/106 (23)
Descrição (%)	15 (71)	0	6 (29)	0	0	3 (100)	0	0	0	15/24 (63)
Total (%)	40 (30)	11 (8)	83 (62)	15 (21)	1 (1)	57 (78)	0	0	9 (100)	55/216 (25)

Tabela 1-3

Uso dos artigos em cada função e tarefa (João / encontros 9-12)

	1ª menção			2ª menção			Genérico			Total do def. (%)
	def.	ind.	Ø	def.	ind.	Ø	def.	ind.	Ø	
Entrevista (%)	13 (28)	0	34 (72)	0	0	21 (100)	0	0	4 (100)	13/72 (18)
Narrativa (%)	16 (25)	16 (25)	33 (50)	5 (14)	0	32 (86)	0	0	0	21/102 (21)
Descrição (%)	8 (32)	1 (4)	16 (64)	1 (11)	1 (11)	7 (78)	0	0	0	9/34 (26)
Total (%)	37 (27)	17 (12)	83 (61)	6 (9)	1 (1)	60 (90)	0	0	4 (100)	43/208 (21)

Como podemos observar nas tabelas acima, os dados de João revelam poucas diferenças no uso do artigo definido ao longo dos seis meses. Em 2ª menção, João usou o artigo definido em 21%, 21% e 9% dos contextos comparado a Ø em 72%, 78% e

90%. Em 1ª menção, mostra a marcação dos artigos (definido + indefinido) em 51%, 38% e 39% comparado a Ø em 49%, 62% e 61%, o que seria inadequado. A ausência dos artigos dominou nos dados de João. Comparando 2ª e 1ª menção, João mostrou mais Ø em 2ª menção. Tanto em 1ª menção como em 2ª menção, não há desenvolvimento. No uso genérico, também houve uma tendência de usar Ø, sem alteração nos 6 meses (88%, 100% e 100%).

As Tabelas 1-4, 1-5 e 1-6 mostram o uso do artigo definido em cada categoria na 1ª menção por João.

Tabela 1-4

Uso do artigo definido como 1ª menção em cada categoria (João / encontros 1-4)

	ref. comp.	ref. óbvio	ref. único	pelo poss.	antes topô.	antes insti.	exp. tempo	anáfo. assoc.	catá-fora	SN prep.
Entr. (%)	2/4 (50)	6/12 (50)	0	2/6 (33)	10/24 (42)	1/1 (100)	4/5 (80)	0/5	0/1	0/5
Narr. (%)	23/97 (24)	4/10 (40)	1/1 (100)	0/8	0	0	0	0	0	0/1
Desc. (%)	12/20 (60)	1/2 (50)	0	0	0	0	0	0	0	0
Total (%)	37/121 (31)	11/22 (50)	1/1 (100)	2/14 (14)	10/24 (42)	1/1 (100)	4/5 (80)	0/5	0/1	0/6

Tabela 1-5

Uso do artigo definido como 1ª menção em cada categoria (João / encontros 5-8)

	ref. comp.	ref. óbvio	ref. único	pelo poss.	antes topô.	antes insti.	exp. tempo	anáfo. assoc.	catá-fora	SN prep.
Entr. (%)	0/1	4/14 (29)	0	0/1	3/15 (20)	0/2	5/5 (100)	0/11	0	0/8
Narr. (%)	11/45 (24)	2/3 (67)	0	0/2	0	0	0	0	0	0/6
Desc. (%)	14/18 (78)	1/1 (100)	0	0	0	0	0	0	0	0/2
Total (%)	25/64 (39)	7/18 (39)	0	0/3	3/15 (20)	0/2	5/5 (100)	0/11	0	0/16

Tabela 1-6

Uso do artigo definido como 1ª menção em cada categoria (João / encontros 9-12)

	ref. comp.	ref. óbvio	ref. único	pelo poss.	antes topô.	antes insti.	exp. tempo	anáfo. assoc.	catáfora	SN prep.
Entr. (%)	1/3 (33)	7/15 (47)	0	0/5	1/15 (7)	0/1	0/1	1/3 (33)	1/1 (100)	2/3 (67)
Narr. (%)	16/49 (33)	0	0/1	0/5	0	0	0	0	0/2	0/8
Desc. (%)	8/21 (38)	0	0	0	0	0	0	0	0	0/4
Total (%)	25/73 (34)	7/15 (47)	0/1	0/10	1/15 (7)	0/1	0/1	1/3 (33)	1/3 (33)	2/15 (13)

Observando as tabelas acima, novamente não podemos perceber desenvolvimento no uso do artigo definido. João quase não usou o artigo definido no uso pelo possessivo (2 vezes em 27 ambientes de todos encontros), em anáfora associativa (1 vez em 19 ambientes) e sintagma nominal preposicionado (2 vezes em 37 ambientes). Parece que há mais uso, relativamente, com expressões de tempo (9 vezes em 11 ambientes) e referentes óbvios (25 vezes em 55 ambientes).

As Tabelas 2-1 e 2-2 apresentam a trajetória do uso dos artigos em cada função e tarefa por José. Como José voltou para a Coreia antes do tempo previsto (ver Seções 4.2 e 4.3), os dados desse participante resumem-se a dois momentos (encontros 1-4 e encontros 5-6).

Tabela 2-1

Uso dos artigos em cada função e tarefa (José / encontros 1-4)

	1ª menção			2ª menção			Genérico			Total do def. (%)
	def.	ind.	Ø	def.	ind.	Ø	def.	ind.	Ø	
Entrevista (%)	25 (49)	0	26 (51)	1 (8)	0	11 (92)	0	0	7 (100)	26/70 (37)
Narrativa (%)	27 (22)	20 (16)	75 (62)	24 (15)	11 (7)	125 (78)	0	0	0	51/282 (18)
Descrição (%)	5 (28)	0	13 (72)	0	0	11 (100)	0	0	0	5/29 (17)
Total (%)	57 (30)	20 (10)	114 (60)	25 (14)	11 (6)	147 (80)	0	0	7 (100)	82/381 (22)

Tabela 2-2

Uso dos artigos em cada função e tarefa (José / encontros 5-6)

	1ª menção			2ª menção			Genérico			Total do def. (%)
	def.	ind.	Ø	def.	ind.	Ø	def.	ind.	Ø	
Entrevista (%)	12 (46)	0	14 (54)	1 (14)	0	6 (86)	1 (20)	0	4 (80)	14/38 (37)
Narrativa (%)	10 (25)	9 (22)	21 (53)	9 (23)	3 (8)	27 (69)	0	0	0	19/79 (24)
Descrição (%)	1 (25)	0	3 (75)	0	1 (12)	7 (88)	0	0	0	1/12 (8)
Total (%)	23 (33)	9 (13)	38 (54)	10 (19)	4 (7)	40 (74)	1 (20)	0	4 (80)	34/129 (26)

José também mostra pouca diferença no uso do artigo definido durante os três meses de encontro. Em 2ª menção, José usou o artigo definido em 14% e 19% das ocorrências. Em 1ª menção, a marcação dos artigos (definido + indefinido) mostra 40% e 46%. O que podemos notar é que, como ocorreu com João, Ø foi dominante: em 2ª menção, 80% e 74%, e em 1ª menção, 60% e 54%. Também o uso genérico foi predominantemente marcado por Ø (100% e 80%).

Nas Tabelas 2-3 e 2-4, verificamos o uso do artigo definido em cada categoria na 1ª menção por José.

Tabela 2-3

Uso do artigo definido como 1ª menção em cada categoria (José / encontros 1-4)

	ref. comp.	ref. óbvio	ref. único	pelo poss.	antes topô.	antes insti.	exp. tempo	anáfo. assoc.	catá-fora	SN prep.
Entr. (%)	0	6/13 (46)	0	0/4	11/12 (92)	1/5 (20)	5/5 (100)	0/3	0	2/9 (22)
Narr. (%)	20/81 (25)	4/5 (80)	1/9 (11)	0/11	0	0	0	0	1/4 (25)	1/12 (8)
Desc. (%)	5/17 (29)	0	0	0	0	0	0	0	0	0/1
Total (%)	25/98 (26)	10/18 (56)	1/9 (11)	0/15	11/12 (92)	1/5 (20)	5/5 (100)	0/3	1/4 (25)	3/22 (14)

Tabela 2-4

Uso do artigo definido como 1ª menção em cada categoria (José / encontros 5-6)

	ref. comp.	ref. óbvio	ref. único	pelo poss.	antes topô.	antes insti.	exp. tempo	anáfo. assoc.	catá- fora	SN prep.
Entr. (%)	0	2/3 (67)	0	0/1	6/8 (75)	1/3 (33)	2/3 (67)	0/1	0	1/7 (14)
Narr. (%)	8/28 (29)	0	1/2 (50)	0	0	0	0	0	0/3	1/7 (14)
Desc. (%)	1/4 (25)	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Total (%)	9/32 (28)	2/3 (67)	1/2 (50)	0/1	6/8 (75)	1/3 (33)	2/3 (67)	0/1	0/3	2/14 (14)

Novamente os dados não revelam desenvolvimento. Parece que há mais uso antes de topônimos (17 vezes em 20 ambientes de todos encontros), com expressões de tempo (7 vezes em 8 ambientes) e referentes óbvios (12 vezes em 21 ambientes). Por outro lado, o artigo definido não foi usado pelo possessivo (nenhuma vez em 16 ambientes) e pouco usado com referente único (2 vezes em 11 ambientes) e sintagma nominal preposicionado (5 vezes em 36 ambientes), mantendo 26% e 28% de uso em referente compartilhado.

Os resultados dos aprendizes de nível básico (João e José) são muito semelhantes entre si. O que dominou a sua produção foi a ausência de artigos (\emptyset) tanto em 1ª menção quanto em 2ª menção. Também no uso genérico, \emptyset foi dominante.

Observando o uso do artigo definido em 1ª menção, ambos os participantes usaram mais artigo definido com expressões de tempo e com referentes óbvios, e pouco no uso pelo possessivo, com referente único, anáfora associativa, catáfora e sintagma nominal preposicionado. O que os distingue é o uso do artigo definido antes de topônimos: João usou pouco (14 vezes em 54 ambientes) enquanto José usou muito (17 vezes em 20 ambientes). Como veremos mais adiante (ver Seção 5.3), esse uso envolve a contração do artigo definido com preposições, o que poderia sugerir uma aquisição da preposição + artigo como um item não analisado.

Nos dados dos aprendizes de nível intermediário, Pedro mostrou um resultado semelhante aos aprendizes de nível básico. A seguir, apresentamos a trajetória do uso dos artigos em cada função e tarefa por Pedro.

Tabela 3-1

Uso dos artigos em cada função e tarefa (Pedro / encontros 1-4)

	1ª menção			2ª menção			Genérico			Total do def. (%)
	def.	ind.	Ø	def.	ind.	Ø	def.	ind.	Ø	
Entrevista (%)	24 (47)	3 (6)	24 (47)	0	0	11 (100)	0	0	5 (100)	24/67 (36)
Narrativa (%)	29 (26)	33 (29)	50 (45)	18 (17)	15 (15)	69 (68)	0	0	0	47/214 (22)
Descrição (%)	4 (24)	5 (29)	8 (47)	0	1 (12)	7 (88)	0	0	0	4/25 (16)
Total (%)	57 (32)	41 (23)	82 (45)	18 (15)	16 (13)	87 (72)	0	0	5 (100)	75/306 (25)

Tabela 3-2

Uso dos artigos em cada função e tarefa (Pedro / encontros 5-8)

	1ª menção			2ª menção			Genérico			Total do def. (%)
	def.	ind.	Ø	def.	ind.	Ø	def.	ind.	Ø	
Entrevista (%)	18 (46)	1 (3)	20 (51)	2 (10)	0	18 (90)	1 (25)	0	3 (75)	21/63 (33)
Narrativa (%)	17 (25)	17 (25)	35 (50)	8 (13)	4 (7)	49 (80)	0	0	0	25/130 (19)
Descrição (%)	1 (10)	6 (60)	3 (30)	3 (20)	4 (27)	8 (53)	0	0	0	4/25 (16)
Total (%)	36 (31)	24 (20)	58 (49)	13 (14)	8 (8)	75 (78)	1 (25)	0	3 (75)	50/218 (23)

Tabela 3-3

Uso dos artigos em cada função e tarefa (Pedro / encontros 9-12)

	1ª menção			2ª menção			Genérico			Total do def. (%)
	def.	ind.	Ø	def.	ind.	Ø	def.	ind.	Ø	

Entrevista (%)	26 (54)	1 (2)	21 (44)	1 (7)	0	13 (93)	1 (8)	0	12 (92)	28/75 (37)
Narrativa (%)	15 (18)	22 (26)	47 (56)	4 (9)	1 (2)	42 (89)	0	0	0	19/131 (16)
Descrição (%)	1 (5)	4 (21)	14 (74)	0	0	14 (100)	0	0	0	1/33 (3)
Total (%)	42 (28)	27 (18)	82 (54)	5 (7)	0 (1)	69 (92)	1 (8)	0	12 (92)	48/239 (20)

Como podemos verificar nas tabelas acima, os dados de Pedro são bastante semelhantes aos anteriores. Não é possível perceber algum desenvolvimento no uso do artigo definido ao longo dos seis meses. Tanto em 2ª menção (15%, 14% e 7%) como em 1ª menção (32%, 31% e 28%), o uso do artigo definido praticamente não mudou, mesmo que o artigo indefinido (23%, 20% e 18% em 1ª menção) tenha ocorrido mais do que nos dados dos aprendizes de nível básico. Ø também dominou a produção de Pedro, mostrando um leve aumento (45%, 49% e 54% em 1ª menção, 72%, 78% e 92% em 2ª menção). No uso genérico, também houve a mesma tendência de usar Ø.

Podemos notar que o processo da aquisição do artigo definido por Pedro é praticamente igual ao de João e de José, ainda que Pedro estivesse cursando o nível mais alto, Intermediário. O uso do artigo definido como 1ª menção também não é diferente, como veremos nas tabelas abaixo.

As Tabelas 3-4, 3-5 e 3-6 mostram o uso do artigo definido em cada categoria na 1ª menção por Pedro.

Tabela 3-4

Uso do artigo definido como 1ª menção em cada categoria (Pedro / encontros 1-4)

	ref. comp.	ref. óbvio	ref. único	pelo poss.	antes topô.	antes insti.	exp. tempo	anáfo. assoc.	catáfora	SN prep.
Entr.	0	4/5	0/1	0	10/15	3/3	5/8	0/2	0	2/15

(%)		(80)			(67)	(100)	(63)			(13)
Narr. (%)	20/73 (27)	8/10 (80)	0/1	0/2	0	0	0	0	0/2	1/24 (4)
Desc. (%)	2/11 (80)	2/2 (100)	0	0	0	0	0	0	0	0/4 (100)
Total (%)	22/84 (26)	14/17 (82)	0/2	0/2	10/15 (67)	3/3 (100)	5/8 (63)	0/2	0/2	3/43 (7)

Tabela 3-5

Uso do artigo definido como 1ª menção em cada categoria (Pedro / encontros 5-8)

	ref. comp.	ref. óbvio	ref. único	pelo poss.	antes topô.	antes insti.	exp. tempo	anáfo. assoc.	catá- fora	SN prep.
Entr. (%)	0/1	4/6 (67)	0	0/1	12/17 (71)	0/1	2/3 (67)	0	0/1	0/9
Narr. (%)	11/42 (26)	5/6 (83)	0	0	0	0	0	0	0	1/21 (5)
Desc. (%)	1/8 (13)	0	0	0	0	0	0	0	0	0/2
Total (%)	12/51 (24)	9/12 (75)	0	0/1	12/17 (71)	0/1	2/3 (67)	0	0/1	1/32 (3)

Tabela 3-6

Uso do artigo definido como 1ª menção em cada categoria (Pedro / encontros 9-12)

	ref. comp.	ref. óbvio	ref. único	pelo poss.	antes topô.	antes insti.	exp. tempo	anáfo. assoc.	catá- fora	SN prep.
Entr. (%)	0	4/4 (100)	0	0/1	19/24 (79)	0/1	2/2 (100)	0/6	0/1	1/9 (11)
Narr. (%)	12/54 (22)	1/1 (100)	0	0	0	0	0	0	0/1	2/28 (7)
Desc. (%)	1/12 (8)	0	0	0	0	0	0	0/2	0	0/5
Total (%)	13/66 (20)	5/5 (100)	0	0/1	19/24 (79)	0/1	2/2 (100)	0/8	0/2	3/42 (7)

Nas tabelas acima, podemos verificar também algumas tendências de uso do artigo definido em 1ª menção. Enquanto o artigo não foi usado nenhuma vez pelo possessivo, com referente único, anáfora associativa e catáfora, e pouco usado em sintagma nominal preposicionado (7 vezes em 117 ambientes de todos encontros) e com referente compartilhado (26%, 24% e 20%), Pedro utiliza o artigo definido com maior frequência com referentes óbvios (28 vezes em 34 ambientes), expressões de tempo (9

vezes em 13 ambientes) e antes de topônimos (41 vezes em 56 ambientes).

Por último, nas Tabelas 4-1, 4-2 e 4-3, apresentamos a trajetória do uso dos artigos por Paulo, em cada função e tarefa.

Tabela 4-1

Uso dos artigos em cada função e tarefa (Paulo / encontros 1-4)

	1ª menção			2ª menção			Genérico			Total do def. (%)
	def.	ind.	Ø	def.	ind.	Ø	def.	ind.	Ø	
Entrevista (%)	40 (60)	5 (7)	22 (33)	1 (14)	2 (29)	4 (57)	0	1 (14)	6 (86)	41/81 (51)
Narrativa (%)	33 (25)	63 (49)	34 (26)	28 (26)	32 (29)	49 (45)	0	0	0	61/239 (26)
Descrição (%)	11 (85)	2 (15)	0	3 (38)	0	5 (62)	0	0	0	14/21 (67)
Total (%)	84 (40)	70 (33)	56 (27)	32 (26)	34 (27)	58 (47)	0	1 (14)	6 (86)	116/341 (34)

Tabela 4-2

Uso dos artigos em cada função e tarefa (Paulo / encontros 5-8)

	1ª menção			2ª menção			Genérico			Total do def. (%)
	def.	ind.	Ø	def.	ind.	Ø	def.	ind.	Ø	
Entrevista (%)	27 (63)	4 (9)	12 (28)	5 (38)	0	8 (62)	1 (7)	0	13 (93)	33/70 (47)
Narrativa (%)	19 (25)	35 (45)	23 (30)	24 (39)	7 (11)	31 (50)	0	0	0	43/139 (31)
Descrição (%)	9 (64)	3 (22)	2 (14)	5 (33)	3 (20)	7 (47)	0	0	0	14/29 (48)
Total (%)	55 (41)	42 (31)	37 (28)	34 (38)	10 (11)	46 (51)	1 (7)	0	13 (93)	90/238 (38)

Tabela 4-3

Uso dos artigos em cada função e tarefa (Paulo / encontros 9-12)

	1ª menção			2ª menção			Genérico			Total do def. (%)
	def.	ind.	Ø	def.	ind.	Ø	def.	ind.	Ø	

Entrevista (%)	17 (47)	4 (11)	15 (42)	8 (42)	0	11 (58)	1 (6)	0	17 (94)	26/73 (36)
Narrativa (%)	28 (34)	28 (34)	27 (32)	21 (39)	8 (15)	25 (46)	0	0	0	49/137 (36)
Descrição (%)	7 (35)	6 (30)	7 (35)	4 (40)	2 (20)	4 (40)	0	0	0	11/30 (37)
Total (%)	52 (38)	38 (27)	49 (35)	33 (40)	10 (12)	40 (48)	1 (6)	0	17 (94)	86/240 (36)

Observando as tabelas acima, podemos perceber um desenvolvimento de uso do artigo definido por Paulo. Comparando com os outros participantes, Paulo usou mais artigos. Ele usou o artigo definido em 40%, 41% e 38% das ocorrências em 1ª menção, e ainda, em 2ª menção, mostrou um aumento de uso de 26% para 38% e 40%. Paulo também usou mais artigo indefinido do que os demais: 33%, 31% e 27% em 1ª menção e 27%, 11% e 12% em 2ª menção. Portanto, naturalmente a frequência de \emptyset diminuiu. A ausência de artigos em 1ª menção foi de 27%, 28% e 35% enquanto os outros participantes mostraram, em média, mais de 50% de uso de \emptyset . Em 2ª menção Paulo também se distingue dos demais. Ao passo que os outros participantes não usaram artigos, em média, 80%, \emptyset foi usado por Paulo em 47%, 51% e 48% das ocorrências. Mesmo que \emptyset em 2ª menção (em média, quase 50%) tenha sido um uso inadequado, Paulo mostrou, relativamente, menos uso de \emptyset . Já a tendência de usar \emptyset para marcar o uso genérico foi igual aos demais.

Em resumo, os dados de Paulo mostram mais uso de artigos e menos uso de \emptyset , comparando com os outros participantes. Através disso, podemos notar que Paulo está tentando marcar definitude em português, embora muitas vezes com o artigo indefinido.

As Tabelas 4-4, 4-5 e 4-6 mostram o uso do artigo definido em cada categoria na 1ª menção por Paulo.

Tabela 4-4

Uso do artigo definido como 1ª menção em cada categoria (Paulo / encontros 1-4)

	ref. comp.	ref. óbvio	ref. único	pelo poss.	antes topô.	antes insti.	exp. tempo	anáfo. assoc.	catáfora	SN prep.
Entr. (%)	0/2	12/20 (60)	0	1/2 (50)	20/24 (83)	1/2 (50)	6/6 (100)	0/2	0	0/9
Narr. (%)	16/97 (16)	15/15 (100)	0/2	0/4	0	0	0	0	0	2/12 (17)
Desc. (%)	8/10 (80)	2/2 (100)	0	0	0	0	0	0	0	1/1 (100)
Total (%)	24/109 (22)	29/37 (78)	0/2	1/6 (17)	20/24 (83)	1/2 (50)	6/6 (100)	0/2	0	3/22 (14)

Tabela 4-5

Uso do artigo definido como 1ª menção em cada categoria (Paulo / encontros 5-8)

	ref. comp.	ref. óbvio	ref. único	pelo poss.	antes topô.	antes insti.	exp. tempo	anáfo. assoc.	catáfora	SN prep.
Entr. (%)	0/3	4/4 (100)	0	0	14/19 (74)	1/1 (100)	5/5 (100)	2/2 (100)	0	1/9 (11)
Narr. (%)	11/60 (18)	8/8 (100)	0/1	0	0	0	0	0	0	0/8
Desc. (%)	9/13 (69)	0	0	0	0	0	0	0	0	0/1
Total (%)	20/76 (26)	12/12 (100)	0/1	0	14/19 (74)	1/1 (100)	5/5 (100)	2/2 (100)	0	1/18 (6)

Tabela 4-6

Uso do artigo definido como 1ª menção em cada categoria (Paulo / encontros 9-12)

	ref. comp.	ref. óbvio	ref. único	pelo poss.	antes topô.	antes insti.	exp. tempo	anáfo. assoc.	catáfora	SN prep.
Entr. (%)	1/5 (20)	7/10 (70)	0	0	7/10 (70)	2/2 (100)	0	0/3	0	0/6
Narr. (%)	19/67 (28)	7/7 (100)	0	1/2 (50)	0	0	0	0	0	1/7 (14)
Desc. (%)	4/13 (31)	0	0	2/2 (100)	0	0	0	0/1	0	1/4 (25)
Total (%)	24/85 (28)	14/17 (82)	0	3/4 (75)	7/10 (70)	2/2 (100)	0	0/4	0	2/17 (12)

Paulo usa mais artigo definido com referentes óbvios (55 vezes em 66 ambientes de todos encontros), antes de topônimos (41 vezes em 53 ambientes), antes de nomes de instituição (4 vezes em 5 ambientes) e com expressões de tempo (11 vezes em 11 ambientes). A maioria dos usos nessas categorias aconteceu na entrevista porque

nesse contexto houve referentes como *aula, escola, banco, Brasil, Coréia, UFRGS, PUC, CBF, semana passada*. Já com sintagma nominal preposicionado, usa menos vezes o artigo definido (6 vezes em 57 ambientes).

Os dados de Pedro e Paulo, ambos matriculados no curso Intermediário , são diferentes entre si. Pedro não revela desenvolvimento da aquisição do artigo definido, mantendo \emptyset em 1ª menção, 2ª menção e genérico. Sua trajetória é parecida com a de João e José. Poderíamos dizer que o nível de Pedro em relação ao uso do artigo definido é semelhante ao de João e José. Por outro lado, Paulo mostrou uma produção diferente dos demais. Exceto no uso genérico, houve um desenvolvimento no uso do artigo definido, uma tentativa de marcar definitude, mesmo que com artigo indefinido, e uma redução do uso de \emptyset .

A seguir, para visualizar melhor esse resultado, apresentamos os resultados de João e Paulo em forma de gráficos para ilustrar os dois níveis de desenvolvimento: Básico e Intermediário.

Gráfico 2
Mudança de uso dos artigos em 1ª menção (João)

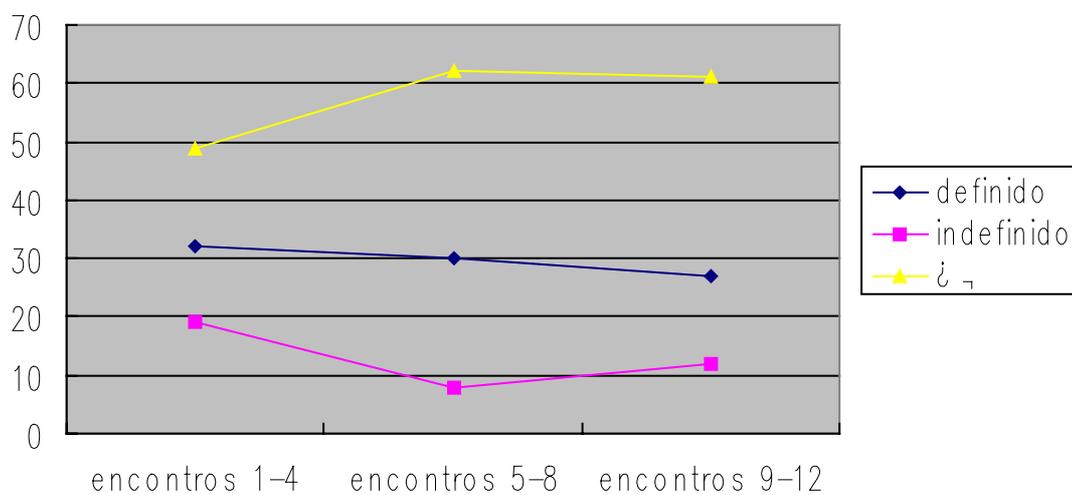


Gráfico 3
Mudança de uso dos artigos em 2ª menção (João)

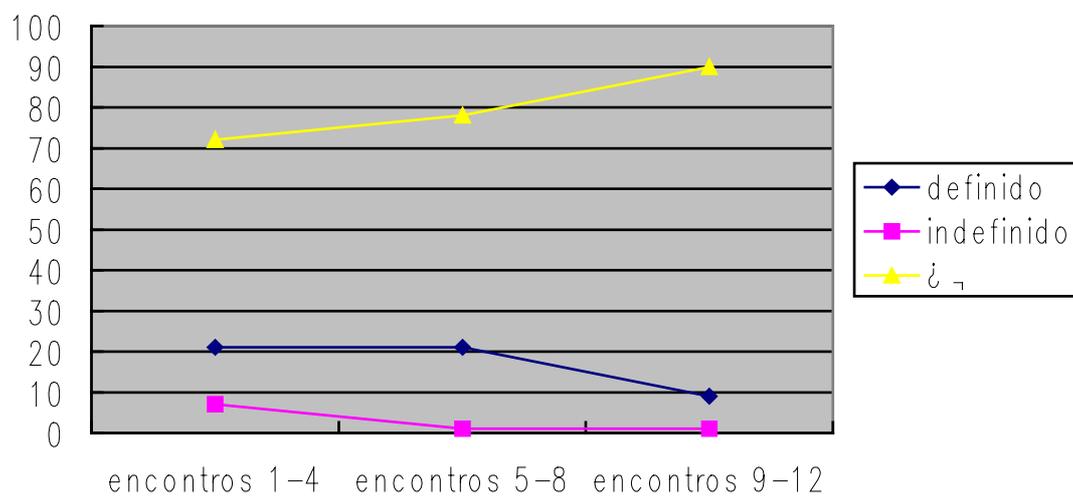


Gráfico 4
Mudança de uso dos artigos em 1ª menção (Paulo)

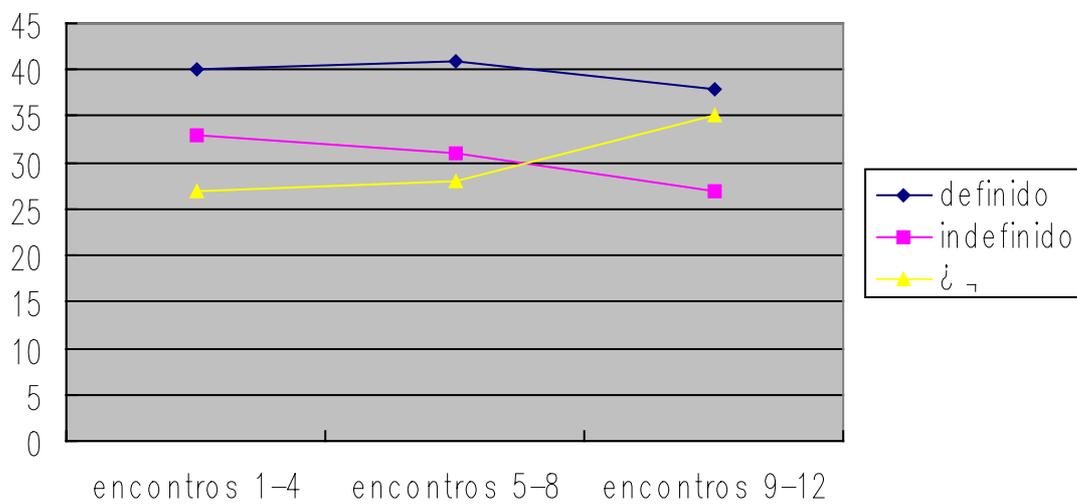


Gráfico 5
Mudança de uso dos artigos em 2ª menção (Paulo)

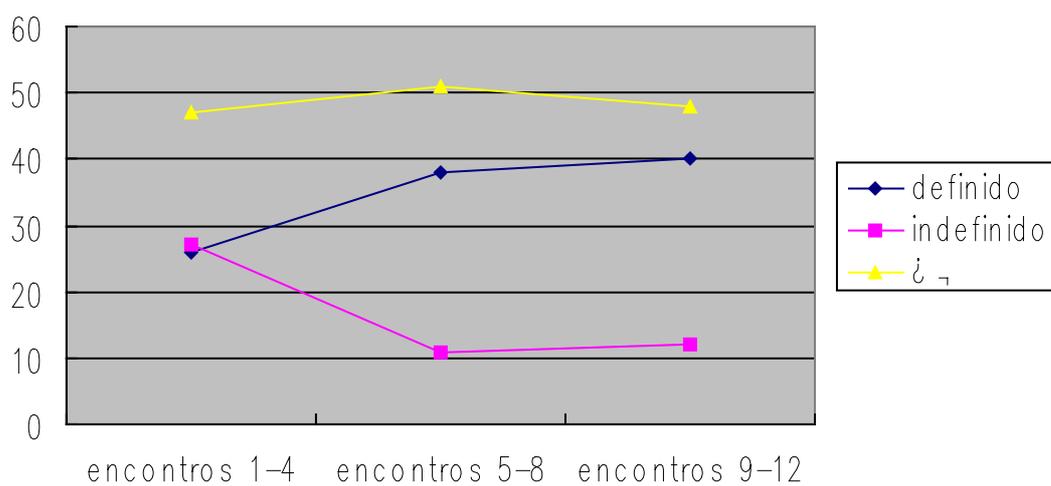


Gráfico 6
Comparação de uso do artigo definido em 1ª menção

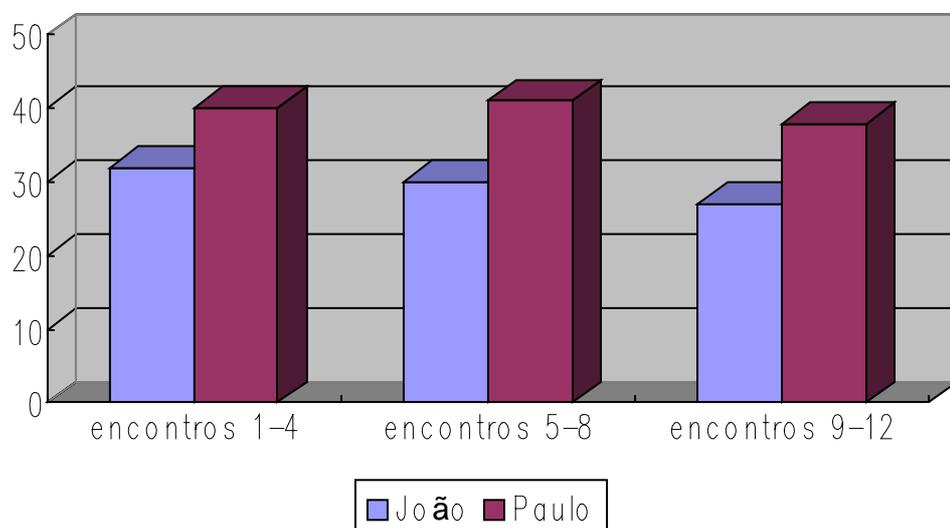


Gráfico 7
Comparação de uso do artigo definido em 2ª menção

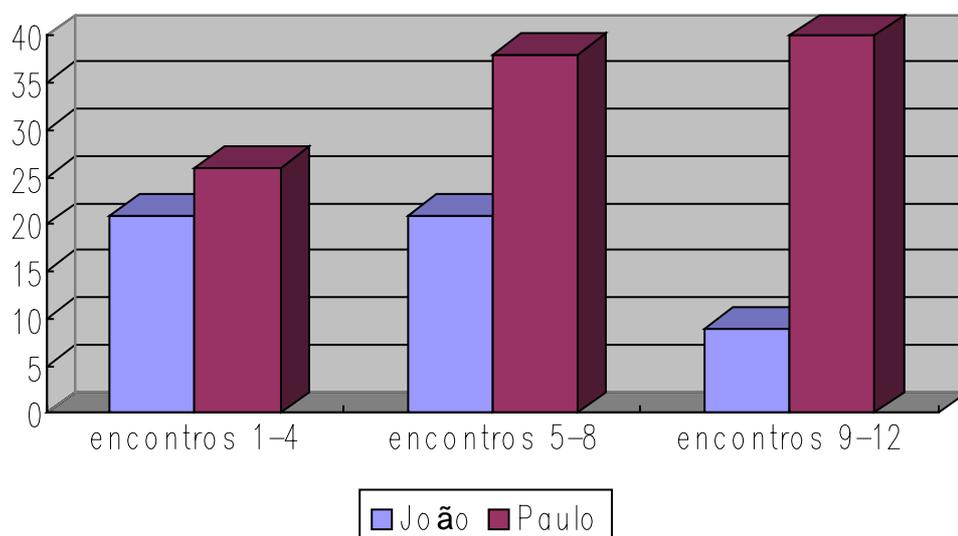


Gráfico 8
Comparação de ausência dos artigos em 1ª menção

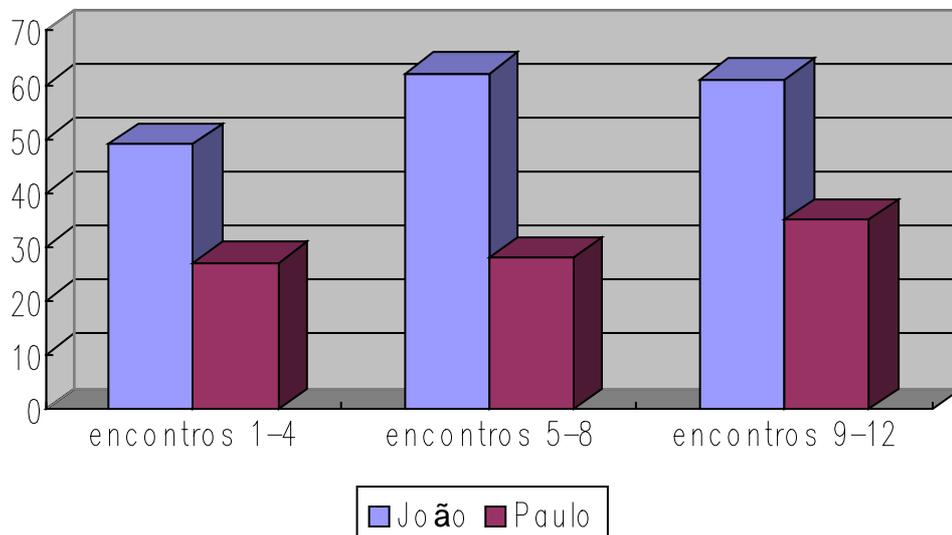
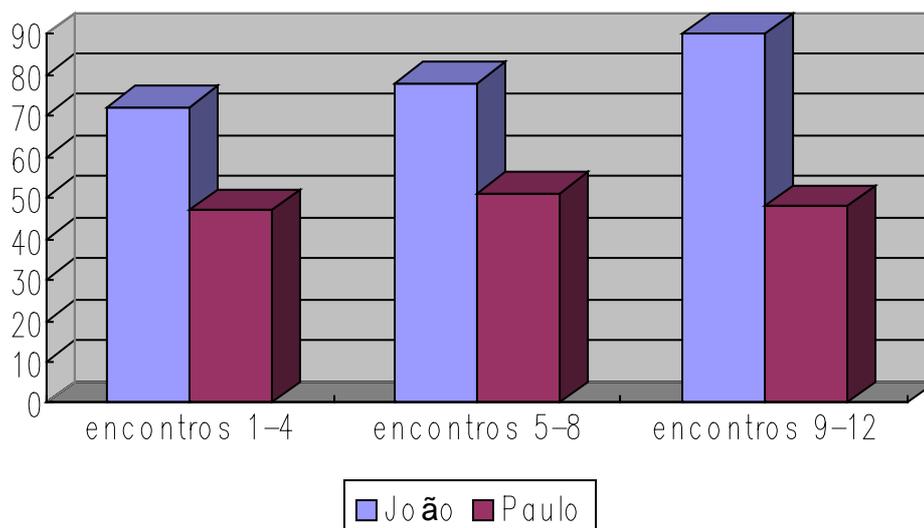


Gráfico 9
Comparação de ausência dos artigos em 2ª menção



Como já foi dito antes, \emptyset foi dominante na produção de João tanto em 1ª menção como em 2ª menção (ver Gráficos 2, 3, 8 e 9). A frequência do uso do artigo definido é muito baixa. Por outro lado, no caso de Paulo, o uso dos artigos é

relativamente freqüente (ver Gráfico 4) e o aumento de uso do artigo definido em 2ª menção chama a atenção (ver Gráficos 5 e 7).

Comparando os resultados com o estudo de Schlatter & Lamprecht (1988), há algumas semelhanças: a) A situação compartilhada não influenciou a escolha do artigo definido; b) No uso genérico, Ø foi dominante. Por outro lado, há algumas diferenças: a) Em 2ª menção, quando o uso do artigo definido seria obrigatório, os coreanos usam Ø com uma freqüência bem alta; b) Os brasileiros usam o artigo definido, por razões pragmáticas, também na situação não-compartilhada, mas os coreanos preferem usar Ø.

Da mesma forma que relatado por Schmidt & Frota (1986), a omissão foi dominante como a forma de erro, que pode ter sido ocasionada por uma transferência da L1. Por outro lado, na contração com preposições, enquanto o falante de inglês teve dificuldade no início, os coreanos parecem que analisaram a contração como um único morfema e produziram o artigo definido desde o início, como veremos a seguir.

A relação dos resultados do nosso estudo com a hipótese de 4 estágios para a aquisição de artigos (ver Quadro 4), baseada em especificidade e pressuposição, seria prematura, pois os coreanos usam Ø com referentes específicos, sem marcar pelo uso dos artigos a diferença entre específico e não-específico. E ainda, os resultados mostraram pouca mudança ao longo dos seis meses, o que torna difícil alguma conclusão mais aprofundada em relação a estágios de desenvolvimento.

Como vimos na roda semântica para referência de sintagma nominal em inglês (ver Figura 1) apresentada por Huebner (1983), a qual também poderia ser aplicada ao português, o artigo definido pode ocorrer no Tipo 1, como uso genérico, [-Referente específico][+Conhecimento pressuposto do interlocutor] e deve ser usado no Tipo 2 [+Referente específico][+Conhecimento pressuposto do interlocutor]. Contudo, no Tipo 2, os resultados dos coreanos não revelaram o uso do artigo definido, mas a ausência do artigo definido. E também no uso genérico do Tipo 1, preferiram Ø. Parece, portanto, que a ausência de artigos por coreanos tem relação com a L1, que marca especificidade

com Ø, como vimos na Seção 3.2 (Quadro 5).

5.2 As características e estratégias do processo da aquisição

No intuito de constatar algumas características do processo de aquisição do artigo definido por coreanos, analisamos, a seguir, as inadequações de uso e, a partir delas, inferimos algumas estratégias de aprendizagem dos participantes.

1) O uso inadequado de Ø em 2ª menção:

Como já vimos, a ausência do artigo definido ocorreu com muita frequência em 2ª menção. Os exemplos abaixo ilustram essa omissão.

ex.: Então ele encontrou um dragão dragão. Ela está lutando com Ø dragão. Porque Ø dragão é muito grande por isso Ø dragão não pode entrar na gruta. (João, 2, N)

Um menino está andando a[à]⁵ rua. (...) E Ø menino comprei comprei uma balão. Então Ø menino está andando a[à] rua na rua com Ø balão. (João, 3, N)

Uma menina ... sentou ... dentro da gruta. Em repente um dragão apareceu em frente em frente de em frente da dela menina. (...) Ela ... brigou com Ø dragão. Ela entrou entrou na gruta por isso Ø dragão não pode segurar .. Ø menina. Ø Menina faz uma priso preso para guardar guardar para guardar. Ø Dragão não pode não pode segurar Ø menina. (Pedro, 3, N)

Está .. em sala grande está duas pessoas. Um menino um homem e uma menina uma moça. (...) Ø Homem usa chapéu tá usando chapéu e ela tá olhando (...) (Pedro, 5, D)

Menina abre porta ... Ø menina ganhou ... água. Ao mesmo tempo menino quem ele é vizinho ... visita. Então .. ela dá água para flor ... e Ø menino olha menina. Menino Ø menino pode ver Ø flor. (José, 6, N)

Ele está pegando ... uma cachorro e ela está sentando (...) Ø Cachorro é branco .. e um pouco alto. (João, 7, D)

Minha mãe dou um carro novo para nós ... mas .. nós brigamos de novo por causa de Ø carro novo. (Pedro, 7, N)

⁵ [] : outra possibilidade de transcrição

No campo .. um menino está jogando com vaca. E depois de voltar casa acho que no sítio .. está olhando está olhando que porco e galinha está jogando. E acho que Ø sítio .. fica com tranqüilo. (...) Acho que .. Ø menino está feliz. (João, 10, N)

Um restaurante de japonês ... uma moça está uma moça e um homem está uma moça e um homem. Ø Homem é oriental ... Eles tá .. olhando ambos. Ø Moça tá muito bonita e eles tá vestindo muito formal e ... Ø homem tá sentando na cadeira. (Pedro, 10, D)

Pedro está pegando seu cachorro e Vanessa está pegando ... sua gata. Então Ø cachorro dele está correndo para pegar Ø gata. Então Vanessa está assustado muito. Mas ... acho que é mentira era mentira. E Ø cachorro gosta gosta de Ø gata. (João, 12, N)

Como mostram os exemplos acima, os participantes não usaram o artigo definido em 2ª menção ao longo dos encontros. Podemos dizer que os coreanos estavam aplicando o sistema da língua coreana, na qual não há necessidade de marcar o referente já mencionado.

2) O uso inadequado do artigo indefinido em 2ª menção:

Em várias ocorrências, os participantes usaram o artigo indefinido no lugar do artigo definido como anáfora.

ex.: Um rapaz andar está andar a rua na rua. Um vendedor um vendedor de balão encontro *um* menino. *Um* menino comprou uma balão. (João, 1, N)

E aí de repente um vendedor de bola apareceu diante dele. Então *um* vendedor dou uma bola uma balão para ele. (Paulo, 1, N)

Um homem apareceu e ele fugiu (...). Eu e minha amiga ... lutam com ... *um* homem. E finalmente ... nós ganham contra *um* homem. (Pedro, 2, N)

Paulo e Luciane e Fabiano podem procurar uma caixa. Eles abrem *uma* caixa. (José, 5, N)

Uma menina abriu a porta. Depois ela pegou um regador. Um menino abriu a portão então entrou na casa. *Uma* menina deu uma água para flore para flores então *um* menino estava olhando. (Paulo, 5, N)

Está ... duas .. um homem e uma .. moça. Uma menina um moça *uma* moça está

dentro de .. dentro da carro e .. *um* homem ... tá ... com com carro. (Pedro, 7, D)

Um menino e uma menina se encontraram na rua. Mas de repente *uma* menina caiu no chão .. por causa da pedra. Mas *um* menino não sabe (...) (Paulo, 9, N)

De repente um homem apareceu por isso .. minha tia e *um* homem colidiram. (Paulo, 9, N)

Nesses exemplos, após usar o artigo indefinido em 1ª menção, os coreanos continuaram usando o artigo indefinido em 2ª menção, quando o uso do artigo definido seria obrigatório. Se levarmos em conta o sistema da L1, isso poderia estar revelando uma tentativa de marcação de definitude na L2 já que em coreano teríamos \emptyset nesse contexto.

3) O uso oscilante de artigos em 2ª menção, no mesmo contexto:

Em várias ocasiões, foi possível observar um uso oscilante entre artigo definido, artigo indefinido e \emptyset em 2ª menção.

ex.: De repente apareceu uma dragão. Então ela tem medo. Dragão \emptyset dragão atacou ela. Ela defendeu. Ela esconde escondeu uma dentro da rocha por isso \emptyset dragão não entrou da uma rocha. Ela ela faz faz com madeiras parece uma cadeia. E aí *uma* dragão desapareceu e ela sentou dentro da rocha. Ela tem muito preocupado por por causa *da* dragão. (Paulo, 1, N)

Uma menina abriu a porta. (...) Um menino entrou portão com uma bola. *Uma* menina abasteceu água para flor. *Um* menino olhou em pé. Um flor abriu. Pai *da* menina entrou sua casa. Ela recebeu seu pai. E aí \emptyset pai e \emptyset menina entraram suas casa sua casa. (Paulo, 3, N)

Eu e minha amiga sentamos estamos no parque com pássaros. De repente um menino apareceu em frente de nós. Ele fugiu pássaros *os* pássaros. Nós ... nós brigamos contra *um* homem. Nós podemos ganhar para \emptyset homem. Por isso nós conseguimos paz por isso depois nós damos comida para ... para \emptyset pássaros. (Pedro, 5, N)

Pedro Pedro está com seu seu cachorro e Vanessa está com sua sua gata. De repente *o* cão está corre está correndo para [a] gata da Vanessa. Eles tem preocupação mas ... \emptyset cão e \emptyset gata parece muito intimidade. (Paulo, 6, N)

Podemos perceber, nesse caso, que os participantes oscilam na escolha dos

artigos, um comportamento esperado em uma fase de aquisição em que o uso das regras ainda não está sistematizado.

Como mostram os exemplos em 1), 2), e 3) acima, nas situações de uso dos artigos em 2ª menção, as inadequações se caracterizam por \emptyset e artigo indefinido e ocorre uma oscilação na escolha dos artigos, características que se mantêm na trajetória dos participantes no período aqui estudado. A estratégia predominante aqui parece ser: para marcar a definitude em 2ª menção, use \emptyset .

4) O uso de \emptyset com referente único:

Houve ocorrências de \emptyset com referente único, sendo que todas elas com os referentes *sol* e *céu*.

ex.: Menina menina vê \emptyset *céu*. (José, 1, N)

\emptyset *Sol* é muito forte. (Paulo, 1, E)

Homem anda andei sozinho embaixo de \emptyset *sol*. (Pedro, 1, N)

\emptyset *Sol* está muito forte. (Paulo, 3, N e 5, N)

Há sol há sol ... em \emptyset *céu*. (José, 4, N)

5) O uso de \emptyset pelo possessivo:

Na maioria dos casos ocorreu \emptyset antes de nomes que designam as relações de parentesco, equivalendo a um pronome possessivo. Algumas vezes ocorreu \emptyset com as partes do corpo.

ex.: Eu e minha amiga jogamos cabo de guerra com \emptyset prima e \emptyset irmão. (José, 1, N)

Ela procura eu e \emptyset irmão. (José, 2, N)

Eu e minha amiga é mesmo equipe e \emptyset prima e meu irmão ... é um equipe. (Pedro, 2, N)

\emptyset Irmã mais velho mais velha é parece parece homem homem. (João, 5, E)

Depois .. \emptyset mãe saiu eu e minha irmã está jogando (...) (João, 8, N)

Ø Pai está olhando .. um jornal e e eu .. eu brinco .. com brinquedos. (Paulo, 11, N)

Ø Mãe está chegando agora chegou agora. (...) Então agora Ø pai já chegou (...) (João, 12, N)

Mas nós nós fechamos Ø boca e (...) (Paulo, 1, N)

No banheiro Leandro está lavando Ø mão. (João, 11, N)

6) O uso de Ø em anáfora assosiativa:

Na maioria dos casos ocorreu Ø em referência indireta de uma porção anterior do texto.

ex.: Porque .. cidade de sul é muito pequeno ... Ø lugares divertidos é muito raro (...) (Paulo, 1, E)

Mas .. minha mãe é um pouco especial ... como menina como menina. Ø Caráter é especial Ø aparência também especial. (João, 4, E)

O que você acha da natureza brasileira? (Entrevistador) – Acho que Ø ar é muito .. fresco. (José, 6, E)

Eu acho que programa da TV no Brasil é mais aberto. (...) Ø Propaganda é muito engraçado que Coréia .. propaganda da Coréia. (Pedro, 9, E)

7) O uso de Ø no sintagma nominal modificado por um SN preposicionado:

Na maioria desses casos (de + substantivo, pronome pessoal e nome próprio) para especificar pessoa ou coisa, não ocorreu o artigo definido.

ex.: Ø Nome dele é Dudu. (Paulo, 1, E)

(...) Ø barraca da Catarina é muito limpo e (...) (Paulo, 1, N)

E Ø esposa dele é muito bonita (...) (Pedro, 1, E)

Ø Sonho dele é juiz (...) (João, 2, E)

Ø Pai da menina entrou (...) (Paulo, 2, N)

(...) Vanessa estava com Ø gata dela. (Pedro, 2, N)

Ø Altura de minha mãe é quase (...) (Pedro, 3, E)

Ø Amigo dela visitou Ø casa dela. (Pedro, 3, N)

(...) Ø sala deles é muito grande ... Ø roupa dela é muito (...) (Pedro, 4, D)

Ø Caráter dela é aberto (...) (João, 5, E)

(...) ela está morando aqui (...) com Ø namorado dele dela. (José, 5, E)

Ø Lugar de Catarina é muito limpo (...) (Paulo, 5, N)

Ø Caçula do meu tio tem (...) (Pedro, 6, E)

Ø Cara dela é muito bonita mas (...) (João, 8, E)

(...) Ø cão do Pedro está correndo (...) (João, 10, N)

Acho que Ø curva dela é muita linda. (João, 10, D)

(...) Ø objetivo dele deles é vai para segunda fase. (Paulo, 10, E)

(...) Ø vestido dela é .. escuro (...) (Paulo, 10, D)

Eles pegaram Ø carro de Sílvio. (Pedro, 10, N)

Neste contexto, os participantes mostraram a ausência do artigo definido no total 92% (227 vezes em 247 ambientes de todos encontros). Podemos interpretar que a definitude, nesse caso, já parece ser considerada suficientemente marcada por isso os coreanos não usam o artigo definido.

8) O uso de Ø em contextos com dupla razão para o uso do artigo definido:

Mesmo que haja mais de uma razão para o uso do artigo definido, os participantes não o usam em muitas situações.

Caso 1: 2ª menção + SN prep.

ex.: Pai da menina entra na casa. Por isso menina .. e pai de Ø *pai dela* entram na casa. (Paulo, 8, N)

Pedro e cão dele encontraram com Vanessa e gata gata dela. (...) Por isso Vanessa e Ø *gata dela* tinham (...) Realmente cão gosta de Ø *gata dela*. (Pedro, 9, N)

Caso 2: SN prep. + referente compartilhado

ex.: \emptyset *Lugar de Catarina* é muito limpo (...) \emptyset *Roupa da Catarina* também. (Paulo, 5, N)

Pedro com \emptyset *cão dele* e Vanessa com .. \emptyset *gata dela* está encontrando estão encontrando. (João, 8, N)

Caso 3: SN prep. + referente óbvio

ex.: (...) nós entrevistamos \emptyset *vida do Brasil*. (Paulo, 4, C)

Brasil é \emptyset país do futebol. (Pedro, 6, C)

Caso 4: SN prep. + anáfora associativa

ex.: Descreva seus irmãos. (Entrevistador)

Eu tenho uma irmã e um irmão. Irmã mais velho mais velha é parece parece homem homem. \emptyset *Caráter dela* é aberto aberta também aparência também parece homem (...) (João, 5, C)

O que você acha da Copa do mundo de 2002? (Entrevistador)

A seleção brasileira vai para Coréia por isso eu estou feliz. (...) E ... seleção coreana ... \emptyset *objetivo dele deles* é vai para segunda fase. (Paulo, 10, C)

As situações 5) a 8) também indicam que a estratégia para marcar definitude é \emptyset .

9) O uso dominante de \emptyset com referente genérico

ex.: Se homem se \emptyset homem tem vontade ... ele quer muito coisas ele ele ele pode muito coisa. (João, 1, E)

Acho que muito brasileiro \emptyset criança e \emptyset mulheres jogamos jogam futebol também muito bem muito bem (José, 1, E)

Acho que \emptyset brasileiros são muitos abertos do que \emptyset coreanos. (Paulo, 2, E)

Eu acho que \emptyset homens adoro paquerar. (Pedro, 2, E)

Ele falou .. \emptyset bicicleta é muito perigoso na rua. (Paulo, 3, E)

Pessoa oriental \emptyset pessoa oriental normalmente não pensam não pensa que não pensa

que ... entre entre entre Ø homem e Ø mulher é proibido fazer sexo. (João, 5, E)

Eu ... assisti futebol jogar jogar futebol. Grêmio contra Inter. Isso é Gre-nal. Ø Brasileiro chama Gre-nal. (José, 5, E)

Na Coréia na Coréia claro que Ø coreanos gostam de futebol. (...) Mas futebol do Brasil .. povos Ø povos brasileiros jogam muito bem. (Paulo, 6, E)

Pai dela tem muitos problemas com Ø palestinos por isso ela sempre falou sobre terror. (Paulo, 6, E)

No uso genérico, os participantes usaram Ø no total 93% (87 vezes em 94 ambientes de todos encontros). Novamente, a estratégia é omitir o uso dos artigos, regra vigente no coreano.

10) O uso inadequado como dupla marcação:

Em algumas situações, principalmente nos dados de Paulo, ocorreu um uso de artigo definido (em contração com uma preposição) e artigo indefinido.

ex.: (...) por isso dragão não entrou *da uma* rocha. (Paulo, 1, N)

Rafaela caiu ... por causa *da uma* pedra. (Paulo, 1, N)

Catarina está passeando *na uma* montanha. (Paulo, 2, N)

Duas mulheres estão *na uma* cozinha. (Paulo, 2, D)

Dois homens se deitaram uma dentro *da uma* sala. (Paulo, 2, D)

(...) eles estão falando ao lado *da uma uma* fogueira. (Paulo, 3, N)

(...) eles estão descobrindo alguma coisa dentro de dentro *da uma uma* caixa. (João, 4, N)

Mas ... ela está ela está *na uma* gruta (...) (Paulo, 4, N)

Em cima da em cima *da uma* mesa ... alguma coisa (...) (Paulo, 4, D)

Eu e minha amiga sentamos *na um* parque (...) (Pedro, 4, N)

Uma menina está sentando uma rocha embaixo *da uma* rocha. (Paulo, 5, N)

(...) ele está trabalhando no *no um* ofício públi .. público. (Paulo, 8, E)

E última irmã trabalha *na uma* empresa. (Pedro, 8, E)

Uma mulher está penteando do os cabelos *da uma* menina. (Paulo, 11, N)

Na uma sala de cozinha ... muito grande e tem muitas coisas (...) (Pedro, 11, D)

Uma mesa .. em cima *da uma* mesa tem garrafa e muitas frutas. (Pedro, 12, D)

Estes exemplos reforçam a suposição de que os coreanos interpretam do (de + o), da (de + a), no (em + o), na (em + a) como um único morfema.

11) Os exemplos abaixo também corroboram a interpretação da contração (preposição + artigo) como um único morfema e mostram a supergeneralização.

- O uso inadequado diante de nomes de cidades que não exigem o artigo

ex.: Então agora *no Porto Alegre*, meus professores e meus amigos é muito bom.
(Paulo, 1, E)

Porque eu morei *no Seul* (...) minha namorada morou *na Busan*. (Pedro, 1, E)

Na semana passada, eu fui *ao Blumenau*. (...) lá *na Blumenau* todas ficaram bêbados. (Paulo, 5, E)

Ela ela morava *no São Paulo* mas e agora eu ele ela ela mora em Porto Alegre.
(Paulo, 9, E)

Habitantes *no Porto Alegre* é muito bom (...) gosto clima *do Porto Alegre*.
(Pedro, 12, E)

- O uso inadequado do artigo definido diante do pronome pessoal (nós)

ex.: De repente um um homem .. apareceu .. em frente *do nós*. (Pedro, 6, N)

Ele foi ... expulso *pelo nós*. (Pedro, 11, N)

- O uso inadequado do artigo definido para marcar tipo

ex.: (...) eu vou ir *festa dos aniversário* da Violeta (...) (José, 2, E)

(...) mas *depende da cada aula* (...) (José, 4, E)

Ele encontrou um *vendedor* de *do balão*. (Pedro, 4, N)

Um dia dois amigos encontrou encontraram uma *árvore do fruta*. (Pedro, 7, N)

As situações 10) e 11) sugerem que outra estratégia utilizada pelos coreanos é interpretar preposição + artigo como um único morfema.

12) Diferentemente dos usos inadequados mencionados acima, o artigo definido foi usado com maior adequação com as seguintes categorias: referente óbvio, expressões de tempo, antes de topônimos e antes de nomes de instituições, obras construídas e siglas. Nesses casos também poderíamos inferir que o uso do artigo definido está relacionado à contração com preposições do que essas categorias, como veremos nos exemplos abaixo.

•O uso com referente óbvio

ex.: Três também jogam jogam *na* chuva. (João, 1, N)

Beto e Rafaela encontraram *na* rua. (Paulo, 1, N)

Um menino anda *na* rua. (...) Salete e Mateus estava jogando *na* fora (...) (Paulo, 2, N)

Ontem eu fiquei em casa depois *da* aula. (Paulo, 3, E)

Dois homens estão deitando *no* chão. (Paulo, 3, D)

Às vezes eu jogava futebol com minhas colegas *na* universidade. (Pedro, 3, E)

Às vezes ele ele está nervoso *na* aula. Ele ... ele sempre falou para mim “Ø Português é difícil para mim”. (Paulo, 4, E)

Eu tinha aula .. *na* faculdade e .. aula particular e eu ... fazia musculação *na* academia. (Pedro, 4, E)

Na fim-de-semana normalmente eu eu olhava TV .. olhava futebol *na* TV. (João, 5, E)

(...) um fauna mais importante *do* mundo. (...) Brasil é país *do* futebol. (Pedro, 6, E)

Ontem ... eu foi a eu fui *no* aeroporto para despedir (...) (João, 7, E)

Eu estou assistindo aula particular *na* escola. (João, 9, E)

Mas hoje em dia tem relação freqüentemente por causa *da* Copa do mundo. (Paulo, 11, E)

Acho que ... agora *no* futuro nós vamos fazer outras coisas muitos. (João, 12, E)

- O uso com expressões de tempo

ex.: Na Coreia eu geralmente eu encontrava minha namorada *no* fim de semana. (Pedro, 1, E)

No sábado eu vai jogar com brasileiros no campo. (...) *No* domingo domingo eu vou limpar a casa ou preparar preparar aula. (João, 2, E)

Na semana passada eu fui ao Blumenau. (Paulo, 5, E)

Ela já ensinou me .. *no* .. semestre passado passado. (Pedro, 7, E)

- O uso antes de topônimos e nomes de instituições, etc.

ex.: Ela mora agora ela mora *no* sul *da* Coreia. (Paulo, 1, E)

Ele ele está aprendendo Letras *na* UFRGS. (Pedro, 1, E)

Ela eles ... meu irmão e esposa do meu irmão viaja estão viajar *na* Filipina. (José, 2, E)

Ginásio fica ao lado *da* clube Farrapos. (Paulo, 2, E)

E eu fui .. eu foi *no* Estádio Olímpico para comprar .. uma camiseta de camiseta das minhas colegas. (Pedro, 3, E)

Porque minha professora ela tem tem .. uma outra aula *na* PUC por isso não tenho aula. (Paulo, 8, E)

Tem muitas coisas o que estudar aqui .. Ø Brasil é muitas coisas .. do que Ø Coreia. (João, 4, E)

Agora eu sou posso pensar selvagem *da* Amazônia. Ø Amazônia tem muitos tipos tipos de animais animais. (Paulo, 6, E)

Um amigo meu brasileiro falou sobre sobre problema *do* Brasil por isso ... eu ... eu eu fiz eu fiz uma crítica sobre Ø Brasil. (Paulo, 7, E)

Nos exemplos acima podemos perceber que, na maioria dos casos, o uso do artigo definido vem acompanhado de preposições, e a omissão do artigo ocorre no mesmo contexto onde não aparecem preposições. Discutiremos essa questão mais detalhadamente na próxima Seção 5.3.

5.3 Outras características do processo da aquisição

1) O uso do pronome demonstrativo (esse/essa) para marcar 2ª menção:

Nos exemplos abaixo podemos ver que uma estratégia utilizada por Paulo foi marcar a definitude com o pronome demonstrativo.

ex.: Mas Catarina .. barraca da Catarina é muito limpo e lugar é muito limpo. Mas Josefina tem barraca sujo e eu acho que ela não quer arrumar *esse* lugar. (Paulo, 1, N)

Um menino anda na rua. De repente um vendedor de balão apareceu em frente da em frente do menino. Então *esse* menino pega uma balão. (Paulo, 2, N)

De repente um homem apareceu. *Esse* homem destuido aldeia. Então eu acho que esse *esse* homem põe uma fogo um fogo. (Paulo, 2, N)

De repente um homem apareceu. Eles eles eles foi ele fugiu pombas fugiu de eles. Por isso minha amiga e eu brigamos com *esse* homem. *Esse* homem fugiu. (Paulo, 3, N)

Dois mulheres estão uma cozinha. (...) eu acho que *essa* cozinha está muito limpa. (Paulo, 3, D)

Eles descobriram uma caixa. Eles tiram tiram .. algumas roupas na caixa. Então depois ele eles usam *essas* roupas. (Paulo, 4, N)

De repente um dragão apareceu por isso ela tem medo. Ela brigou com com *esse* dragão. (Paulo, 5, N)

Ele ele ele distruiu com madeira. Então ele pega ele paga ele pegou um fogo com *esse* madeira. (Paulo, 5, N)

Um menino e uma menina descobriram .. uma mangueira. (...) Por isso eles pega eles pegaram uma madeira então eles conseguimos *esse* mangueira. (Paulo, 7, N)

Paulo foi o participante que mais tentou marcar definitude. Paulo não usou o artigo definido em 2ª menção nos exemplos acima, mas tentou marcá-la com o pronome demonstrativo, provavelmente pela influência do sistema da língua coreana.

2) A autocorreção para usar o artigo definido:

O processo de aquisição pode também ser acompanhado nas autocorreções dos participantes.

ex.: (...) menina senta senta *em na* montanha. (João, 1, N)

(...) dragão não pode entrar *a[à]* gruta *na* gruta. (João, 2, N)

(...) está *em dentro de do* caverno. (José, 2, N)

(...) menino está andando *a[à]* rua *na* rua com balão. (João, 3, N)

(...) já fugiram *ao lado de* porta *ao lado da* porta. (João, 3, N)

Eles voltem .. buscar roupas ... *as* roupas. (José, 3, N)

(...) para dar comida comida para pássaros *os* pássaros. (Pedro, 3, N)

Uma menina fica *dentro de* gruta *dentro da* gruta. (João, 4, N)

(...) então ele pode ele pode encontrar moço *o* moço com (...) (José, 4, N)

Menino liberta menina .. *de* caverna *da* caverna. (José, 4, N)

(...) ele pode procurar um moço (...) ele pode ganhar um balão .. *de do* moço. (José, 5, N)

Ela subiu *em na* escada. (Pedro, 5, N)

(...) ela está sentando .. *dentro .. de* carro *dentro do* carro. (João, 7, D)

Um menino e uma menina descobriram .. uma mangueira (...) Um *o* menino está olhando (...) (Paulo, 7, N)

(...) uma moça está *dentro de .. dentro da* carro e (...) (Pedro, 7, D)

(...) Cristina e Roberta ... apertam apertam mão *as* mãos. (Paulo, 9, D)

(...) cor *de* cozinha cor *da* cozinha é de branco. (Paulo, 12, D)

Nota-se, nos exemplos acima, que os aprendizes estão tentando corrigir as próprias falas em relação ao uso do artigo definido. Isso revela que eles estão construindo as regras.

3) O uso diante de *casa* em relação às preposições (em, a, de, para):

Como já foi colocado no Capítulo 2, a palavra *casa* emprega-se com artigo definido quando está particulada por adjunto adnominal, mas usa-se sem artigo em localização adverbais desacompanhada de determinação quando se refere à “residência”, ao “lar” da pessoa de quem se trata. Portanto, aqui nos dados, consideramos “*casa* sem artigo” desacompanhada de determinação (ex. em casa) como uso adequado. E também, consideramos “*casa* com artigo” acompanhada de determinação (ex. na casa) na narrativa e descrição como uso dêitico, ou seja, como referente compartilhado porque a situação de coleta de dados era compartilhada.

No caso de João, houve uma oscilação entre “a[à]” e “na”.

ex.: Celso tem vontade de voltar a[à] casa. (João, 1, N)

Pai e filha estão estão entrar a[à] casa. (João, 2, N)

(...) pai está chegando a[à] casa (...) (João, 3, N)

(...) seu pai está está entrando na casa. (João, 4, N)

Todo mundo está entrando a[à] casa. (João, 5, N)

(...) ele está entrando a[à] casa. (João, 6, N)

(...) um menino .. está entrando na casa. (João, 7, N)

(...) eles estão entrando na casa. (João, 8, N)

(...) eles estão entrando a[à] casa. (João, 9, N)

(...) pai dela está abrindo porta para entrar a[à] casa. (João, 10, N)

Eles estão entrando na casa juntos. (João, 11, N)

Eles são eles estão entrando na casa. (João, 12, N)

No caso de José, parece que, a regra é não usar o artigo definido nem preposições.

ex.: (...) pai volta *casa*. (José, 1, N)

Então pai dela volta *casa*. (José, 2, N)

Celso volta *casa* (...) (José, 3, N)

(...) ele tem que voltar *casa*. (José, 4, N)

(...) eles entram *casa* junto. (José, 5, N)

(...) voltou casa (...) entram *casa* junto. (José, 6, N)

Paulo iniciou usando a preposição “para”, passou a usar “na” e nos últimos encontros usou “em” sem artigo definido.

ex.: (...) pai da menina voltou *para casa*. (Paulo, 1, N)

(...) também entrou *para casa* com pai dela. (Paulo, 2, N)

Pai da menina entrou sua *casa*. (Paulo, 3, N)

Pai da menina entrou *para casa*. (Paulo, 4, N)

Pai da menina entrou *na casa*. (Paulo, 5, N)

Pai dela entrou *na sua casa*. (Paulo, 6, N)

(...) pai da menina e menina .. entram *na casa* junto. (Paulo, 7, N)

(...) menina .. e pai de pai dela entram *na casa*. (Paulo, 8, N)

(...) pai dela e ela entram junto *na casa*. (Paulo, 9, N)

(...) menina e pai dela entram *na casa* (...) (Paulo, 10, N)

(...) um menino entra na casa entra *em casa* (...) pai entra *em casa*. E ... a menina e pai entram entram *em casa* junto. (Paulo, 11, N)

Um menino entrou em entra *em casa* (...) Pai da menina entra *em casa*. Pai e menina entram junto *em casa*. (Paulo, 12, N)

Por último, Pedro adotou o uso de “em”, independente da regência exigida pelo

verbo, a partir do 4º encontro, depois de ter oscilado entre “na” e “em”.

ex.: Pai dela voltou *na casa*. Ela e pai dela entrou *na casa*. (Pedro, 1, N)

Pai dela voltou *na casa* (...) um menina e pai dela entram *em casa*. (Pedro, 2, N)

Pai dela chegou *na casa*. / Celso entrou *em casa*. (Pedro, 3, N)

Pai dela chegou *em casa*. (...) entramos entraram *em casa*. (Pedro, 4, N)

Menino dela chegou *em casa dela*. (...) Pai dela voltou *em casa*. (...) Eles voltam *em casa*. (Pedro, 5, N)

Pai dela voltou *em casa*. (Pedro, 6, N)

Pai dela voltou *em casa*. Eles .. entram *em casa*. (Pedro, 7, N)

Pai dela voltou *em casa*. Eles entraram *em casa*. (Pedro, 8, N)

Pai dela voltou *em casa* por isso (...) Eles entraram *em casa*. (Pedro, 9, N)

Pai dela voltou *em casa* por isso (...) Eles entraram *em casa*. (Pedro, 10, N)

Pai pai dela voltou *em casa*. Eles entraram *em casa*. (Pedro, 11, N)

Pai de menina voltou *em casa*. (...) Eles voltaram *em casa*. (Pedro, 12, N)

4) Uso opcional com *todo(s)/toda(s)*:

Com *todo(s)/toda(s)*, pôde-se constatar a oscilação entre Ø e artigo definido, sendo que o uso de Ø foi mais freqüente nesse contexto (58%, 32 vezes em 55 ambientes de todos encontros).

ex.: Ela quebrou todos Ø coisas da Josefina (João, 1, N)

Todas *as* pessoas são professor professores para mim (...) (João, 4, E)

(...) todos Ø coisas da Josefina é muito ruim são muito ruim (...) todos Ø coisas da Catarina é são muito ruim. (José, 5, N)

(...) todas *as* coisas são muitos caros (...) (Paulo, 2, D)

(...) todos Ø brasileiros ficaram bêbados por isso todos Ø brasileiros viram paqueradores. (Paulo, 5, E)

(...) todos Ø sábados eu jogava futebol (...) (Pedro, 5, E)

(...) todos *os* sábados eu jogava futebol com meu colegas (...) (Pedro, 7, E)

No Natal do Brasil todas \emptyset pessoas passam com família deles. (Pedro, 10, E)

5) O uso em relação ao tempo verbal:

Os resultados mostram que o perfeito do indicativo não aumentou o uso do artigo definido, embora este contexto, como vimos anteriormente, marque definitude.

ex.: De repente apareceu uma dragão. Então ela tem medo. Dragão \emptyset dragão atacou ela defendeu. Ela esconde escondeu uma dentro da rocha por isso \emptyset dragão não entrou da uma rocha. (Paulo, 1, N)

De repente \emptyset cão correu para Vanessa e gata dela. (Pedro, 4, N)

\emptyset Menino teve pensamento errado por isso ele empurrou amiga dele. (Pedro, 9, N)

Ontem ... porque \emptyset coreano novo .. chegou por isso eu e Garcia .. ajudaram ele. (João, 12, E)

6) A tendência de uso do artigo definido na contração com preposições:

Como já vimos, na maioria dos casos, o uso do artigo definido ocorreu na contração com preposições. Esta característica aconteceu com todos e independente do encontro.

ex.: *Na* sala há duas mulheres. (...) \emptyset Sala é muito ... *Na* sala há sofá (...) uma porta *na* sala (...) (João, 2, D)

Uma menina ... sentou ... dentro *da* gruta. (...) um dragão apareceu (...) Ela ... brigou com \emptyset dragão. Ela entrou entrou *na* gruta por isso \emptyset dragão não pode segurar .. \emptyset menina. \emptyset Menina faz (...) em frente *da* menina. (Pedro, 3, N)

Então dragão \emptyset dragão está encontrando com ela. (...) por isso está lutando com \emptyset dragão ... porque \emptyset cabeça *da* dragão é muito grande por isso \emptyset dragão não pode entrar *na* gruta. (João, 5, N)

(...) \emptyset menina está olhando. (...) \emptyset Pai *da* menina entrou (...) Por isso \emptyset pai *da* menina e \emptyset menina .. entram (...) (Paulo, 7, N)

Um menino e uma menina se encontraram *na* rua. (...) uma menina caiu *no* chão .. por causa *da* pedra. (Paulo, 9, N)

No campo .. um menino está jogando com Ø vaca. (...) acho que no sítio .. está olhando (...) acho que Ø sítio .. fica com tranqüilo. (...) Acho que .. Ø menino está feliz. (João, 10, N)

Como esta parece ter sido uma estratégia importante, comparamos a seguir o uso do artigo definido na contração (preposição + artigo definido) com o uso do artigo definido por cada participante.

Tabela 5-1

Índice do uso do artigo definido na contração com preposições (João)

	Com preposições	Sem preposições	Total
Encontros 1-4	71 (77%)	21 (23%)	92 (100%)
Encontros 5-8	48 (87%)	7 (13%)	55 (100%)
Encontros 9-12	40 (93%)	3 (7%)	43 (100%)
Total	159 (84%)	31 (16%)	190 (100%)

Tabela 5-2

Índice do uso do artigo definido na contração com preposições (José)

	Com preposições	Sem preposições	Total
Encontros 1-4	66 (80%)	16 (20%)	82 (100%)
Encontros 5-6	28 (82%)	6 (18%)	34 (100%)
Total	94 (81%)	22 (19%)	116 (100%)

Tabela 5-3

Índice do uso do artigo definido na contração com preposições (Pedro)

	Com preposições	Sem preposições	Total
Encontros 1-4	64 (85%)	11 (15%)	75 (100%)
Encontros 5-8	42 (84%)	8 (16%)	50 (100%)
Encontros 9-12	44 (92%)	4 (8%)	48 (100%)
Total	150 (87%)	23 (13%)	173 (100%)

Tabela 5-4

Índice do uso do artigo definido na contração com preposições (Paulo)

	Com preposições	Sem preposições	Total
Encontros 1-4	101 (87%)	15 (13%)	116 (100%)
Encontros 5-8	72 (80%)	18 (20%)	90 (100%)
Encontros 9-12	56 (65%)	30 (35%)	86 (100%)
Total	229 (78%)	63 (22%)	292 (100%)

Como vemos nas tabelas acima, a frequência de uso do artigo definido quando em contração com preposições é bastante alta. Podemos dizer que os participantes usaram o artigo definido, em média, 4 vezes em 5 vezes, na contração com preposições. Isso significa que, para os participantes, a contração com preposições é um lugar privilegiado para usar o artigo definido. Podemos supor que este uso, para os aprendizes coreanos, esteja sendo compreendido como apenas um morfema lexical e não como a contração de “preposição + artigo definido”. Por outro lado, isso poderia estar sinalizando a marcação de gênero, outro sistema inexistente no coreano, já que com a preposição, essa marcação torna-se fonologicamente mais saliente.

Essa estratégia de uso adequado de estruturas lingüística como um item não analisado tem sido demonstrada nos estudos sobre aquisição da linguagem (L2 e L1) como uma etapa inicial do processo de aquisição: o aprendiz passa do uso correto da estrutura (sem tê-la analisado) para o uso incorreto (após analisá-la) e, mais tarde, novamente para o uso correto da estrutura (agora analisada) (ver Ellis, 1994; Gass & Selinker, 2001; Lightbown, 1983, 1985). Na aquisição do português L1, por exemplo, a criança pode primeiro usar “comia”, para depois produzir “comiva” e mais tarde voltar a estrutura correta. No nosso caso, os aprendizes parecem iniciar com o uso correto dos artigos com preposições e, talvez, após darem-se conta de que são dois morfemas, eles passam a cometer mais erros.

Como podemos ver nos dados, Paulo mostrou um desenvolvimento do uso do

artigo definido sem preposições (13%, 20% e 35%). No caso de Paulo, não é que diminuiu o número de uso na contração comparando com os demais mas é que aumentou o número de uso na não-contração. Por exemplo, durante os encontros 9 a 12, Paulo usou 30 vezes o artigo definido na não-contração enquanto João usou apenas 3 vezes e Pedro, 4 vezes. Por outro lado, os demais participantes continuaram a usar o artigo definido na contração ao longo dos encontros: João (77%, 87% e 93%), José (80% e 82%) e Pedro (85%, 84% e 92%). Ao mesmo tempo, a frequência de uso do artigo definido sem preposições é baixa: João (23%, 13%, 7%), José (20%, 18%) e Pedro (15%, 16%, 8%).

Como já foi dito antes (ver Tabelas 1-3, 3-3 e 4-3), a frequência do uso do artigo definido por Paulo foi mais alta, tanto em 1ª menção quanto em 2ª menção, do que a de João e Pedro. O aumento do uso do artigo definido por Paulo parece ter uma relação com o aumento do uso do artigo definido na não-contração além do uso na contração. Então, no caso de Paulo, podemos considerar o aumento do uso do artigo definido e o aumento do uso na não-contração como o mesmo contexto.

ex.: A seleção brasileira vai para Coréia por isso eu estou feliz. Principalmente *a* CBF prefere ir (...) Eu acho que eu vou ganhar um trabalho temporário .. porque *a* seleção brasileira vai para Coréia. (Paulo, 10, E)

De repente um homem apareceu. Ele tentou expulsar *as* pombas. (...) Uma mulher está penteando do *os* cabelos da uma menina. *A* menina está preparando .. uma fes uma festa. (...) Leandro .. está lavando *as* mãos. (Paulo, 11, N)

Uma menina abre *a* porta. *A* menina pega um regador. Um menino entrou em entra em casa. *A* menina dá água para flores. *O* menino está olhando. (Paulo, 12, N)

Em resposta à pergunta 1 desta pesquisa, que questiona como ocorre o processo de aquisição do artigo definido por coreanos, podemos resumir que as estratégias utilizadas no processo da aquisição são 1) esquiva e 2) uso na contração com preposições. A diferença da marcação do sistema do artigo definido entre o coreano e o português e a complexidade do sistema causaram a esquiva na maioria dos contextos produzidos por coreanos que estavam em uma fase inicial de desenvolvimento. Por outro lado, através do uso mais freqüente na contração com preposições, podemos supor

que os coreanos parecem interpretar a forma “preposição + artigo” como um único morfema.

5.4 O uso do artigo definido diante de possessivos

Como vimos, o uso do artigo definido diante de possessivos é opcional. De acordo com Callou, Leite & Moraes (1995), Porto Alegre é uma região que mostra um uso mais freqüente comparado às demais regiões, como as regiões Sudeste e Nordeste. Nesta seção, observamos como os coreanos usam o artigo definido diante de possessivos e comparamos esses dados com o uso de brasileiros porto-alegrenses.

A Tabela 6-1 apresenta a freqüência de uso do artigo definido diante de possessivos por brasileiros porto-alegrenses.

Tabela 6-1

Índice do uso do artigo definido diante de possessivos por brasileiros porto-alegrenses

Carlos	Celso	Total
26 / 39 (67 %)	23 / 36 (64 %)	49 / 75 (65 %)

Carlos mostra 67% de uso do artigo definido diante de possessivos e Celso, 64%. Sem grande diferença na freqüência de uso, ambos os participantes mostraram em média 65% de uso. Nesse contexto, o uso do artigo definido apresenta algumas características, que apontamos a seguir.

1) Os possessivos precedidos por preposições foram utilizados categoricamente com artigo: 18/18 (100%).

- ex.: (...) *nos seus* campos (...) (Carlos)
 (...) *dos meus* colegas (...) (Carlos)
 (...) *na minha* época (...) (Carlos)
 (...) *da sua* vida (...) (Carlos)

(...) *no meu caso* (...) (Carlos)
 (...) *no nosso litoral* (...) (Carlos)
 (...) *no nosso bairro* (...) (Carlos)
 (...) *no nosso caso* (...) (Carlos)
 (...) *pelo meu batalhão* (...) (Celso)
 (...) *da minha família* (...) (Celso)
 (...) *na minha companhia* (...) (Celso)
 (...) *do nosso rádio* (...) (Celso)
 (...) *no meu coração* (...) (Celso)
 (...) *no meu tempo* (...) (Celso)
 (...) *da nossa história* (...) (Celso)
 (...) *da minha casa* (...) (Celso)
 (...) *da minha fala* (...) (Celso)

2) Com parentes o artigo parece ser redundante: 27% de uso e 73% de ausência do artigo definido.

ex.: (...) *os nossos pais* tivessem um bom poder (...) (Carlos)
 (...) *o meu pai* tomou parte nessa (...) (Celso)
 (...) um dia *a minha mulher* foi ao (...) (Celso)
 Ø *Meu avô*, quando construiu (...) (Carlos)
 Então Ø *meu pai* levava (...), Ø *meus dois irmãos* e eu (...) (Carlos)
 (...) eu acho que Ø *nosso pais* confiavam (...) (Carlos)
 (...) que hoje é Ø *minha esposa* (...) (Celso)
 (...) Ø *meu pai* mandava (...) (Celso)

3) Mesmo assim, nos casos de parentesco precedidos de preposições, usa-se freqüentemente o artigo: 5/6 (83%).

ex.: (...) *sinto nos meus filhos* (...) (Carlos)
 (...) *pros nossos filhos* (...) (Carlos)
 (...) *do meu pai* (...) (Carlos)

- (...) *dos meus pais* (...) (Carlos)
 (...) *dos meus filhos* (...) (Carlos)
 (...) *de Ø nossos pais* (...) (Carlos)

4) Com a palavra “todos”, novamente podemos constatar um uso opcional.

ex.: (...) *todos Ø meus colegas* do (...), *todos os meus colegas* aí que (...) (Carlos)

Por outro lado, nos dados dos participantes coreanos, podemos observar outro resultado. Nos dados do Par 1, o uso do artigo diante de possessivos praticamente não ocorre, como vemos na Tabela 6-2.

Tabela 6-2

Índice do uso do artigo definido diante de possessivos por coreanos (Par 1)

Encontros	Márcio	Marcos
1 (20/04/00)	0 / 9	0 / 5
2 (15/05/00)	0 / 5	0 / 4
3 (12/06/00)	0 / 0	1 / 4
4 (04/07/00)	0 / 2	0 / 1
Total	0 / 16 (0 %)	1 / 14 (7 %)
	1 / 30 (3 %)	

Márcio nunca usa o artigo definido diante de possessivos e Marcos usou uma vez no terceiro encontro, depois de 2 meses e meio de seu aprendizado do português.

- ex.: eu voltar *ao meu* apartamento... (Marcos, 3)
 (...) com minha amigo Ø *meu* amigo. (Márcio, 1)
 Eu vou para Ø *meu* hotel (...) (Márcio, 1)
 Ø *Meu* vida é sempre (...) (Márcio, 1)
 (...) Ø *minha* esposa (...) (Márcio, 1, 2 e 4)
 (...) Ø *meu* filho (...) (Márcio, 1 e 2)

- (...) porque *Ø meu* banco tem (...) (Márcio, 1)
 (...) edifício de *Ø meu* banco (...) *Ø meu* família vou (...) (Marcos, 1)
Ø Meu esposa (...) (Marcos, 1, 2 e 4)
Ø Minha família more moro em (...) (Márcio, 2)
 Primeiro, *Ø minha* esposa estou (...) *Ø meu* sogro está (...) (Márcio, 2)
 (...) mãe de *Ø meu* esposa (...) (Marcos, 2)
 (...) perto *Ø meu* apartamento. (Marcos, 3)
 (...) *Ø meu* amigo sempre (...) (Marcos, 3)
 (...) *Ø meu* país com Coréia norte. (Márcio, 4)

Nos dados dos Pares 2 e 3, podemos verificar um resultado semelhante ao do Par 1. O uso do artigo diante de possessivos ocorre raramente, como vemos nas Tabelas 6-3 e 6-4.

Tabela 6-3

Índice do uso do artigo definido diante de possessivos por coreanos (Par 2)

Encontros	João	José
1 (13/08/01)	0 / 13	0 / 18
2 (28/08/01)	0 / 23	1 / 29
3 (12/09/01)	0 / 21	0 / 20

4 (27/09/01)	1 / 27	0 / 15
5 (12/10/01)	1 / 19	0 / 19
6 (27/10/01)	0 / 3	0 / 6
7 (11/11/01)	0 / 12	
8 (26/11/01)	0 / 11	
9 (11/12/01)	0 / 6	
10 (26/12/01)	0 / 4	
11 (10/01/02)	1 / 19	
12 (25/01/02)	0 / 9	
Total	3 / 167 (1,8 %)	1 / 107 (0,9 %)
	4 / 274 (1,5 %)	

Tabela 6-4

Índice do uso do artigo definido diante de possessivos por coreanos (Par 3)

Encontros	Paulo	Pedro
1 (13/08/01)	0 / 29	0 / 29
2 (28/08/01)	2 / 23	0 / 22
3 (12/09/01)	0 / 21	0 / 28
4 (27/09/01)	1 / 21	0 / 23
5 (12/10/01)	2 / 20	0 / 23
6 (27/10/01)	1 / 6	1 / 7
7 (11/11/01)	2 / 14	0 / 12

8 (26/11/01)	0 / 15	0 / 5
9 (11/12/01)	1 / 11	0 / 11
10 (26/12/01)	0 / 13	0 / 18
11 (10/01/02)	0 / 8	1 / 8
12 (25/01/02)	0 / 12	0 / 11
Total	9 / 193 (4,7 %)	2 / 197 (1,0 %)
	11 / 390 (2,8 %)	

José usou o artigo definido só uma vez em 107 ambientes onde o uso era possível e João apresenta três ocorrências do artigo definido em 167 ambientes. Quanto ao Par 3, Pedro usou apenas duas vezes em 197 ambientes e Paulo usou nove vezes em 193 possibilidades de uso. Podemos verificar, portanto, muito pouco uso do artigo definido diante de possessivos. E ainda, podemos observar pouca diferença entre os Pares 2 e 3.

ex.: Ø *Minha* mãe é dona de casa. (João, 1, E)

Eu e Ø *minha* amiga jogamos (...) (José, 1, N)

(...) Vanessa está com Ø *sua* gata. (Paulo, 1, N)

(...) Ø *seu* clube é Internacional. (Pedro, 1, E)

Ø *Meu* pai é muito fechado. (João, 2, E)

Ø *Meu* irmão mais novo tem (...) (José, 2, E)

(...) porque Ø *minha* professora falava muito rápido. (Paulo, 2, E)

Eles são minha Ø *meu* pais brasileiros (...) (Pedro, 2, E)

Catarina está divertindo .. Ø *sua* viagem e (...) (João, 3, N)

(...) nós entrevistamos sobre Ø *nossa* vida. (Paulo, 3, E)

(...) eu jogava futebol com Ø *minhas* colegas (...) (Pedro, 3, E)

(...) ele perde seu Ø *seu* balão. (Paulo, 4, N)

(...) Ø *minha* prima jogou com Ø *meu* irmão. (Pedro, 4, N)

(...) eu encontrei Ø *minha* namorada e Ø *meus* amigos (...) (José, 5, E)

(...) Pedro está com seu Ø *seu* cachorro (...) (Paulo, 6, N)

Ø *Meu* tio tem seis filhos. (Pedro, 6, E)

Menina com Ø *seu* pai estão entrando (...) (João, 7, N)
 (...) Amanda com sua Ø *sua* bicicleta e (...) (Paulo, 7, N)
 Mas agora Ø *meu* pensamento já mudou. (João, 8, E)
 Ø *Sua* mulher está olhando eles. (Paulo, 8, D)
 Ø *Seu* pai é japonês imigrante. (João, 9, E)
 (...) Ø *meu* filho seja um jogador (...) (Paulo, 9, E)
 Eu vou falar sobre Ø *meu* professor particular. (Pedro, 9, E)
 (...) especialmente para Ø *meu* pai. Ø *Minha* avó faleceu (...) (Paulo, 10, E)
 Mas Ø *meu* livro é mais importante (...) (João, 11, E)
 Mas eu comprei Ø *minha* carteira quando (...) (Paulo, 11, E)
 (...) Ø *minha* família é pouco grande. (Pedro, 12, E)

É interessante observar que todas as instâncias de uso do artigo ocorreram quando havia uma contração do artigo com preposições, como mostram os exemplos abaixo:

ex.: Meu irmão e esposa *do meu* irmão (...) (José, 2, E)
 (...) festa de aniversário *da minha* amiga (...) (Paulo, 2, E)
 (...) eu quase entende palavra *da minha* professora mas (...) (Paulo, 2, E)
 E Catarina já entrou *na sua* casa. (João, 4, N)
 Celso já entrou *na sua* casa. (João, 5, N)
 (...) foi ... casa casa casa *da sua* marido então (...) (Paulo, 5, E)
 Por isso Celso entrou na seu *na sua* casa. (Paulo, 5, N)
 Pai dela entrou *na sua* casa. (Paulo, 6, N)
 Caçula *do meu* tio tem... (Pedro, 6, E)
 (...) nós falávamos sobre história .. *do meu* colega (...) (Paulo, 7, E)
Na minha opinião (...) (Paulo, 9, E)
Na minha vida... (Pedro, 11, E)

Como já vimos, este uso, comparado à ausência de artigos nos demais contextos, faz supor que “do, da, no, na” estejam sendo compreendidos como um único morfema nesse ambiente e não como a contração de “de + artigo” e “em + artigo”.

Diferentemente dos resultados apresentados por Silva (1982, 1996), os coreanos praticamente não usaram o artigo definido diante de possessivos. Para os participantes, o uso do artigo definido não parece estar ligado à questão da especificidade nem a um certo grau de proximidade (primeira & segunda pessoa vs terceira pessoa).

A ausência do artigo definido é uma tendência geral para coreanos. Para coreanos, que têm dificuldades de usar o artigo definido em contextos de uso obrigatório, a ausência do artigo definido no contexto de uso opcional é previsível. Por outro lado, o artigo definido ocorreu apenas na contração com preposições, o que, sugere a interpretação de forma “preposição + artigo” como um único morfema.

5.5 O uso do artigo definido diante de antropônimos

Como vimos, o uso do artigo definido diante de antropônimos também é opcional. De acordo com Callou, Leite & Moraes (1995), Porto Alegre é uma região que mostra o uso mais freqüente comparado às demais regiões, como as regiões Sudeste e Nordeste. Nesta seção, observamos como os coreanos usam o artigo definido diante de antropônimos e comparamos os dados com o uso de brasileiros porto-alegrenses.

A Tabela 7-1 apresenta a freqüência de uso do artigo definido diante de antropônimos por brasileiros porto-alegrenses.

Tabela 7-1

Índice do uso do artigo definido diante de antropônimos por brasileiros porto-alegrenses

Carlos	Celso	Total
2 / 2 (100 %)	37 / 48 (77 %)	39 / 50 (78 %)

Embora os dados de Carlos não sejam suficientes, ambos os participantes mostraram em média 78% de uso do artigo definido diante de antropônimos. Esse

resultado corresponde ao resultado de Callou, Leite & Moraes (1995) apresentado na Seção 2.4.

No uso do artigo diante de antropônimos, também há algumas tendências.

1) Os antropônimos precedidos das preposições foram sempre utilizados com artigo: 15/15 (100%).

ex.: (...) *pelo* Brizola (...) (Carlos)

Do Nicolaiewsky (...) (Celso)

(...) conversei *com o* Nico (...) (Celso)

(...) história da morte *do* Getúlio (...) (Celso)

(...) tu és filho *do* (“Leon”) Behar (...) (Celso)

(...) desse vivas *ao* Getúlio (...) (Celso)

Eu fui colega *do* Carlos Nobre, *do* Cândido Norberto (...) (Celso)

Eu me lembro *da* Aida Terezinha (...) (Celso)

(...) *com o* Antônio Gabriel (...) (Celso)

(...) no programa *do* Chico Anísio (...) (Celso)

(...) a mãe *do* Washinton é (...) (Celso)

2) Diante de títulos, o artigo também ocorreu em todos os contextos: 5/5 (100%).

ex.: (...) se *o doutor* Saul é tio dele (...) (Celso)

(...) *o Sargento* Reduzino, que tocava (...) (Celso)

(...) comandante de companhia, *o Doutor* Orlando (...) (Celso)

O Doutor Biancamano, (...) (Celso)

Já nos dados dos coreanos do Par 1, o uso do artigo definido diante de antropônimos é raro, como vemos na Tabela 7-2.

Tabela 7-2

Índice do uso do artigo definido diante de antropônimos por coreanos (Par 1)

Encontros	Márcio	Marcos
1 (20/04/00)	0 / 0	0 / 0
2 (15/05/00)	0 / 0	0 / 0
3 (12/06/00)	0 / 1	0 / 0
4 (04/07/00)	0 / 1	2 / 8
Total	0 / 2 (0 %)	2 / 8 (25 %)
	2 / 10 (20 %)	

Ao passo que Márcio não usou o artigo diante de antropônimos, Marcos usou o artigo definido no último encontro, após 3 meses de seu aprendizado do português. Embora esses dados sejam poucos, podemos verificar que Marcos usou o artigo definido na contração com preposições.

ex.: (...) que é feito *pele professora Priscila*. (Marcos, 4)

(...) teste feito *pele Claudia* (...) (Marcos, 4)

Um fato interessante a observar é que o entrevistador porto-alegrense usava continuamente o artigo nas perguntas e os coreanos respondiam sem usá-lo.

ex.: Entrevistador: *A professora Sandra* aplicou (...) você acha *da Sandra*?

Marcos: Ø *Sandra* é melhor professora (...)

Entrevistador: Você tem aula só com *a Sandra*?

Marcos: Não. Ø *Renata*, Ø *Laura*, Ø *Daniel*. Antigamente Fabiane Ø *Fabiane* dei deu aula para nós.

Entrevistador: O que é que você acha *da professora Fabiane*?

Marcos: Ø *Fabiane* é muito inteligente (...)

Nos dados dos Pares 2 e 3, verificamos que o uso do artigo diante de antropônimos também é muito raro mesmo que a frequência de uso aumente um pouco, comparando com o uso diante de possessivos, como podemos ver nas Tabelas 7-3 e 7-4.

Tabela 7-3

Índice do uso do artigo definido diante de antropônimos por coreanos (Par 2)

Encontros	João	José
1 (13/08/01)	2 / 44	7 / 62
2 (28/08/01)	0 / 38	4 / 59
3 (12/09/01)	1 / 44	5 / 48
4 (27/09/01)	1 / 36	7 / 54
5 (12/10/01)	0 / 40	6 / 49
6 (27/10/01)	0 / 6	2 / 5
7 (11/11/01)	0 / 15	
8 (26/11/01)	0 / 15	
9 (11/12/01)	1 / 22	
10 (26/12/01)	1 / 15	
11 (10/01/02)	0 / 8	
12 (25/01/02)	0 / 17	
Total	6 / 300 (2,0 %)	31 / 277 (11,2 %)
	37 / 577 (6,4 %)	

Tabela 7-4

Índice do uso do artigo definido diante de antropônimos por coreanos (Par 3)

Encontros	Paulo	Pedro
1 (13/08/01)	3 / 45	1 / 48
2 (28/08/01)	5 / 42	0 / 47
3 (12/09/01)	4 / 50	0 / 44
4 (27/09/01)	6 / 44	0 / 44
5 (12/10/01)	3 / 46	0 / 48
6 (27/10/01)	2 / 7	2 / 6
7 (11/11/01)	1 / 14	0 / 13

8 (26/11/01)	2 / 17	0 / 13
9 (11/12/01)	2 / 18	0 / 10
10 (26/12/01)	1 / 15	0 / 13
11 (10/01/02)	4 / 12	0 / 10
12 (25/01/02)	4 / 19	0 / 12
Total	37 / 329 (11,3 %)	3 / 308 (1,0 %)
	40 / 637 (6,3 %)	

Nos dados do Par 2 podemos ver que João usa o artigo definido somente 6 vezes em 300 ambientes ao passo que José usa 31 vezes (11,2%). Nos dados do Par 3, Paulo usa o artigo definido 37 vezes (11,3%) em 329 ambientes e Pedro o usa somente 3 vezes em 308 ambientes. Esses resultados mostram que a frequência de uso do artigo definido diante de antropônimos não parece ter relação com o nível dos participantes.

Como vimos, o uso do artigo definido diante de antropônimos ocorre raramente embora a frequência de uso seja um pouco mais alta comparada ao uso diante de possessivos. Entre os Pares 2 e 3, os resultados também não têm muita diferença entre os participantes.

ex.: Ø Beto e Ø Rafaela encontraram na rua. (Paulo, 1, N)

Ø Gabriel tem óculos (...) (João, 2, E)

Ø Tite sempre é muito alegre. (Paulo, 3, E)

(...) eu e Ø Paulo precisamos pensar (...) (José, 4, N)

Ø Noemi é chilena. (João, 5, E)

Ø Rafael correu (...) e Ø André quis brincar (...) (Pedro, 8, N)

Ø Cristina e Ø Roberta são morenas e Ø Daniela e é loira. (João, 9, D)

Ø Garcia sempre tá sempre está estudando português. (João, 10, E)

Ø Sílvio e Ø João nadam junto e Ø Rosana está brincando e Ø Fernanda ... está .. está bronzeado. (Paulo, 10, N)

Ao lado deles Ø Paulo tá tomando banho com (...) (Pedro, 11, N)

Ø Dudu é muito gentil e (...) (Paulo, 12, E)

Podemos observar que houve a mesma tendência, no uso do artigo definido diante de antropônimos, que ocorreu diante de possessivos. Os participantes usaram o artigo definido 100% somente na contração com preposições.

- ex.: (...) todos coisas *da* Josefina (...) (João, 1, N)
 Por isso barraca *da* Catarina de repente está (...) (José, 2, N)
 E ... cachorro *do* Pedro está correndo para gata para Vanessa. (João, 3, N)
 Catarina corta cabelo cabelo *da* Josefina. (José, 3, N)
 (...) eu fui na casa na casa *do* Paulo para (...) (José, 4, E)
 (...) por isso por explicação *da* Rafaela (...) (José, 5, N)
 (...) e presente de.. sobrinho *do* Gabriel. (Pedro, 6, E)
 Cecília e Rafael correndo ao redor *do* André. (Paulo, 8, N)
 Olho *da* Letícia está (...) (João, 9, N)
 (...) cão *do* Pedro e gata *da* Vanessa parece (...) (Paulo, 11, N)
 (...) E ... unha *da* Mara .. é coreano de vermelha e (...) (Paulo, 12, D)

Também foi possível observar que, em várias ocasiões ao longo dos encontros, os participantes oscilavam entre o uso e o não uso do artigo definido, o que mostra que, mesmo que alguns dos participantes tenham usado um pouco mais o artigo nesse contexto, esse uso não revela uma regra sistematizada, mas sim, um subsistema em processo inicial de aquisição.

- ex.: (...) barraca *de* Ø Catarina é (...) barraca *de* Ø barraca *da* Catarina. (Paulo, 2, N)
 (...) cão *de* Ø Pedro (...) correi a gata *de* Ø gata *da* Vanessa. (José, 5, N)
 Realmente cão gostou gata *de* Ø Vanessa gata *da* Vanessa. (Pedro, 6, N)
 De repente cachorro *de* Ø Pedro corre para gata *da* Vanessa. (Paulo, 7, N)
 (...) cão *do* Pedro está correndo (...) Mas realmente cão *de* Ø Pedro gosta... (João, 10, N)

Como foi possível observar nos dados apresentados nas tabelas acima, não há muita diferença entre os participantes coreanos quanto à frequência de uso do artigo

definido diante de possessivos e de antropônimos. Além disso, ocorreu pouca mudança nesse uso do artigo ao longo do tempo. Ocorreu uma tendência de uso, para todos os participantes, apenas na contração com preposições. Por outro lado, quando os possessivos e os antropônimos aparecem no início de frase, quer dizer, sem preposições antecipadas, nenhum participante usou o artigo definido.

Em resposta à pergunta 2 desta pesquisa, que questiona como aparece o uso do artigo definido diante de possessivos e de antropônimos, por coreanos e por brasileiros, podemos dizer que a maior frequência de uso do artigo definido por porto-alegrenses é resultado de uma variação regional que revela um maior uso do artigo definido diante de possessivos e de antropônimos. Por outro lado, embora os aprendizes coreanos estivessem expostos a uma comunidade de fala que utiliza o artigo mais do que em outras regiões, isso não parece ter tido muita influência no seu processo de aquisição do artigo definido.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de estudar a aquisição do artigo definido por coreanos, discutimos o uso do artigo definido, observamos estudos anteriores sobre a aquisição de artigos e buscamos apoio teórico nos conceitos de transferência, interlíngua e variação. Os dados foram gerados através de entrevistas com 6 falantes de coreano aprendendo português como segunda língua em Porto Alegre. Categorizamos as funções do artigo definido em: uso em primeira menção, uso em segunda menção e uso genérico. Em seguida, analisamos as características e as inadequações do processo de aquisição e comparamos o uso diante de possessivos e de antropônimos com dados de 2 brasileiros.

Através da análise dos dados, foi possível constatar que o artigo definido é pouco usado por coreanos. Mesmo que o ambiente de uso seja claro como segunda menção, ocorreu pouco uso do artigo definido, conforme havíamos previsto.

A diferença entre o uso e a ausência do artigo definido é essencial para atribuir sentido a uma frase. Mesmo tendo consciência da diferença entre as duas línguas, os participantes coreanos tentaram resolver o problema através da esquiva. É possível explicar que a esquiva resulta da influência da L1 e/ou do conhecimento imaturo no período de aquisição aqui analisado.

Até o momento, parece que o sistema em vigor para esses aprendizes coreanos ainda é o sistema coreano, no qual não há marcação quando a informação já foi mencionada ou é compartilhada. Em relação ao referente específico e ao conhecimento pressuposto do interlocutor, usa-se Ø em coreano no lugar do artigo definido. Isso sugere uma possível transferência do sistema de marcação de especificidade do coreano

para o português.

Considerando a diferença entre as duas línguas e a complexidade do sistema, houve muita dificuldade na aquisição do artigo definido pelos aprendizes coreanos. Para adquirir um sistema que não existe na L1, os coreanos precisam de mais tempo do que outros falantes que usam o mesmo sistema ou um sistema semelhante na L1.

De todos os ambientes de uso do artigo definido, o uso na contração com preposições é o que, claramente, caracteriza a presença do artigo definido na produção dos coreanos. Como vimos, parece que os coreanos não percebem dois morfemas nesse ambiente.

E ainda, a comparação do uso do artigo definido diante de possessivos e diante de antropônimos corrobora as pesquisas anteriores no que diz respeito aos brasileiros porto-alegrenses, mas revela uma omissão consistente entre os aprendizes coreanos, a não ser em contexto preposição + artigo. Parece que mesmo sendo expostos a uma alta frequência de uso do artigo definido, isso não tem tanta influência como a L1, pelo menos nesta etapa de desenvolvimento.

Em resposta às perguntas deste estudo, que questionam como ocorre o processo de aquisição do artigo definido por coreanos e como os coreanos usam o artigo definido diante de possessivos e de antropônimos, podemos chegar às seguintes conclusões:

(1) A grande diferença entre o coreano (L1) e o português (L2) causa inadequações no uso do artigo definido. Como não existe o sistema de artigos na L1, os coreanos mostram baixa acurácia no uso do artigo definido.

(2) Como em coreano usa-se Ø no lugar do artigo definido, os coreanos transferem o sistema de marcação da L1 para o português.

(3) A complexidade da língua-alvo influencia a esquiva porque há várias regras de uso do artigo definido em português que os aprendizes coreanos devem organizar.

(4) Os aprendizes coreanos revelaram estar em uma fase inicial de desenvolvimento.

(5) Os coreanos levarão mais tempo para adquirir o artigo definido devido à

ausência da categoria na L1.

(6) O uso mais freqüente do artigo definido ocorreu na contração com preposições. Os coreanos parecem interpretar a forma de contração como um único morfema.

(7) Em relação à variação, os aprendizes de L2 não parecem ter sido influenciados pelo fato de a variedade a que estavam expostos ter um uso mais freqüente do artigo definido.

E, ainda, podemos supor que há outro fator complicador para os aprendizes coreanos no uso do artigo definido. Para usar o artigo definido, temos que marcar o gênero (masculino: o, os / feminino: a, as), que também não existe na língua coreana. Além disso, podemos supor que, como podem se comunicar mesmo sem usar o artigo definido, os aprendizes coreanos podem não fazer o esforço necessário para usar o artigo definido, mas simplesmente evitam usar esse sistema complicado e/ou desconhecido.

Em relação ao ensino da gramática, Larsen-Freeman (1995: 137) afirma que a instrução focalizada apenas no significado, necessariamente, não leva à correção gramatical. Os alunos podem expressar mensagens sem uma acurácia gramatical. Esse problema poderia, no entanto, ser superado pela instrução seletiva focalizada na forma. A instrução focalizada na forma pode ter um impacto positivo no desenvolvimento da interlíngua dos alunos que tiveram vários anos de experiência de uso da língua. Nassaji (2000: 245) confirma que as atividades comunicativas focalizadas apenas no significado não são adequadas para aprender uma L2. O que se precisa são atividades que integram forma e significado. Segundo Borg (1998: 28), o trabalho com a gramática ajuda os aprendizes a perceber formas na linguagem e pode facilitar a aprendizagem. Nesse sentido, estimular a conscientização das regras gramaticais ou pedir para comparar L1 e L2 pode ser muito proveitoso.

A partir dos dados que analisamos aqui, podemos sugerir que um ensino que crie oportunidades de uso de artigos através da conversa sobre assuntos do cotidiano e da narrativa de uma história e que discuta com os alunos os usos inadequados poderia

auxiliar os coreanos no processo de aprendizagem. Os aprendizes coreanos precisarão de mais tempo para superar a diferença entre o coreano e o português e para entender a complexidade do sistema de artigos do português. Nessa fase, é importante o papel dos professores de português como L2/LE. O ensino focalizado na forma com base nos resultados encontrados aqui pode auxiliar esse processo.

Este estudo teve como objetivo investigar o processo de aquisição do artigo definido em português como L2 por coreanos. Focalizamos aqui somente o artigo definido e a trajetória de aquisição de 6 aprendizes por 6 meses. Outros estudos que complementassem os resultados encontrados aqui seriam importantes para compreender melhor esse processo de aquisição. Poderíamos sugerir novos estudos que pudessem aprofundar os assuntos tratados aqui, por mais tempo, com mais aprendizes e falantes de outras línguas para que os resultados possam ser comparados e ampliados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADJEMIAN, Christian. On the nature of interlanguage systems. *Language Learning*, v. 26, p. 297-320, 1976.

_____. The transferability of lexical properties. In: GASS, S. M.; SELINKER, L. (eds.). *Language transfer in language learning*. Rowley: Newbury House, 1983. p. 250-268.

ALLEN, J. P. B. A three-level curriculum model for second language education. *The Canadian Modern Language Review*, v. 40, p. 23-43, 1983.

ANDRÉ, Hildebrando A. *Gramática ilustrada*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 1988.

ARD, Josh; HOMBURG, Taco. Verification of language transfer. In: GASS, S. M.; SELINKER, L. (eds.). *Language transfer in language learning*. Rowley: Newbury House, 1983. p. 157-176.

_____. Verification of language transfer. In: GASS, S. M. ; SELINKER, L. (eds.). *Language transfer in language learning*. Amsterdam: John Benjamins, 1992. p. 47-70.

ASSIS, Rosa Maria. Variações lingüísticas e suas implicações no ensino do vernáculo: uma abordagem sociolingüística. In: *Ilha do desterro – Sociolingüística*, v. 20. Florianópolis: UFSC, 1988. p. 59-81.

BAILEY, N.; MADDEN, C.; KRASHEN, S. Is there a “natural sequence” in adult second language learning? *Language Learning*, v. 24, p. 235-243, 1974.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

BENNETT-KASTOR, Tina. Noun phrases and coherence in child narratives. *Journal of Child Language*, v. 10, n. 1, p. 135-149, 1983.

BIALYSTOK, Ellen; SMITH, Michael Sharwood. Interlanguage is not a state of mind: an evaluation of the construct for second language acquisition. *Applied Linguistics*, v. 6, n. 2, p. 101-117, 1985.

BICKERTON, Derek. *Roots of language*. Ann Arbor: Karoma, 1981.

_____. The language bioprogram hypothesis. *Behavioral and Brain Sciences*, v. 7, p. 173-188, 1984.

BONNET VILLALBA, Terumi Koto. 'Pepe vio que no tiene jeito: substantivo mujer estrangeiros así mismo.' *As delicadas relações lexicais entre a L1 e a L2 na aquisição de espanhol por universitários brasileiros*. Porto Alegre: UFRGS, 2002. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

BORG, Simon. Teachers' pedagogical systems and grammar teaching: a qualitative study. *Tesol Quarterly*, v. 32, n. 1, p. 9-37, 1998.

BOTTARI, Piero; CIPRIANI, Paola; CHIOSI, Anna Maria et al. The determiner system in a group of italian children with SLI. *Language Acquisition*, v. 7, n. 2-4, p. 285-315, 1998.

BRESSEN, F. Remarks on genetic psycholinguistics: The acquisition of the article system in French. *Problemes actuels en psycholinguistique*, p. 67-72, 1974.

BROWN, Roger. *A first Language*. London: George Allen & Unwin, 1973.

CALLOU, Dinah. A variação no português do Brasil: o uso do artigo definido diante de antropônimos. In: *Faculdade de Letras da UFRJ, Série Conferências*, 9. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. p. 5-31.

_____.; LEITE, Yonne; MORAES, João. Variação dialetal no português do Brasil: aspectos fonéticos e morfossintáticos. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, v. 10, n. 14, p. 106-118, 1995.

CASTILHO, Ataliba. O português do Brasil. In: ILARI, R. *Linguística Românica*. São Paulo: Ática, 1992. p.237-285.

COOK, Vivian. *Second language learning and language teaching*. London: Edward Arnold, 1996.

_____. *Linguistics and second language acquisition*. Seoul: Dongin, 1998.

CORDER, S. Pit. The significance of learner's errors. *International Review of Applied Linguistics*, v. 5, p. 161-170, 1967.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís. F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CZIKO, Gary A. Testing the language bioprogram hypothesis: a review of children's acquisition of articles. *Language*, v. 62, n. 4, p. 878-898, 1986.

DAGUT, M.; LAUFER, Batia. Avoidance of phrasal verbs: a case of contrastive analysis. *Studies in Second Language Acquisition*, v. 7, p. 73-79, 1985.

DeKEYSER, Robert M. Beyond focus on form: cognitive perspectives on learning and practicing second language grammar. In: DOUGHTY, C.; WILLIAMS, J. (eds.). *Focus on form in classroom second language acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 42-63.

DOUGHTY, Catherine; WILLIAMS, Jessica. Pedagogical choices in focus on form. In: _____. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 197-261.

DULAY, Heidi; BURT, Marina K. Natural sequences in child second language acquisition. *Language Learning*, v. 24, p. 37-53, 1974.

_____. Creative construction in second language learning and teaching. In: BURT, M.; DULAY, H. (eds.). *New directions in second language learning, teaching and bilingual education*. Washington: TESOL, 1975. p. 21-32.

DUŠKOVÁ, Libuše. On sources of errors in foreign language learning. In: ROBINETT, B.; SCHACHTER, J. (eds.). *Second language learning: contrastive analysis, error analysis, and related aspects*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1983. p. 215-239.

ELLIS, Rod. *Understanding second language acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 1985.

_____. *The Study of second language acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 1994.

_____. Teaching and research: options in grammar teaching. *Tesol Quarterly*, v. 32, n. 1, p. 39-60, 1998.

EMSLIE, Hazel C.; STEVENSON, Rosemary J. Pre-school children's use of the articles in definite and indefinite referring expressions. *Journal of Child Language*, v. 8, n. 2, p. 313-328, 1981.

FERREIRA, Aurélio B. *Novo Aurélio Século 21 – o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FISCHER, Luís Augusto. *Dicionário de porto-alegrês*. 5. ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

FOSTER-COHEN, Susan H. SLA and first language acquisition. *Annual Review of Applied linguistics*, v. 19, p. 3-21, 1999.

FRAWLEY, William. *Linguistic semantics*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1992.

FREEMAN, Donald; RICHARDS, Jack. C. Conceptions of teaching and the education

of second language teachers. *Tesol Quarterly*, v. 20, n. 2, p. 192-216, 1993.

FRIES, C. Foreword. In: LADO, R. *Linguistics across cultures*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1957.

FURNARI, Eva. *Esconde-esconde: para crianças de 3 a 5 anos*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1984.

_____. *A menina e o dragão*. Belo Horizonte: Formato, 1990.

_____. *Catarina e Josefina*. Belo Horizonte: Formato, 1990.

_____. *Cabra-cega: para crianças de 3 a 5 anos*. 9. ed. São Paulo: Ática, 1999.

_____. *De vez em quando: para crianças de 2 a 4 anos*. 10. ed. São Paulo: Ática, 1999.

_____. *Todo dia: para crianças de 2 a 4 anos*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2001.

FUSARO, Karin. *Gírias de todas as tribos*. São Paulo: Panda, 2001.

GARCIA, Maria Cecília. *Minimanual compacto de gramática da língua portuguesa: teoria e prática*. São Paulo: Rideel, 2003.

GARTON, Alison F. An approach to the study of determiners in early language development. *Journal of Psycholinguistic Research*, v. 12, n. 5, p. 513-525, 1983.

GASS, Susan. A review of interlanguage syntax: language transfer and language universals. *Language Learning*, v. 34, n. 2, p. 115-131, 1984.

____.; SELINKER, Larry. *Second language acquisition: an introductory course*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1994.

_____. _____. 2. ed. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 2001.

GIVÓN, Talmy. *Syntax: A functional-typological introduction*. Amsterdam: Benjamin, 1984.

GREENBAUM, Sidney. *An introduction to English grammar*. 9. ed. London: Longman, 1997.

HALLIDAY, M. A. K.; McINTOSH, Angus; STREVEN, Peter. *The Linguistic sciences and language teaching*. Seoul: Kukhak Jaryowon, 1993.

HARLEY, Birgit. The role of focus-on form tasks in promoting child L2 acquisitions. In: DOUGHTY, C.; WILLIAMS, J. (eds.). *Focus on form in classroom second language acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 156-174.

- HASPELMATH, Martin. Explaining article-possessor complementarity: economic motivation in noun phrase syntax. *Language*, v. 75, n. 2, p. 227-243, 1999.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- HUEBNER, Thom. *A longitudinal analysis of the acquisition of English*. Ann Arbor: Karoma, 1983.
- HUDSON, R. A. *Sociolinguistics*. Seoul: Hanshin, 1995.
- KARMILOFF-SMITH, Annette. *A functional approach to child language: a study of determiners and reference*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.
- KATO, Mary Aizawa. *A semântica Gerativa e o artigo definido*. São Paulo: Ática, 1974.
- KELLERMAN, Eric; SMITH, Michael Sharwood. *Crosslinguistic influence in second language acquisition*. New York: Pergamon, 1986.
- KADMON, Nirit. *Formal pragmatics*. Oxford: Blackwell, 2001.
- KIM, Han Chul. Aquisição do artigo definido do português como segunda língua considerando a variação. In: *Anais do Colóquio Nacional Letras em diálogo e em contexto: Rumos e Desafios*. Porto Alegre: UFRGS, 2003. CD arquivo 12.
- _____. *Conversação portuguesa do novo milênio*. Seoul: Donginrang, 2001.
- KIM, Jie Young. Error analysis: a study of written errors of Korean EFL learners. *Journal of the applied linguistics association of Korea*, v. 14, n. 2, p. 21-58, 1998.
- KURY, Adriano da Gama. *Gramática fundamental da língua portuguesa do Brasil*. São Paulo: Lisa, 1972.
- LADO, Robert. *Linguistics across cultures*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1957.
- LAPA, M. Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. Lisboa: Seara Nova, 1973.
- LARSEN-FREEMAN, Diane. On the teaching and learning of grammar: challenging the myths. In: ECKMAN, F. R. et al. (eds.). *Second language acquisition: theory and pedagogy*. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 1995. p. 131-150.
- _____. The acquisition of grammatical morphemes by adult ESL students. *TESOL Quarterly*, v. 9, p. 409-430, 1975.
- LAUFER, Batia; ELIASSON, Stig. What causes avoidance in L2 learning: L1-L2

difference, L1-L2 similarity, or L2 complexity? *Studies in Second Language Acquisition*, v. 15, n. 1, p. 33-48, 1993.

LEE, Jung Min; BAE, Yung Nam; KIM, Yong Seok. *Dictionary of Linguistics*. 3. ed. Seoul: Bakyung, 2000.

LI, Defeng. It's always more difficult than you plan and imagine: teachers' perceived difficulties in introducing the communicative approach in South Korea. *Tesol Quarterly*, v. 32, n. 4, p. 677-703, 1998.

LIGHTBOWM, Pasty M. Exploring relationships between developmental and instructional sequences in L2 acquisition. In: SELIGER, H.; LONG, M. (eds.). *Classroom oriented research in second language acquisition*. Rowley: Newbury House, 1983. p. 217-243.

_____. Great expectations: second language acquisition research and classroom teaching. *Applied Linguistics*, v. 6, p. 173-189, 1985.

_____. What have we here? Some observations on the influence of instruction on L2 learning. In: PHILLIPSON, R.; KELLERMAN, E.; SELINKER, L. et al. (eds.). *Foreign/second language pedagogy: a commemorative volume for Claus Faerch*. Philadelphia: Multilingual Matters, 1991. p. 197-212.

_____. The importance of timing on focus on form. In: DOUGHTY, C.; WILLIAMS, J. (eds.). *Focus on form in classroom second language acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 177-196.

LITTLEWOOD, William. Language variation and second language acquisition theory. *Applied Linguistics*, v. 2, n. 2, p. 150-158, 1981.

_____. Defining and developing autonomy in East Asian contexts. *Applied linguistics*, v. 20, n. 1, p. 71-94, 1999.

LUFT, Celso Pedro. *Gramática resumida: explicação da nomenclatura gramatical brasileira*. 10. ed. Porto Alegre: Globo, 1989.

LYONS, John. *Semantica-1*. Lisboa: Presença, 1980.

McLAUGHLIN, Barry. *Theories of second language learning*. London: Edward Arnold, 1987.

MARATSOS, Michael. *The use of definite and indefinite reference in young children: an experimental study of semantic acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

NAKUMA, Constancio K. A new theoretical account of "fossilization": implications for L2 attrition research. *IRAL*, v. 36, n. 3, p. 247-256, 1998.

NASCIMENTO, M. *Sobre a semântica da passiva*. Belo Horizonte: UFMG, 1979. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, 1979.

NASSAJI, Hossein. Towards intergrating form-focussed instruction and communicative interaction in the second language classroom: some pedagogical possibilities. *The Modern Language Journal*, v. 84, n. 2, p. 241-250, 2000.

NEVES, Maria Helena de Moura. Possessivos. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Unicamp, 1993. p. 149-211.

_____. *Gramática de usos do Português*. São Paulo: UNESP, 2000.

ODLIN, Terence. *Language transfer: cross-linguistic influence in language learning*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

PARK, Kyung Ja; KANG, Bok Nam; JANG, Bok Myung. *Language teaching*. Seoul: Bakyung, 2000.

PARK, Nam Sik. Applied linguistics and theoretical linguistics. In: JUNG, Dong Bin (ed.). *Language and applied linguistics: psycholinguistics*. Seoul: Hanshin, 1991. p. 299-319.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998.

PRATOR, Clifford H. Adding a second language. In: CROFT, Kenneth (ed.). *Reading on English as a second language*. Cambridge: Winthrop, 1972. p. 23-35.

QUIRK, Randolph; GREENBAUM, Sidney. *A concise grammar of contemporary English*. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1973.

_____.; LEECH Geoffrey et al. *A comprehensive grammar of the English language*. 8. ed. London: Longman, 1990.

REVUZ, Christine. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, Inês (org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. São Paulo: Fapesp, 1998. p. 213-230.

RIBEIRAL, Nice Araújo. *Varição lingüística e aprendizagem de língua estrangeira: o caso das relativas*. São Paulo: PUCSP, 1989. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1989.

RICHARDS, Jack C. Social factors, interlanguage, and language learning. In: RICHARDS, J. C. (ed.). *Error analysis: perspectives on second language acquisition*. London: Longman, 1974. p. 64-91.

_____.; LOCKHART Charles. *Reflective teaching in second language classrooms*.

Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

____.; RODGERS, Theodore S. *Approaches and methods in language teaching*. Seoul: Hongik FLT, 1998.

RINGBOM, Hakan. *The role of the first language in foreign language learning*. Clevedon: Multilingual Matters, 1987.

ROBINETT, Betty Wallace; SCHCHTER, Jacquelyn. *Second language learning: contrastive analysis, error analysis and related aspects*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1983.

SCHLATTER, Margarete. *Transferência de estratégias de processamento do português para o inglês na compreensão de enunciados*. Porto Alegre: PUCRS, 1987. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1987.

____.; LAMPRECHT, Regina R. *Parâmetro do uso de artigos por adultos no português e aquisição dos artigos por crianças de 2;8 a 5;0 anos*. Porto Alegre: PUCRS, 1988. Monografia não publicada.

SCHMIDT, Richard W. The Role of Consciousness in Second Language Learning. *Applied Linguistics*, v. 11, p. 129-158, 1990.

____.; FROTA Sylvia Nagem. Developing basic conversational ability in a second language: a case study of an adult learner of portuguese. In: DAY, R. R. (ed.). *Talking to learn: conversation in second language acquisition*. Rowley: Newbury House, 1986. p. 237-326.

SELINKER, Larry. Interlanguage. *International Review of Applied Linguistics*, v. 10, p. 209-231, 1972.

____. *Rediscovering interlanguage*. London: Longman, 1992.

SILVA, Giselle Machline de O. *Estudo da regularidade na Variação dos Possessivos no Português do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1982. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1982.

____. Variáveis sociais e perfil do corpo censo. In: SILVA, G. M. & SCHERRE, M. M. (orgs.). *Padrões sociolinguísticos: Análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 51-81.

____. Realização facultativa do artigo definido diante de possessivo e de patronímico. In: _____. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 119-145.

____. O emprego do artigo diante de possessivos e de patronímicos: resultado social. In: _____. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 265-281.

SLOBIN, Dan Isaac. *Psicolingüística*. São Paulo: USP, 1978.

SPADA, Nina. Form-focussed instruction and second language acquisition: a review of classroom and laboratory research. *Language Teaching*, v. 30, p. 73-87, 1997.

_____.; LIGHTBOWN, Psaty M. Instruction and the development of questions in the L2 classroom. *Studies in Second Language Acquisition*, v. 14, p. 205-221, 1993.

_____. Instruction, L1 influence and developmental readiness in second language acquisition. *The Modern Language Journal*, v. 83, p. 1-22, 1999.

STERN, H. H. The analytic-experiential dimension. In: ALLEN, P.; HARLEY, B. (eds.). *Issues and options in language teaching*. Oxford: Oxford University Press, 1992. p. 301-316.

_____. *Fundamental concepts of language teaching*. Seoul: Hau, 1995.

STERN, S. *Generic use of articles in English*. Los Angeles: UCLA, 1977. Monografia não publicada.

STOCKWELL, R.; BOWEN, J.; MARTIN, J. *The grammatical structures of English and Italian*. Chicago: University of Chicago Press, 1965a.

_____. *The grammatical structures of English and Spanish*. Chicago: University of Chicago Press, 1965b.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 2002.

TARONE, Elaine. Interlanguage as chameleon. *Language Learning*, v. 29, n. 1, p. 181-191, 1979.

_____. On the variability of interlanguage systems. *Applied Linguistics*, v. 4, p. 142-163, 1983.

_____. Variability in interlanguage use: a study of style-shifting in morphology and syntax. *Language Learning*, v. 35, n. 3, p. 373-404, 1985.

_____.; PARRISH, Betsy. Task-related variation in interlanguage: the case of articles. *Language Learning*, v. 38, n. 1, p. 21-44, 1988.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e intrereração: uma proposta para o ensino da gramática no 1º e 2º graus*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

TRUDGILL, Peter. *Sociolinguistics: an introduction*. Daegu: Moonchang, 1998.

WARD, Gregory. Equatives and deferred reference. *Language*, v. 80, n. 2, p. 262-289, 2004.

WARDEN, David. A. The influence of contexto on children's use of identifying expressions and reference. *British Journal of Psychology*, v. 67, p. 101-112, 1976.

WODE, Henning. Language transfer: a cognitive functional and developmental view. In: KELLERMAN, E.; SMITH, M. S. *Crosslinguistic influence in second language acquisition*. New York: Pergamon, 1986. p. 173-183.

ŽEGARAC, Vlad. Relevance theory and *the* in second language acquisition. *Second Language Research*, v. 20, n. 3, p. 193-211, 2004.

ZILLES, Ana Maria Stahl. *A ordenação de sujeito, verbo e objeto no discurso narrativo de crianças de 4 a 6 anos*. Porto Alegre: PUCRS, 1992. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1992.

ZOBL, Helmut. The formal and developmental selectivity of L1 influence on L2 acquisition. *Language Learning*, v. 30, n. 1, p. 43-57, 1980.

_____. A direction for contrastive analysis: the comparative study of developmental sequence. *Tesol Quarterly*, v. 16, n. 2, p. 169-183, 1982.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Uso dos artigos em cada função e tarefa (Márcio / entrevista 1~4)

	1ª menção			2ª menção			Genérico			Total do def. (%)
	def.	ind.	Ø	def.	ind.	Ø	def.	ind.	Ø	
Nº de uso (%)	26 (51)	0	25 (49)	4 (44)	0	5 (56)	1 (25)	0	3 (75)	31/64 (48)

APÊNDICE B

Uso do artigo definido como 1ª menção em cada categoria (Márcio / entrevista 1~4)

	ref. comp.	ref. óbvio	ref. único	pelo poss.	antes topô.	antes insti.	exp. tempo	anáfo. assoc.	catá-fora	SN prep.
Nº (%)	2/4 (50)	8/16 (50)	0	0	11/15 (73)	3/3 (100)	2/8 (25)	0/1	0	0/4

APÊNDICE C

Uso dos artigos em cada função e tarefa (Marcos / entrevista 1~4)

	1ª menção			2ª menção			Genérico			Total do def. (%)
	def.	ind.	Ø	def.	ind.	Ø	def.	ind.	Ø	
Nº de uso (%)	29 (57)	0	22 (43)	2 (29)	0	5 (71)	0	0	2 (100)	31/60 (52)

APÊNDICE D

Uso do artigo definido como 1ª menção em cada categoria (Marcos / entrevista 1~4)

	ref. comp.	ref. óbvio	ref. único	pelo poss.	antes topô.	antes insti.	exp. tempo	anáfo. assoc.	catá-fora	SN prep.
Nº (%)	1/2 (50)	11/16 (69)	0	0/1	11/17 (65)	2/3 (67)	4/6 (67)	0	0	0/6

ANEXOS

ANEXO A

História “A menina e a flor” para narrativa

ANEXO B

História “A menina e o dragão” para narrativa

ANEXO C

Figura para descrição